Cultivar o Campo Vazio

A iluminação silénciosa do mestre zen Hongzhi

Taigen Dan Leighton com Yi wu

Tradução: Amadeu António

CULTIVAR O CAMPO VAZIO

A ILUMINAÇÃO SILENCIOSA DO MESTRE ZEN HONGZHI

Taigen Dan Leighton com Yi Wu

A verdadeira forma é magnificamente iluminada com fogo cintilante.
A voz do ensinamento é silêncio total no meio do tilintar dos sinos ao vento.
A lua suspende-se no velho pinheiro, fria na noite que cai.
A garça gelada, no seu ninho entre as nuvens, ainda não foi despertada dos seus sonhos.
— Hongzhi, *Homenagem ao Quarto Patriarca*

Uma pessoa do Caminho fundamentalmente não habita em lugar algum. As nuvens brancas encantam-se com a base da montanha verde. A lua brilhante aprecia ser transportada pela água corrente. As nuvens afastam-se e a montanha aparece. A lua põe-se e a água está fresca. Cada fragmento do outono contém uma vasta interpenetração sem limites.
— Hongzhi, *Instruções de Prática*

ÍNDICE

PREFÁCIO por Tenshin Anderson
PREFÁCIO
INTRODUÇÃO
- A Vida de Hongzhi
- O Contexto Soto
- Será a Iluminação Silenciosa Quietista?
- A Relação de Hongzhi com Dōgen
- O Campo Vazio da Natureza de Buda

INSTRUÇÕES DE PRÁTICA
VERSOS RELIGIOSOS
- Poema para o Bodhisattva Manjushri
- Poema para o Bodhisattva Samantabhadra
- Poema para o Bodhisattva Visão Universal
- Poema para o Bodhisattva Maitreya
- Poema para o Bodhisattva Sabedoria Pura
- Poema para o Bodhisattva Virtude Majestosa e Serenidade
- Poema para o Bodhisattva Discernimento Sonoro
- Poema para o Bodhisattva Iluminação Universal
- Poema para o Bodhisattva Iluminação Completa

- A Agulha de Acupunctura do Zazen
- As Cinco Posições
- Os Quatro Hóspedes e Anfitriões
- O Corpo da Verdade
- O Corpo da Resposta
- O Corpo que Emerge do Interior do Portão
- O Portão que Emerge do Interior do Corpo
- Memorial em Homenagem ao Terceiro Patriarca, Mestre Chan Zhijian
- Memorial em Homenagem ao Quarto Patriarca, Mestre Chan Dayi
- Memorial em Homenagem ao Quinto Patriarca, Mestre Chan Daman
- Memorial em Homenagem ao Mestre Chan Touzi Qing
- Em Louvor do Mestre Furong, Verdadeiro Patriarca
- Guia da Iluminação Silenciosa
- Guia para o Salão da Felicidade Pura

APÊNDICES

A. Poemas Fundamentais do Ensinamento do Zen Soto Chinês

- Canção da Cabana de Colmo por Shitou
- Harmonia da Diferença e da Igualdade por Shitou
- Canção do Samādhi do Espelho Precioso por Dongshan

B. Linhagem Soto: de Bodhidharma a Dōgen

C. Transliterações Wade-Giles dos Nomes Chineses

NOTAS

OS TRADUTORES

PREFÁCIO

Homenagem ao Buda Shakyamuni.
Homenagem à sucessão de fundadores indianos e pioneiros Zen no Caminho até ao presente.
Homenagem a Tiantong Hongzhi, autor deste livro.

Hongzhi disse:

"Vazio e sem desejos, frio e ténue, simples e genuíno — assim se eliminam e recolhem os hábitos remanescentes de muitas vidas. Quando as manchas dos velhos hábitos se esgotam, a luz original aparece, flamejando através do vosso crânio, sem admitir quaisquer outros assuntos. Vastíssimo e espaçoso, como céu e água fundindo-se durante o outono, como neve e lua tendo a mesma cor, este campo não possui fronteiras, está para além de direções, magnificamente uno, sem borda nem costura.

Além disso, quando vos voltardes para dentro e abandonardes completamente todas as coisas, a realização ocorre. Precisamente no momento do abandono total, deliberação e discussão ficam a mil ou dez mil milhas de distância. Ainda assim, nenhum princípio é discernível; portanto, o que poderia haver para indicar ou explicar?

As pessoas cujo fundo do balde caiu encontram imediatamente confiança total. Assim, dizem-nos simplesmente para realizar a resposta mútua e explorar a resposta mútua, depois voltar-se e entrar no mundo. Vagueai e brincai no samādhi. Cada detalhe aparece claramente diante de vós. Som e forma, eco e sombra, acontecem instantaneamente sem deixar vestígios."

Este ensinamento fala por si mesmo. Não preciso acrescentar-lhe nada. Direi apenas que me sinto profundamente comovido e grato por estes sublimes encorajamentos.

Com este livro, grande parte do *Registo Extenso* do grande mestre Hongzhi está agora disponível na nossa língua. Agora nós, falantes de inglês, podemos ouvir a bênção desta genuína linhagem de prática dos Budas e dos fundadores Zen. Passo a passo, a nossa língua está a tornar-se um meio para expressar o ensinamento do Buda. Esta tradução expandiu significativamente as nossas fontes literárias para um importante campo de estudo e prática — a iluminação silenciosa. Talvez ela esclareça algumas confusões comuns acerca da iluminação silenciosa no Zen. Por favor, desfrutem da leitura das palavras de Hongzhi.

O Reverendo Taigen Dan Leighton e o Professor Yi Wu trabalharam longa e arduamente, com grande energia e devoção, para criar esta tradução. Sinto-me orgulhoso e profundamente grato pelo que produziram.

Aguardo alegremente que gerações de estudantes ocidentais de Zen tenham a oportunidade de estudar profundamente este maravilhoso livro. Sinto-me inspirado e feliz por este texto estar disponível para aqueles que se dedicam a viver o caminho do Zen. Sem excepção, qualquer pessoa que tenha verdadeira comunhão com uma autêntica linhagem de Budas e adeptos Zen está destinada a libertar-se. Que estes ensinamentos tragam bem-estar a todos os seres vivos em toda a parte.

Tenshin Anderson, Professor Sénior do Dharma
Templo do Dragão Verde
Green Gulch Farm

PREFÁCIO

Os escritos do Mestre Chan Hongzhi Zhengjue, do século XII, são expressões poéticas de concentração meditativa e de perceção profunda, bem como do funcionamento da mente desperta. Estes ensinamentos ricos e densos talvez possam ser lidos de forma mais útil como se lê poesia. Hongzhi empregava um estilo mais holográfico do que o estilo racional e expositivo do pensamento ocidental; cada um dos seus parágrafos encapsula o ensinamento inteiro. Este material é simultaneamente literatura espiritual e instrução meditativa, destinado a ser saboreado deliberadamente, digerido e aceite como alimento.

Além de serem literatura evocativa, os escritos de Hongzhi são também instruções de prática meditativa para estudantes que procuram realizar a verdade Zen (Chan). Eles podem auxiliar-nos nas técnicas e na concretização da vida espiritual. O seu método de apresentação permite que atitudes e perceções benéficas atravessem os nossos pontos de vista condicionados e habituais, ajudando o processo de realinhamento com a nossa natureza verdadeira inerentemente luminosa. Estas instruções de prática são guias para a consciência na fonte unificada e iluminadora da criação, e também para uma interação responsiva apropriada no meio do mundo humano do desejo e da confusão.

Hongzhi foi o primeiro mestre a articular plenamente a iluminação silenciosa, uma forma de meditação não dual e sem objeto na qual a essência da verdade budista é experienciada. Chamada "apenas sentar" no Japão, esta prática apresenta impressionantes semelhanças com o Mahāmudrā e o Dzogchen tibetanos, outros exemplos de ensinamentos de meditação não dual e sem objeto na tradição budista. Quando estava a meio da tradução das *Instruções de Prática* de Hongzhi, tive a oportunidade de

participar num ensinamento de fim-de-semana sobre Dzogchen dado por Sua Santidade o Dalai Lama. Embora as preparações e o aparato devocional da prática tibetana fossem diferentes, quando o Dalai Lama falou da experiência meditativa efetiva do Dzogchen, senti como se estivesse a ouvir as mesmas palavras que traduzira de Hongzhi na noite anterior.

Os ensinamentos de Hongzhi têm uma importância primordial na história do desenvolvimento da prática meditativa Chan/Zen, particularmente como precursor principal do célebre pioneiro japonês do Zen, Dōgen.

Hongzhi deixou um vasto corpo de escritos celebrados pela sua eloquência, preservados pelos seus discípulos no *Registo Extenso do Mestre Chan Hongzhi*. Composto por nove volumes, estes escritos incluíam poesia, sermões, conversas informais e ditos, instruções dirigidas a estudantes individuais e coleções de antigas histórias de ensinamento. Aqui apresenta-se uma tradução completa do volume seis, as *Instruções de Prática*, juntamente com uma seleção dos *Versos Religiosos* do volume oito. Uma introdução apresenta abordagens ao ensinamento de Hongzhi e fornece contexto para a sua vida e obra.

Os escritos de Hongzhi, com a sua visão inspiradora da essência e do potencial do espírito universal, estiveram anteriormente disponíveis em inglês apenas em fragmentos dispersos. Espero que este volume sirva como uma introdução abrangente a Hongzhi para os ocidentais interessados.

As *Instruções de Prática* são apresentadas nos cinquenta e seis parágrafos do original chinês. Extraí títulos para cada parágrafo a partir do texto. Os títulos e subtítulos dos *Versos Religiosos*, contudo, pertencem todos ao próprio Hongzhi. Estes poemas selecionados aparecem na mesma ordem do volume oito do *Registo Extenso* de Hongzhi. O material entre parênteses retos no texto indica interpolações consideradas necessárias para clareza, por exemplo sujeitos não explicitados.

Todos os termos e nomes chineses no texto são escritos segundo o sistema contemporâneo de transliteração Pinyin, exceto nos títulos de obras em inglês que utilizam o sistema mais antigo Wade-Giles. Com algumas exceções, a transliteração Pinyin pronuncia-se aproximadamente como aparece escrita. Todos os grupos vocálicos são ditongos. O “c” pronuncia-

se como o “ts” da palavra inglesa *tsetse*. O “q” pronuncia-se como o “ch” de *chuckle*. O “x” pronuncia-se como o “sh” de *sugar*. O “zh” pronuncia-se como o “dg” de *fudging*. A transliteração equivalente Wade-Giles para os nomes chineses é fornecida no Apêndice C.

Gostaria de expressar a minha profunda apreciação a Yi Wu, Professor de Língua Chinesa no California Institute of Integral Studies, em São Francisco. Ele reviu comigo a primeira fase da tradução para esclarecer questões de vocabulário e gramática e verificar a exatidão. Yi Wu contribuiu para a tradução não apenas com o seu entendimento linguístico, mas também com o seu conhecimento especializado da sabedoria e literatura clássicas chinesas.

Estou grato a Mark Tatz, Rina Sircar e Jim Mitchell pela leitura cuidadosa e sugestões, e a Rosalind Leighton pela hábil assistência editorial. Ajuda indispensável e encorajamento foram prestados de diversas formas por Paul Schwartz, Marty Wolfe, Lou e Blanche Hartman, Kazuaki Tanahashi, Linda Hess, Stephen Colgan e Jack Earley. Agradecimentos também ao Bhikṣu Heng Shen, do Mosteiro Gold Mountain em São Francisco, que forneceu o desenho de Hongzhi. Agradeço igualmente a Gary Snyder por incentivar a publicação deste livro, e a Jack Shoemaker, Barbara Ras e às pessoas da North Point Press pelo apoio na sua publicação inicial.

Dedico especialmente este trabalho ao Reverendo Kanda Nakajima, que me colocou firmemente no caminho do “apenas sentar”; a Tenshin Reb Anderson, pela sua paciência e orientação de todo o coração ao longo de muitos anos; e a Thomas Cleary, a quem todos os estudantes anglófonos da sabedoria do Leste Asiático devem uma dívida imensurável.

Esta edição revista e expandida, publicada para saudar o novo milénio pela Tuttle Publishing, inclui pequenas revisões na Introdução, nas Notas e nos anteriores *Versos Religiosos*; nove *Versos Religiosos* adicionais recentemente traduzidos; material suplementar nos Apêndices; e uma bibliografia selecionada atualizada.

Estou profundamente grato à Tuttle por permitir que os escritos de Hongzhi permaneçam disponíveis, e especialmente a Jan Johnson, da Tuttle, e à minha agente, Victoria Shoemaker. Agradecimentos a Shohaku

Okumura, John McRae e Kazuaki Tanahashi pela sua valiosa ajuda relativamente a algumas questões nos versos recentemente traduzidos.

Puqung, discípulo de Hongzhi e compilador do volume seis do *Registo Extenso*, pede no seu prefácio que o leitor desculpe a sua tentativa de registar as palestras de Hongzhi, dada a superficialidade da sua própria realização em comparação com a do seu mestre. Quanto mais deverá um tradutor moderno desculpar-se, separado de Hongzhi não apenas por profundidades de realização e oito séculos e meio, mas também pela diferença entre o chinês e o inglês!

Apesar das inevitáveis inadequações de tal tradução, mesmo no seu melhor, esta tentativa é oferecida com a fé de que a expressão de mente clara e radiante de Hongzhi continuará a brilhar e ainda terá a capacidade de orientar e inspirar praticantes espirituais no processo de realização da sua própria mente iluminadora omnipresente.

Taigen Dan Leighton

INTRODUÇÃO

A iluminação silenciosa que o Mestre Zen Hongzhi expõe é simultaneamente uma forma de prática de meditação sentada e uma orientação para um modo espiritual de vida. As suas instruções meditativas não especificam posturas iogues nem rituais do tipo que seriam familiares aos seus estudantes nos procedimentos do templo onde ensinava. Em vez disso, os seus escritos revelam as muitas facetas da experiência universalmente acessível da meditação não dual e sem objeto, bem como os refinamentos e afinações intermináveis envolvidos em viver plenamente essa consciência.

A maior parte da meditação tradicional, tanto budista como não budista, envolve concentração em objetos específicos, tais como imagens visuais, sons, respiração, conceitos, histórias ou divindades, a fim de desenvolver estados elevados de consciência concentrada chamados *samādhi*. A iluminação silenciosa, contudo, implica um afastamento do foco exclusivo num objeto sensorial ou mental particular, permitindo uma apreensão atenta de todos os fenómenos enquanto totalidade unificada.

Esta meditação sem objeto visa um não dualismo radical e refinado que não se apega a nenhuma das distinções extremamente subtis para as quais os nossos habituais processos mentais têm propensão e que nos afastam da nossa experiência. Tal dicotomização sujeito-objeto é entendida como artificial, uma fabricação.

A iluminação silenciosa é também sem objeto no sentido de não procurar metas específicas e limitadas. O propósito último da prática espiritual — a mente/coração universalmente desperto — não pode ser separado do nosso próprio ser inerente nem da nossa consciência imediata, momento após momento. Como Hongzhi enfatiza, toda a prática assenta na fé, verificada na experiência, de que o campo de vasto brilho nos pertence desde o princípio.

O esforço e a dedicação do praticante são consagrados a manifestar esta verdade última com constância precisamente no meio da existência comum. Assim, a iluminação silenciosa é plenamente experienciada na contemplação meditativa e depois expressa naturalmente em comportamento compassivo e sincero no mundo.

A expressão da iluminação silenciosa por Hongzhi é o culminar de uma sofisticada tradição de ensinamento budista Zen inspirada pelos fundadores da linhagem chinesa Caodong (pronuncia-se “tsow-dong”), mais tarde chamada Soto no Japão. (Embora Hongzhi fosse chinês, termos japoneses como “Zen” e “Soto”, mais amplamente conhecidos no Ocidente, serão geralmente utilizados nesta obra por razões de clareza.)

Esta tradição Soto chinesa desenvolveu uma compreensão teórica através da dialética entre a perceção da verdade universal e a sua interação com as particularidades do mundo fenomenal. Um modelo de prática correspondente foi concretizado através da dialética entre a introspeção meditativa e a atividade naturalmente apropriada na vida quotidiana.

As *Instruções de Prática* de Hongzhi constituem a expressão graciosa e subtil da fruição prática desta tradição. A sua obra foi posteriormente elaborada e desenvolvida no Japão pelo Mestre Zen Dōgen e pela tradição Soto que dele derivou.

A iluminação silenciosa de Hongzhi possui grande relevância para os buscadores espirituais contemporâneos. Os seus ensinamentos são importantes enquanto fonte primária para Dōgen, cuja obra permanece

altamente influente na prática Zen. Mais ainda, Hongzhi é valioso enquanto guia lúcido, para além de qualquer tradição particular, relativamente às subtilezas da consciência espiritual e à sua vida no mundo.

O vasto e luminoso campo búdico de Hongzhi é o campo da natureza búdica, a nossa inalienável dotação de sabedoria. Hongzhi diz-nos que este luminoso campo vazio, que reside imanente em todos nós, não pode de modo algum ser cultivado ou artificialmente ampliado. Devemos apenas reconhecê-lo e não permitir que o nosso pensamento inquieto, travesso e condicionado interfira com a nossa própria clareza radiante.

A Vida de Hongzhi

Hongzhi Zhengjue (1091–1157) nasceu em Xizhou, na atual província de Shanxi, numa família de apelido Li.^1 Embora Hongzhi, ou "Sabedoria Vasta", fosse um nome póstumo concedido pelo imperador, em nome da clareza e da consistência ele é utilizado ao longo desta obra.

Durante a sua vida teria sido chamado Zhengjue e, mais tarde, Tiantong Zhengjue; Zhengjue, "Despertar Correto (ou Verdadeiro)", era o seu nome de ordenação monástica, e Tiantong era a montanha onde se situava o seu templo. Em japonês, Hongzhi é conhecido como Wanshi Shōgaku, a pronúncia japonesa dos caracteres chineses de Hongzhi Zhengjue.

Hongzhi foi uma criança muito inteligente, memorizando vários milhares de caracteres antes dos sete anos. O seu pai, Congdao, era discípulo leigo de Desun, que por sua vez fora discípulo de Huanglong Huinan (m. 1069), fundador de um dos dois principais ramos do Chan Linji.^2 Desun ficou impressionado com o filho de Congdao e predisse que ele se tornaria um recetáculo do dharma, alguém que realizaria e transmitiria o ensinamento da verdade.

Quando tinha onze anos, Hongzhi deixou a casa para se tornar monge. Aos dezoito anos foi para Ruzhou, na atual província de Henan, estudar com o mestre Zen Soto Kumu Faqeng (1071–1128). O estilo de prática de Kumu envolvia meditação sentada tão imóvel que se dizia que o seu corpo se assemelhava a um bloco de madeira seca, daí o seu nome, que significa "Madeira Seca, Dharma Completo". Hongzhi emulou esta prática de imobilidade sentada ao longo de toda a sua carreira. Esta postura sentada de

pernas cruzadas em lótus é a prática fundamental da tradição Soto, o contexto físico implícito de todas as instruções meditativas de Hongzhi.

Após alguns anos, Hongzhi viajou para outros templos. No Templo Xiangshan (Montanha do Incenso), Hongzhi ouviu um monge recitar a frase do *Sutra da Guirlanda de Flores*:

"Os olhos que os nossos pais nos deram podem contemplar três mil mundos."

Ao ouvir isto, Hongzhi experienciou um despertar.^3

Quando Hongzhi relatou a sua experiência ao Mestre Xiangshan (como frequentemente acontecia, o abade era conhecido pelo nome do templo), Xiangshan apontou para uma caixa de incenso e perguntou:

— O que está lá dentro?

Hongzhi respondeu:

— O que faz a Mente?

Xiangshan perguntou:

— De onde vem a tua iluminação?

Hongzhi desenhou um círculo no ar com a mão e lançou-o para trás de si. Xiangshan disse:

— És um homem que produz turvação. Qual é a tua capacidade?

Hongzhi respondeu:

— Erro.

Xiangshan disse:

— Não vejas as pessoas como outras.

E Hongzhi respondeu:

— Sim, sim.

Tais diálogos possuem a sua própria lógica e funcionam de forma mais eficaz com explicação mínima. A resposta de Hongzhi a Xiangshan acerca da caixa de incenso reflete a sua compreensão da total interpenetração entre mente e fenómenos. Mais tarde, Dōgen ecoaria Hongzhi quando chamou à sua própria vida "um erro contínuo".

Hongzhi deixou Xiangshan e, aos vinte e três anos, chegou ao templo de Danxia Zichun (1054–1119). Danxia perguntou-lhe:

— O que é o teu eu antes do kalpa vazio?^4

Hongzhi respondeu:

— Um sapo num poço engole a lua; à meia-noite não peço emprestada uma lanterna.

Danxia disse:

— Ainda não.

Quando Hongzhi se preparava para responder, Danxia bateu-lhe com o espanador e perguntou:

— Ainda dizes que não pedes emprestado?

Hongzhi experienciou algum entendimento e curvou-se. Danxia disse:

— Porque não fazes uma afirmação?

Hongzhi respondeu:

— Hoje perdi dinheiro e fui castigado.

Danxia disse:

— Não tenho tempo para te bater.

A resposta de Hongzhi acerca de não pedir emprestada uma lanterna à meia-noite pode ser entendida como uma expressão do sentido Soto da interfusão entre luz e escuridão. Precisamente na negrura da fusão com o vazio, a luz da diferenciação emerge naturalmente. Além disso, no recolhimento introspetivo do apego aos fenómenos sensoriais, surge a própria iluminação interior. A resposta de Hongzhi refere-se também à história de um monge que se despedia do seu mestre a meio da noite.

O mestre entregou-lhe uma lanterna mas, quando o estudante partia na escuridão, soprou a chama, levando o estudante ao despertar. Danxia, contudo, não aceitou a primeira resposta de Hongzhi e retomou a palavra "emprestar" para enfatizar a relação do estudante com o mestre e a necessidade de experienciar intimamente a verdade.

Danxia Zichun era irmão no dharma do antigo mestre de Hongzhi, Kumu, sendo ambos discípulos do célebre mestre Furong Daokai (1043–

1118). Algumas gerações depois de a transmissão do Zen Soto quase se extinguir, Furong revitalizou a escola, estabelecendo fortes padrões para a comunidade monástica. Furong recusou a oferta de honras elaboradas por parte do imperador, considerando-as inadequadas para um monge, o que conduziu ao seu exílio durante vários anos. Este modelo de integridade impressionou profundamente Hongzhi, cujo poema em louvor de Furong pode ser encontrado nos *Versos Religiosos* abaixo.

Hongzhi passou vários anos a estudar com Danxia Zichun, seguindo-o quando Danxia se mudou do seu templo na Montanha Danxia, em Henan, para o Monte Daqeng e mais tarde para o Monte Dehong, em Hubei. Em ambos os locais ocupou a posição de "primeiro assento", como assistente de ensino de Danxia. Antes da morte de Danxia, em 1119, Hongzhi recebeu dele o selo de transmissão, certificando a sua compreensão e qualificação para ensinar o dharma.

Hongzhi viveu então em vários templos, incluindo visitas ao mosteiro Chenju Juyuan, na Montanha Yunju, em Jiangxi, onde Yuanwu Keqin (1063–1135) ensinava. A célebre coleção de Yuanwu, composta por cem histórias com comentários — o *Registo do Penhasco Azul* — é uma das fontes mais frequentemente utilizadas para o estudo meditativo Zen dos diálogos e histórias dos antigos mestres, chamados *kung-an* em chinês e *kōan* em japonês (literalmente, "casos públicos").^5

O estudo de Hongzhi com Yuanwu provavelmente proporcionou-lhe alguma familiaridade com a prática formal de kōans tal como era realizada na escola Rinzai daquela época. Mais tarde, Hongzhi compilou as suas próprias coleções de antigos kōans, uma das quais se tornou a base do popular *Livro da Serenidade*.

Em 1129, Hongzhi aceitou um convite para ensinar no Mosteiro Jingde (Virtude Brilhante), no Monte Tiantong, na província de Ming, na atual Zhejiang. Quando Hongzhi chegou, o Mosteiro Jingde era pequeno e encontrava-se degradado. Sob a supervisão de Hongzhi, o templo foi reconstruído e acabou por acolher mil e duzentos monges. O seu enorme salão de meditação conseguia acomodar todos os monges atraídos pelo seu rico ensinamento.

Hongzhi parece ter permanecido imperturbável no meio das dificuldades desta expansão. O sucessor japonês Soto Eihei Dōgen (1200–

1253) conta a história de uma ocasião em que o mosteiro de Hongzhi possuía provisões para mil monges, mas mil e quinhentos ou mil e seiscentos se tinham reunido. Um oficial do templo implorou a Hongzhi que mandasse embora os monges excedentários. Hongzhi respondeu resolutamente:

"Cada um deles tem a sua própria boca. Isso não é da tua conta. Não te preocupes com isso."^6

Dōgen elogia a fé de Hongzhi na prática sincera como o assunto essencial.

Este foi um período de tumulto político e social na China, frequentemente acompanhado por perturbações esporádicas da agricultura e fome generalizada. Embora já não fosse costume nos templos Zen, o próprio Hongzhi não tomava alimento depois do meio-dia. Em várias ocasiões doou alimentos das reservas do templo aos aldeões vizinhos, salvando assim muitas vidas.

Desde a sua chegada em 1129, Hongzhi permaneceu no Monte Tiantong, recusando todos os convites para partir. Era vastamente erudito, versado no confucionismo e noutras tradições culturais chinesas, e capaz de aplicar a sua eloquência ao ensinamento da prática Zen. Articulou a praxis meditativa da tradição Soto através do seu ensinamento da iluminação silenciosa, formulando os princípios orientadores da meditação nesta tradição tal como Furong o fizera para a vida da comunidade monástica.

No outono de 1157, Hongzhi desceu da montanha pela primeira vez em quase trinta anos. Visitou oficiais militares e governamentais locais, bem como patronos leigos do seu templo, para se despedir e agradecer o seu apoio. Regressou ao Templo Jingde a dez de Novembro e, na manhã seguinte, tomou banho, vestiu roupas limpas e dirigiu-se ao salão do dharma (salão de palestras), onde fez um discurso de despedida aos seus monges.

Pediu ao seu assistente um pincel e escreveu uma carta ao seu colega e ocasional crítico, o mestre Zen Dahui Zonggao (1089–1163),^7 pedindo-lhe que assumisse a direção do templo.

Depois Hongzhi escreveu:

Sonhos ilusórios, flores fantasma —
Sessenta e sete anos.
Um pássaro branco desaparece no nevoeiro,
As águas de outono fundem-se com o céu.^8

Depois disso faleceu em posição formal de meditação. Diz-se que o seu corpo permaneceu intacto no caixão durante sete dias.

Seis meses depois, o imperador da dinastia Song do Sul, Gaocong, concedeu-lhe o título póstumo de Hongzhi Chanshi, "Mestre Chan da Sabedoria Vasta". A influência imediata de Hongzhi foi mantida através dos seus numerosos sucessores diretos, oito dos quais mereceram as suas próprias biografias no *Cinco Lâmpadas Fundidas na Fonte*, uma compilação abreviada do século XIII de cinco grandes textos da história Zen.^9

O Contexto Soto

A prática da iluminação silenciosa de Hongzhi inclui um elemento devocional implícito: reverência, expressa nos seus escritos através da sua profunda apreciação da natureza; e gratidão, evidente no respeito pela linhagem de mestres que transmitiram a prática.

Em particular, ele venera os grandes Patriarcas, as figuras fundadoras da linhagem que estabeleceram ou enriqueceram a tradição, e a quem Hongzhi dirigiu alguns dos seus versos. A atitude pessoal de Hongzhi de "servir os ancestrais" concretiza-se geralmente nos templos Zen através da recitação ritual diária dos nomes da linhagem que remonta ao Buda Shakyamuni.

As *Instruções de Prática* de Hongzhi podem ser mais plenamente apreciadas se se compreender como elas ecoam e sintetizam os ensinamentos fundamentais da linhagem Caodong/Soto. Particularmente importantes para a compreensão da filosofia e do vocabulário de Hongzhi são as obras de Shitou e Dongshan, bem como os seus ensinamentos acerca da interação entre o universal e o particular, formulados por Dongshan nas cinco posições.

A linhagem Soto descendeu do célebre Sexto Patriarca do Zen, Dajian Huineng (638–713), através do seu sucessor de segunda geração Shitou Xiqian (700–790). Shitou e Mazu Dao-i (709–788), outro descendente de

segunda geração de Huineng, foram os dois grandes mestres da sua época na China, dos quais descende todo o Zen posterior.^10

Hongzhi faz frequentemente referência aos ensinamentos de Shitou, cujo nome significa "Acima da Rocha", assim chamado por causa de uma cabana que construiu sobre um grande rochedo perto do seu templo e onde residia.

Shitou despertou ao ler uma passagem de Sengzhao (374–414):^11

"O homem supremo é vazio e oco; não possui forma, contudo, entre as miríades de coisas, não existe nenhuma que não seja criação sua. Quem pode compreender as miríades de coisas como sendo si mesmo? Apenas um sábio."

Perante isto, Shitou disse:

"Um sábio não possui eu, contudo não existe nada que não seja ele próprio."^12

A partir desta perceção do vazio e da interligação, Shitou formulou os princípios básicos da compreensão daquilo que viria a tornar-se a tradição Soto no seu clássico poema longo *Harmonia da Diferença e da Igualdade*.^13

"Harmonia" descreve a interação dialética entre o universal, ou último, e os particulares, ou fenomenais. Embora o poema seja expressão da perceção pessoal de Shitou, as suas categorias de análise filosófica derivam da dialética yin-yang do Daoismo chinês e, em grande medida, do sistema dialéctico budista Huayan chinês, extraído do *Sutra Huayan*, ou *Sutra da Guirlanda de Flores*.

Este sutra, considerado a declaração do Buda Shakyamuni após o seu despertar, era incompreensível para os potenciais estudantes na época do próprio Shakyamuni. Mais tarde, no Leste Asiático, passou a ser amplamente considerado a mais elevada expressão da filosofia budista.

Embora o próprio sutra seja uma descrição altamente visionária e exaltada da interdependência universal e da vastidão, poder e desenvolvimento da atividade dos bodhisattvas (seres iluminadores dedicados ao despertar universal), os comentadores chineses derivaram dele numerosos sistemas teóricos para classificar os estádios e aspetos da mente iluminada e do ensinamento. Sistemas como o quádruplo

dharmadhātu Huayan, ou reino da realidade, preocupavam-se com a relação entre princípio e fenómenos, constituindo uma base para estas teorias Soto.

A interação entre o último e o fenomenal permeia, de forma mais ou menos explícita, todo o ensinamento Soto subsequente, incluindo o de Hongzhi, utilizando terminologia variada conforme pareça mais útil em cada momento.

Em *Harmonia da Diferença e da Igualdade*, Shitou equipara o último ou universal à escuridão (também por vezes chamada princípio, unidade, mesmidade indiferenciada, ou aquilo que Shitou designa "a fonte espiritual"). A luz, em contraste, significa o mundo das particularidades — sendo esta a luz que diferencia os fenómenos, as "dez mil" coisas objetificadas do reino do desejo sensorial.

Além de universal e particular, estes dois foram também designados como:

- real e aparente;
- nouménico e fenomenal;
- verdadeiro e parcial;
- direito e inclinado;
- recto e curvo;
- igual e diverso;
- vazio e formado.

São análogos à relação entre a realização da verdade e o seu funcionamento.

O universal e o particular também foram expressos em termos da relação entre:

- anfitrião e hóspede;
- senhor e vassalo;
- preto e branco;
- sujeito e objeto;

- yang e yin.

O desenvolvimento pleno da relação entre o universal e o particular é exposto nos ensinamentos das cinco posições (ou graus) de Dongshan Liangjie (807–869), sucessor de terceira geração de Shitou, no seu poema "Canção do Samādhi do Espelho Precioso" e em dois conjuntos de versos comentados.^14 O que veio a ser chamado escola "Caodong" (Soto) recebe o nome de Dongshan combinado com o nome Caoqi, o lugar onde o Sexto Patriarca Huineng ensinou, ou talvez (segundo algumas fontes) o nome de Caoshan Benji (840–901), um dos discípulos mais proeminentes de Dongshan, que elaborou o lado teórico do ensinamento das cinco posições.

Hongzhi fala diretamente das cinco posições uma vez nas *Instruções de Prática*, referindo-se à versão do ensinamento denominada "cinco níveis de realização"; os seus versos comentados sobre as cinco posições estão incluídos nos *Versos Religiosos*. O tema da relação entre a realização do último e o funcionamento no meio dos fenómenos, que subjaz a todas as formulações das cinco posições, é claramente uma preocupação central no ensinamento de Hongzhi. Ele brinca com este tema através de metáforas poéticas da natureza e encorajando e exortando os seus ouvintes, descrevendo frequentemente o processo e o cumprimento desta integração entre universalidade e particularidade.

Por exemplo:

Onde o vazio é vazio, contém toda a existência; onde a existência existe, une-se ao único vazio… A fusão da igualdade e da diferença torna-se a mãe da criação inteira. Este reino manifesta a energia dos muitos milhares de seres.

A presença implícita das cinco posições enquanto pano de fundo conceptual das concretizações práticas e da imagética Soto exige a sua inclusão em qualquer discussão sobre Hongzhi, e exemplos de cada uma das cinco posições podem ser discernidos ao longo das *Instruções de Prática* de Hongzhi.

As cinco posições são, primeiro, "o fenomenal dentro do real", ver os particulares contra o pano de fundo do último; segundo, "o real dentro dos fenómenos", ver o universal último em cada acontecimento particular;

terceiro, “vir de dentro do real”, emergir silencioso e resplandecente do estado experiencial de união com o último; quarto, “entrar tanto no fenomenal como no real”, usar com familiaridade tanto os particulares como o sentido do universal; e quinto, “chegar dentro de ambos conjuntamente”, usar livremente quer o fenomenal quer a realidade inefável sem se apegar a nenhum deles e sem os considerar separados.

Estas cinco posições representam aspetos ontológicos da mente desperta mais do que estádios de desenvolvimento espiritual.

Dongshan apresentou também um segundo sistema paralelo chamado os cinco graus de realização meritória, os quais refletem efetivamente graus de desenvolvimento da realização. Estes são conversão ou intenção (compromisso consciente); serviço (cumprimento obediente da prática); realização (imersão na não discriminação); realização coletiva (retorno à interação cuidadosa com os seres); e realização consumada (os seres individuais e a sua interligação universal interpenetrante vistos como idênticos).

Embora sempre filosoficamente relevantes, os esquemas das cinco posições receberam diferentes graus de ênfase dentro da tradição. A prioridade da prática efetiva foi afirmada por figuras como Dōgen, que minimizou as cinco posições por sentir que incentivavam uma fixação numa compreensão excessivamente formulaica. De facto, a linhagem Soto sobrevivente descendeu do discípulo de Dongshan, Yunju Daoying (m. 902), que enfatizava a prática, e não de Caoshan Benji, que promovia o ensinamento das cinco posições.

Ainda assim, em diferentes épocas, os monges Soto continuaram a especular acerca destes ensinamentos, seguindo as várias formulações alternativas sugeridas por Caoshan. As cinco posições são também consideradas um dos níveis mais elevados de kōans, precedendo apenas os preceitos, no sistema graduado contemporâneo de kōans da escola japonesa Rinzai.^15

Tais sistemas de fenomenologia budista podem parecer abstratos e esotéricos, mas Dongshan pretendia que as cinco posições fossem estudadas em conjunto com a prática. Hongzhi ecoa igualmente o

ensinamento prático que Shitou desenvolveu juntamente com as suas perceções acerca do universal e do particular.

A prática budista tradicional envolve transcender o nosso apego aos objetos do desejo, que resulta da ilusão de que os fenómenos existem inerentemente por si mesmos, separados e alienados. Este apego é visto como a fonte do sofrimento. Contudo, a prática de Shitou procura também transcender o apego à nossa realização experiencial do último. Como ele diz em "Harmonia da Diferença e da Igualdade":

"Concordar com a igualdade ainda não é iluminação."

O objetivo da prática de Shitou, tal como da de Hongzhi, é a integração plena da profunda consciência experiencial da fonte última com o nosso funcionamento particular no meio dos fenómenos mundanos, aquilo a que se refere como estar no mundo sem ser do mundo.

Shitou articulou um modelo de prática destinado a conduzir a esta integração noutro longo poema de ensinamento, "Canção da Cabana de Colmo" (ver Apêndice A). Nele, Shitou descreve o estabelecimento de uma prática de meditação/modo de vida que permite voltar-se para dentro a fim de encontrar a fonte última e depois regressar ao mundo para "relaxar completamente; abrir as mãos e caminhar, inocente".

Shitou faz corresponder a dialética ontológica da integração entre universal e fenomenal à dialética prática resumida na linha:

"Volta a luz para brilhar para dentro, depois simplesmente regressa."

Esta oscilação entre realizar o último, frequentemente concretizado através da meditação e do impulso monástico, e funcionar responsivamente no mundo, frequentemente expressa através do modelo do bodhisattva, torna-se o paradigma da prática Soto. É um padrão que Hongzhi demonstra ao longo de todas as suas *Instruções de Prática*.

A tradição Soto desenvolveu o seu próprio "vento de família", ou estilo, desde Dongshan, tendo desenvolvido metodologias de ensinamento hábeis e sobrevivendo hoje em diversas manifestações na China, no Japão e no Ocidente.

Um dos principais métodos de ensinamento Soto reflete-se no frequente encorajamento de Hongzhi para que os praticantes incorporem o ensinamento com independência, iluminando plenamente por si mesmos. A consciência de que ninguém pode experienciar a verdade pelo outro conduziu ao estilo característico Soto de geralmente não fornecer instruções explícitas, deixando os estudantes realizar pessoalmente a sua própria natureza mais íntima.

A importância central deste método é bem ilustrada numa história acerca de Dongshan. Quando realizava um serviço memorial para o seu mestre Yunyan Tansheng (781–841), Dongshan foi questionado por um monge sobre por que motivo honrava tanto o relativamente desconhecido Yunyan em vez de outros mestres mais famosos com quem estudara, como Nanquan Puyuan (748–834) ou Guishan Lingyou (771–853).^16

Dongshan respondeu que era apenas porque Yunyan nunca lhe explicara diretamente nada.

Brilhando através das histórias de Dongshan e dos seus sucessores encontra-se o compromisso com a experiência pessoal da presença imanente da talidade e a transcendência radical de todas as visões dualistas, por mais subtis que sejam.

Quando Dongshan estava a despedir-se de Yunyan, perguntou-lhe como deveria descrever a realidade de Yunyan. Yunyan disse:

"Precisamente isto é."

Depois de alguma pausa, Yunyan acrescentou:

"Tu és responsável por este grande assunto; deves ser totalmente minucioso."

Dongshan partiu e, ao atravessar um riacho, viu o seu reflexo. Ficou completamente iluminado e compôs este verso:

Simplesmente não procures nos outros, ou ficarás muito afastado do Si Mesmo.
Agora sigo sozinho; em toda a parte O encontro.

Agora Ele é eu; agora eu não sou Ele.
É preciso compreender desta forma para fundir-se com a talidade.^17

Hongzhi enfatiza ao longo das suas *Instruções de Prática* a concretização prática e experiencial deste ensinamento de consciência não dual.

Será a Iluminação Silenciosa Quietista?

Apesar da extraordinária expressão literária do dharma por Hongzhi, ele foi sobretudo referido em muitos levantamentos históricos do Zen devido a uma alegada disputa com o proeminente mestre Zen Rinzai Dahui Zonggao.

Dahui criticava a meditação da iluminação silenciosa por conduzir a um quietismo excessivo e à negligência da iluminação. Contudo, Hongzhi e Dahui eram, na realidade, amigos que cooperavam enquanto colegas de ensinamento. Na verdade, Dahui visitava Hongzhi ocasionalmente e enviava-lhe estudantes. A crítica de Dahui não era, portanto, dirigida pessoalmente a Hongzhi, mas a alguns dos seus seguidores.

Hongzhi, por sua vez, absteve-se de comentar a crítica de Dahui ao seu ensinamento meditativo e enviou alimentos para ajudar o templo de Dahui quando este enfrentou escassez. Como já foi mencionado, pouco antes da sua morte Hongzhi escreveu um testamento pedindo que Dahui assumisse os seus assuntos.

Posteriormente, adeptos das escolas Rinzai (ou Linji, nome derivado do grande e dinâmico mestre Linji Yixuan [m. 867]) e Soto, assim como autores de histórias do Zen, exageraram por vezes o suposto desacordo entre Dahui e Hongzhi.^18 Contudo, apesar das diferenças de estilo de ensinamento e de ênfase prática, mestres Soto e Rinzai possuem uma tradição de cooperação no trabalho com estudantes, tal como aconteceu com os seus primeiros progenitores Shitou e Mazu.

De facto, quando a linhagem Soto na China quase desapareceu, foi preservada por um mestre Rinzai (ver nota no Apêndice B). Eihei Dōgen, considerado o fundador da escola Soto no Japão, sucedeu igualmente à tradição Rinzai no Japão antes de encontrar o seu mestre Soto na China,

recusando mais tarde até identificar-se com algo como uma "Escola Zen", muito menos Soto ou Rinzai.

Mas mesmo que a natureza da sua crítica tenha sido distorcida, as questões levantadas por Dahui acerca da iluminação silenciosa são muito úteis para examinar a relevância e praticabilidade do ensinamento de Hongzhi e para perceber as possibilidades da sua má aplicação. As questões e excessos que preocupavam Dahui continuam vivos na prática Zen moderna e podem ser vistos refletidos em potenciais desequilíbrios de todas as tradições espirituais.

Em vez da iluminação silenciosa, Dahui defendia especialmente a prática da meditação utilizando kōans como objetos. A sua defesa da contemplação intencional dos kōans, orientada para experiências dramáticas de abertura, devia-se em grande medida à sua própria dedicação em trabalhar não apenas com monges, mas também com leigos, incluindo líderes sociais e políticos.

Dahui encorajava os leigos a envolverem-se numa prática espiritual pessoalmente transformadora em vez de simplesmente subsidiarem instituições monásticas. Dadas as pressões de agitação política e social enfrentadas pelos seus estudantes, acreditava que o dinamismo da prática formal de kōans lhes era mais acessível do que a meditação sentada tradicional menos dramática que constituía o formato da iluminação silenciosa. Também acreditava que os kōans eram mais eficazes para produzir experiências de despertar, às quais parecia atribuir maior valor do que ao aprofundamento e amadurecimento contínuos do despertar inerente enfatizados pela iluminação silenciosa.

Apesar da nova acentuação dada por Dahui, o uso de antigas histórias de ensinamento entre estudantes Zen remonta pelo menos ao século VIII, sendo utilizado de diversas maneiras em diferentes épocas em todos os ramos do Zen.

Embora tenham sido mais frequentemente associados à tradição Rinzai, os mestres Soto também discutiam regularmente kōans. Como já foi referido, Hongzhi estudou brevemente com o mestre de Dahui, Yuanwu Keqin, compilador do exemplar *Registo do Penhasco Azul*. Hongzhi refere-se a kōans nas suas *Instruções de Prática*; compilou também duas célebres

coleções de cem kōans, uma com comentários em verso e outra com comentários em prosa.

Mais tarde, um mestre Soto chinês, Wansong Xingxiu (1166–1246), tomou essas coleções de Hongzhi e acrescentou-lhes extensas explicações, criando assim o *Livro da Serenidade* e o *Registo da Investigação Ulterior*. De forma semelhante, o mestre de Hongzhi, Danxia Zichun, reunira igualmente cem casos com versos seus anexados, que se tornaram a base de outra antologia de kōans, a *Coleção do Salão Vazio*. Eihei Dōgen também dedica grande parte da sua obra-prima *Shōbōgenzō* (*Tesouro do Olho do Verdadeiro Dharma*) ao comentário das antigas histórias.

A crítica de Dahui à iluminação silenciosa relaciona-se com os diferentes efeitos dos kōans e da meditação sentada na prática, mais do que com uma rejeição total de um modo ou do outro. Sabemos que o próprio Dahui permaneceu dedicado à meditação sentada graças ao elogio de Dōgen à sua determinação em manter tal meditação numa ocasião em que estava gravemente doente.^19

Dahui também era sensível ao perigo de enfatizar excessivamente a prática de kōans acima da experiência pessoal, o que por vezes conduzia a um estudo literário excessivamente intelectual e obsessivo das antigas histórias. (Na verdade, era tão grande a sua preocupação que Dahui destruiu as matrizes de impressão do *Registo do Penhasco Azul*, compilado pelo seu próprio mestre. Felizmente, cópias da obra sobreviveram.)^20

Relativamente especificamente à iluminação silenciosa, Dahui acusava os seus defensores de "ensinarem apenas as pessoas a parar, descansar e fingir-se mortas"; eles "sentam-se sem palavras, de olhos fechados sob a montanha negra… [e] não procuram a subtil e maravilhosa iluminação".^21

Sem dúvida, a má aplicação e incompreensão da meditação da iluminação silenciosa conduziram por vezes a praticantes complacentes, tranquilizados, desprovidos de perceção e irresponsivos. Inversamente, a prática de kōans altamente sistematizada, predominantemente característica da tradição Rinzai, tende por vezes a encorajar o estudante a "passar através" de sucessivos kōans num programa formalizado de realização, em

vez de “se tornar” a história e o seu ensinamento. Em ambos os casos, uma das funções do mestre é corrigir tais desvios e manter a prática equilibrada.

Dahui afirma que a iluminação silenciosa produz dependência da calma ao enfatizar excessivamente a concentração em detrimento da perceção profunda. Contudo, o ensinamento do próprio Hongzhi, tal como apresentado nas *Instruções de Prática*, equilibra estas duas qualidades. E no seu importante poema “Guia da Iluminação Silenciosa”, Hongzhi sublinha claramente a indispensabilidade e interdependência tanto da serenidade (ou calma) como da iluminação (ou perceção):

“Se a iluminação negligencia a serenidade, surge a agressividade… se a serenidade negligencia a iluminação, a obscuridade conduz a um dharma desperdiçado” (ensinamento inútil).

O ensinamento de Hongzhi, embora talvez mal aplicado por alguns dos seus seguidores, encoraja um funcionamento ativo apropriado ao mundo fenomenal quotidiano. O equilíbrio entre serenidade e iluminação é análogo ao equilíbrio entre a consciência do universal e do fenomenal descrito nas cinco posições.

O propósito último da prática espiritual é realizar tanto a perceção iluminadora da sabedoria como o seu funcionamento apropriado no mundo comum dos seres: a responsividade e responsabilidade bodhisattva.

Hongzhi descreve este processo de realização meditativa:

As narinas dos mestres ancestrais e o pulso vital dos monges de mantos remendados consistem em manter firmemente e depois libertar na atividade, para que todos descubramos a nossa própria liberdade. Assim se diz que o falso [pensamento] é interrompido e a quietude [concentração] surge necessariamente; a quietude surge e a sabedoria aparece; a sabedoria surge e a quietude necessariamente desaparece [no funcionamento ativo]. Clara e distinta, esta é a única visão autêntica.

Para Hongzhi, todo o propósito da prática consiste em “partilhar-se graciosamente com as cem pontas de erva [isto é, os miríades de seres] no mercado movimentado”. Hongzhi exorta frequentemente os seus ouvintes a estudar e incorporar o ensinamento de modo mais completo e penetrante, e

a persistirem em ir além da sua realização atual. Repetidas vezes, insta-nos a atualizar o estado de consciência total.

A Relação de Hongzhi com Dōgen

A influência dos ensinamentos de Hongzhi desde o seu tempo de vida não se manifesta predominantemente através de uma linhagem direta de sucessores, mas na sua expressão das atitudes fundamentais da meditação Zen. Esta influência é talvez mais evidente no desenvolvimento dos seus ensinamentos pela escola Soto japonesa, derivada de Dōgen e que, nas últimas décadas, se espalhou pelos países ocidentais. Nesta tradição, Hongzhi é venerado como um importante precursor, embora a escola Soto japonesa não descenda dele, mas sim de um dos seus irmãos no dharma.

Os escritos de Hongzhi continuam também a ser muito apreciados no Zen chinês, embora, dada a cooperativa mistura de escolas e linhagens no budismo chinês moderno, não seja claro se alguns mestres contemporâneos do Zen chinês descendem efetivamente de Hongzhi.

A linhagem direta de Hongzhi alcançou alguma longevidade. Um dos seus sucessores directos, Si-de Huihui, teve dois sucessores, quatro e cinco gerações depois dele, que foram para o Japão: Dongming Huiji (1272–1340) e Dongling Yungyu (m. 1365).^22 Aí estabeleceram um ramo da tradição Soto referido como Wanshi-ha (japonês para “escola de Hongzhi”), sediado sobretudo entre templos japoneses Rinzai, onde a mestria em matérias culturais chinesas era valorizada, e cujos seguidores estudavam extensivamente os ensinamentos das cinco posições. Esta linhagem sobreviveu até bem dentro do século XVI, mas parece ter tido pouco contacto com o ramo Soto estabelecido por Dōgen.

Dado que a consciência de Hongzhi nos estudos e prática budistas contemporâneos foi obscurecida pela apreciação de Dōgen, cujo génio é estimado como uma síntese japonesa única e renovadora do ensinamento budista tal como se desenvolveu na tradição Zen chinesa, parece apropriado, ao traçar a influência de Hongzhi no Zen, comparar os seus ensinamentos com os de Dōgen. Examinar aspetos primários da prática de Dōgen é também útil para compreender mais plenamente as implementações práticas e intenções dos ensinamentos meditativos de Hongzhi e, por sua vez, revela o grande grau de dívida de Dōgen para com Hongzhi.

Eihei Dōgen foi para a China e recebeu a transmissão dos ensinamentos Soto em 1227 de Tiantong Rujing (1163–1228), abade do mesmo Mosteiro Jingde no Monte Tiantong onde Hongzhi fora abade, e sucessor de terceira geração de Changlu Qingliao, um irmão no dharma de Hongzhi (ambos discípulos de Danxia Zichun).

Dōgen reverencia claramente Hongzhi, referindo-se particularmente a ele como um antigo buda, e afirma que Hongzhi foi também a única pessoa a quem Rujing chamou "antigo buda".^23

A influência de Hongzhi sobre Dōgen pode ser vista mais claramente na sua prática meditativa e na compreensão do seu significado. Dōgen chama à meditação da iluminação silenciosa ensinada por Hongzhi *shikan taza*, ou "apenas sentar", expressão utilizada por Rujing para designar a iluminação silenciosa.

Esta meditação sem objeto e não dualista não envolve estádios nem esforço em direção a qualquer meta ou realização; por isso, é uma atividade radicalmente distinta da atividade mundana habitual, que agarra e procura algum resultado.

Hongzhi encoraja esta prática quando diz:

"Permanece com aquilo precisamente como aquilo. Permanece com isto precisamente como isto."

Para Hongzhi, já possuímos o luminoso "campo da vacuidade ilimitada… desde o princípio". Não há outro lugar onde procurar.

"As pessoas que meditam sinceramente e chegam autenticamente confiam que o campo sempre esteve com elas."

Hongzhi clarifica este fundamento de forma exaustiva através da contínua ênfase na totalidade e na não separação. Nada é exterior a esta mente presente luminosa.

Dōgen expressa a mesma compreensão quando exorta os praticantes a "não terem qualquer intenção de se tornarem buda", pois esta meditação já é "o portal do dharma do repouso e da felicidade, a prática-realização da iluminação totalmente culminada".^24

A unidade de prática e iluminação é central no ensinamento de Dōgen. Embora seja essencial realizar plenamente esta Mente perfeita e

omnipervasiva, que não está em nenhum outro lugar senão aqui mesmo e é naturalmente imaculada, chegar a alguma compreensão teórica desta verdade não é suficiente. Ela deve ser praticada pessoalmente, concretizada, plenamente exercida e celebrada.

Hongzhi exorta igualmente repetidamente os seus ouvintes a expressarem plenamente este ensinamento e a experienciá-lo pessoalmente:

"Mesmo que compreendas completamente, por favor continua a praticar até se tornar familiar."

A Mente deve ativamente "concordar e responder sem esforço e realizar sem obstáculos".

Para Dōgen, isto concretiza-se no *zazen* (meditação sentada), mas também na conduta sincera e consciente da vida quotidiana comum, como expresso, por exemplo, em "lava a tua tigela" e "bebe o teu chá" de Zhaozhou, mencionados por Hongzhi nas suas *Instruções de Prática*.

Uma das destilações da meditação de Hongzhi é o seu poema "Agulha de Acupunctura do Zazen" (ver *Versos Religiosos*), que Dōgen elogia e compara favoravelmente com as descrições da meditação feitas por outros mestres Zen. Dōgen chama às restantes:

"Nada mais do que modelos para reverter à fonte e regressar à origem, programas vãos para suspender considerações e congelar na tranquilidade",

ao contrário da "Agulha" de Hongzhi, que:

"exprime-o corretamente. Só ela irradia através da superfície e interior do reino do dharma."^25

Neste poema, Hongzhi fala de:

"iluminar sem encontrar objetos… completo sem agarrar… conhecer sem tocar nas coisas… nunca se envolvendo em pensamento discriminativo."

Isto é consciência dinâmica e radiante, não a supressão dos pensamentos característica da concentração quietista contra a qual Dahui advertia.

O monge e erudito Soto Menzan Zuihō (1682–1769),^26 instrumental no estabelecimento da compreensão contemporânea do Zen Soto, comenta o verso de Hongzhi:

"Se pensas que cortaste a mente ilusória, em vez de simplesmente clarificares o modo como a mente ilusória se dissolve, [itálicos do autor] a mente ilusória voltará a surgir, como se tivesses cortado o caule de uma folha de erva… deixando a raiz viva."^27

A iluminação sem objeto de Hongzhi não nega as objetificações da nossa experiência, mas simplesmente permite que elas se dissolvam naturalmente na consciência unificada.

No ensaio de Dōgen que recebe o nome do poema de Hongzhi, e no qual cita a "Agulha de Acupunctura do Zazen", Dōgen termina oferecendo a sua própria versão enquanto elaboração e desenvolvimento da de Hongzhi.^28

O poema "Agulha" de Dōgen amplia a expressão de Hongzhi "iluminação sem encontrar objetos" para enfatizar que a completude é ela própria realização e concretiza-se através do esforço sem desejo — temas também aparentes nas *Instruções de Prática* de Hongzhi.

Dōgen conclui o seu próprio poema dizendo que não é que Hongzhi "ainda não o tenha dito corretamente, mas também pode ser dito desta maneira".^29

Embora esta meditação não envolva ultimamente concentração num objeto nem estádios de progresso, não é desprovida de técnica. Na "Canção da Cabana de Colmo", Shitou dissera:

"Volta a luz para brilhar para dentro e depois simplesmente regressa."

Nas suas *Instruções de Prática*, Hongzhi faz sugestões semelhantes, exortando os praticantes a:

"dar o passo para trás e alcançar diretamente o meio do círculo — de onde a luz irrompe",

e, noutro lugar:

"voltar-se para dentro e abandonar completamente todas as coisas, e a realização ocorrerá."

O passo para trás de voltar a luz para brilhar para dentro, dirigindo a atenção para observar de perto a própria consciência, é uma técnica básica de meditação Zen, chamada *ekō henshō* em japonês.

Dōgen afirma que é necessário abandonar a prática baseada na compreensão intelectual, perseguindo palavras e seguindo discursos, e aprender o passo para trás que volta a luz para dentro a fim de iluminar o próprio ser. Corpo e mente cairão por si mesmos e a face original manifestar-se-á.^30

Dōgen elucida esta técnica fundamental, que designa "a arte essencial do zazen", citando uma história sobre Yaoshan Weiyan (745–828), sucessor direto de Shitou e mestre do mestre de Dongshan, Yunyan.

Um monge perguntou a Yaoshan sobre o que pensava enquanto meditava. Yaoshan respondeu que pensava acerca daquilo que não pensa. O monge perguntou como fazia isso, e Yaoshan respondeu:

"Para além do pensamento."^31

Numa versão diferente deste ensaio, em vez deste diálogo, Dōgen escreveu:

"Sempre que um pensamento surgir, toma consciência dele; assim que tomares consciência dele, ele desaparecerá. Se permaneceres durante um longo período esquecido dos objetos, tornar-te-ás naturalmente uno. Esta é a arte essencial do zazen."^32

Este voltar a luz da consciência atenta para dentro a fim de ver e sentir a natureza do próprio processo de pensamento e o vasto espaço luminoso em redor e sob estes nódulos de pensamento (isto é, aquilo que não pensa) constitui uma técnica central do ensinamento meditativo de Hongzhi.

Se a técnica da meditação sem objeto consiste em "voltar a luz para dentro a fim de iluminar o eu", a sua consumação ocorre quando "corpo e mente caem por si mesmos e a face original se manifesta".

Hongzhi descreve este esclarecedor deixar-ir do corpo-mente nas suas *Instruções de Prática* quando diz:

"A essência consiste em esvaziar e abrir corpo e mente, tão vastos quanto a grande vacuidade do espaço. Naturalmente, em todo o território tudo está satisfeito."

Hongzhi exorta também os seus estudantes a:

"despojar-se completamente da cabeça e da pele",

sugerindo-lhes que:

"deixem tudo cair inteiramente e o juntem sem quaisquer condições extrínsecas. Isto é referido como a ocasião da gloriosa ausência de ego solitária."

Este "abandonar corpo e mente", chamado *shinjin datsuraku* em japonês, é crucial no ensinamento de Dōgen e relaciona-se com o episódio do seu despertar no Mosteiro Jingde, na China, em 1227.

Dōgen estava sentado no salão de meditação quando o seu mestre, Rujing, repreendeu o monge ao lado de Dōgen, que dormia, dizendo:

"Estudar o Caminho é abandonar corpo-mente. Porque estás entregue ao sono unilateral em vez da meditação unilateral?"

Diz-se que Dōgen ficou então grandemente iluminado. Dirigiu-se ao quarto de Rujing e disse:

"Corpo-mente foi abandonado [ou deixado cair]."

Rujing concordou:

"Corpo-mente foi abandonado, abandonando corpo-mente."

Dōgen pediu que não fosse aprovado tão facilmente, e Rujing respondeu que isso era:

"abandonar o abandonado".^33

Este abandono ou libertação do apego ao corpo-mente é a libertação intencional, mas sem esforço, de todos os obstáculos à Mente fundamental clara e iluminada.

Como Shitou diz na "Canção da Cabana de Colmo":

"Deixa ir centenas de anos e relaxa completamente."

Numa passagem frequentemente citada, Dōgen afirma:

"Estudar o Caminho do Buda é estudar-se a si mesmo. Estudar-se a si mesmo é esquecer-se de si mesmo. Esquecer-se de si mesmo é ser iluminado por todas as coisas. Ser iluminado por todas as coisas é fazer

com que o corpo-mente de si mesmo e o corpo-mente dos outros sejam abandonados. Há cessação dos vestígios da iluminação, o que faz com que se abandone para sempre os vestígios da iluminação que é cessação."^34

O abandono ou desprendimento do corpo-mente é em si mesmo a realização plena do vazio iluminador universal enquanto natureza omnipervasiva da existência, sendo entendido como o mais elevado despertar no Zen Soto; Menzan equipara-o a *anuttarasamyak-sambodhi*, a insuperável e perfeita budeidade.^35

Tem havido especulação acerca de saber se o ensinamento de Dōgen sobre o abandono do corpo-mente derivou realmente de Rujing — isto é, que Dōgen teria compreendido mal Rujing, que estaria na verdade apenas a falar de abandonar as poeiras (impurezas) da mente, e que esse mal-entendido, ou a sua reinterpretação intencional, teria conduzido ao despertar de Dōgen e à sua formulação original de *shinjin datsuraku*.

Estas especulações parecem hoje duvidosas.^36 Certamente Dōgen desenvolveu e articulou plenamente o ensinamento do abandono do corpo-mente para além do uso feito por Rujing. Ainda assim, a extensão da ligação de Dōgen à compreensão dos seus predecessores Soto pode ser elucidada ao perceber-se como este ensinamento ecoa efetivamente Hongzhi.

Os escassos registos de Rujing, para além dos provenientes de Dōgen, revelam muitas sugestões para abandonar as poeiras da mente, mas não para "abandonar corpo-mente". Contudo, as *Instruções de Prática* de Hongzhi incluem frequentes exortações a abandonar as poeiras, bem como muitas referências (como as acima mencionadas) a um deixar-ir mais totalizante que não se refere a uma visão dualista das poeiras sensoriais como reais e externas, mas claramente aponta para a mesma vasta consciência que o *shinjin datsuraku* de Dōgen.

Dado que este ensinamento é tão importante no Zen de Dōgen, e considerando as questões contemporâneas acerca da sua derivação, torna-se necessária alguma comparação linguística, mesmo numa introdução geral a Hongzhi.

Os dois caracteres que Dōgen utiliza como composto para "abandonar", *datsuraku* (em chinês, *to lo*), significam individualmente remover e, de forma um pouco menos ativa, cair ou dispersar-se.^37

Ao descrever a experiência de total deixar-ir, Hongzhi utiliza frequentemente estes mesmos caracteres separadamente, sendo combinados com *jin* (exaustivamente) para significar "abandonar completamente".

Num ponto das *Instruções de Prática*, contudo, Hongzhi utiliza efetivamente *to* e *lo* em combinação, especificamente para falar deste processo de deixar-ir na meditação:

"Deveis retirar-vos completamente do invisível martelar e tecer das vossas ideias enraizadas. Se quereis livrar-vos desta invisível [agitação], deveis simplesmente sentar-vos através dela e deixar ir tudo. Alcançai a consumação e iluminai completamente, luz e sombra ambas esquecidas. Abandonai [to lo — itálicos do autor] a vossa própria pele, e as poeiras sensoriais serão plenamente purificadas, discernindo o olho prontamente a luminosidade. Aceitai a vossa função e ficai inteiramente satisfeitos."

Este ensinamento do abandono do corpo e da mente articulado tanto por Hongzhi como por Dōgen aponta para a essência da iluminação silenciosa, que consiste simplesmente em concentrar a consciência na totalidade do eu para regressar e concretizar o luminoso campo vazio que é a nossa própria natureza fundamental.

Os escritos de Hongzhi e Dōgen partilham também o uso de imagética e metáfora poéticas ricas. Dōgen é particularmente conhecido pelo seu uso magistral da linguagem, invertendo padrões convencionais da linguagem para desfazer o pensamento condicionado e demonstrar a lógica do despertar. Comparações linguísticas entre Hongzhi e Dōgen poderão muito bem revelar novas conexões, tanto no estilo de ensinamento como na prática, uma vez que ambos atualizam a mente "para além do pensamento".

O Campo Vazio da Natureza de Buda

As *Instruções de Prática* de Hongzhi podem também ser enquadradas e até introduzidas em termos do ensinamento da natureza búdica, uma abordagem expressa no caso 67 de Hongzhi no *Livro da Serenidade*:

O Sutra da Guirlanda de Flores diz: "Vejo agora que todos os seres sencientes em toda a parte possuem plenamente a sabedoria e as virtudes dos iluminados, mas, por causa de conceções falsas e apegos, não o realizam."^38

Diz-se que esta foi a declaração do Buda Shakyamuni no momento do seu grande despertar, significando o reconhecimento da inalienável natureza búdica de todos os seres.

Hongzhi ecoa isto quando diz:

"Como é espantoso que todas as pessoas possuam isto e, no entanto, não consigam poli-lo até à luminosidade clara. Na escuridão não despertada, fazem a insensatez cobrir e transbordar a sua sabedoria."

Esta perceção constitui também a base do início das *Instruções de Prática*, que pode ser entendido como uma declaração do ensinamento completo de Hongzhi:

"O campo da vacuidade ilimitada é aquilo que existe desde o princípio. Deveis purificar, curar, desgastar ou escovar todas as tendências que fabricastes em hábitos aparentes. Então podereis residir no círculo claro da luminosidade."

Este despertar, ou budeidade, não é algo criado nem alcançado, não sendo nem inexistente nem existente. A prática essencial, tal como entendida na tradição Zen, consiste simplesmente em despertar para isto, aquilo a que Hongzhi chama o campo vazio.

"Não pode ser cultivado nem provado. Desde o princípio está totalmente completo."

Embora possamos realizar uma visão mais ou menos completa do campo vazio, na prática somos frequentemente lançados de volta às respostas habituais condicionadas previamente fabricadas pela nossa consciência humana limitada.

Assim, esta prática envolve também observar de perto as nossas delusões e usar esses próprios obstáculos para clarificar e iluminar o campo fundamental do despertar. Devemos praticar o desgaste, a cura e a remoção das "poeiras" até conseguirmos concretizar esta consciência e permitir que a pureza fundamental omnipervasiva brilhe.

Hongzhi diz:

"Vazio e sem desejos, frio e ténue, simples e genuíno, assim se eliminam e recolhem os hábitos remanescentes de muitas vidas. Quando as manchas dos velhos hábitos se esgotam, a luz original aparece, flamejando

através do vosso crânio, não admitindo quaisquer outros assuntos. Vastíssimo e espaçoso, como céu e água fundindo-se durante o outono, como neve e lua possuindo a mesma cor, este campo está sem fronteiras, para além de direções, magnificamente uno, sem borda nem costura.

Além disso, quando vos voltardes para dentro e abandonardes completamente todas as coisas, a realização ocorre."

A importância de purificar ou resolver o próprio condicionamento informa a prática subjacente à visão de iluminação inerente de Hongzhi; uma vez abandonadas as obscurações do condicionamento, manifesta-se o funcionamento livre.

Este processo reflete-se na abordagem tradicional Soto à prática dos kōans, que consiste em ver os acontecimentos e conflitos das nossas próprias vidas como casos a penetrar, tanto na prática meditativa como na consulta com um mestre. Esta abordagem, chamada *genjōkōan* ("o kōan que se manifesta") no ensinamento japonês de Dōgen, pode utilizar as histórias tradicionais dos kōans, mas apenas na medida em que se aplicam à nossa própria experiência.

Assim, podemos ver o *genjōkōan* como uma técnica para atravessar as nossas próprias poeiras condicionadas até ao campo original ilimitado e à sua expressão nas nossas vidas. É um aspeto do voltar a luz para dentro a fim de nos iluminarmos a nós próprios e, talvez, permitir o abandono do corpo-mente.

Hongzhi enfatiza igualmente o ensinamento da natureza búdica através do seu escrutínio atento da perceção e da discriminação, mostrando como falsamente nos alienamos e objetificamos o mundo fenomenal.

"Não foste tu próprio quem estabeleceu a mente que inventa todas as condições ilusórias? … O olho não consegue ver-se a si mesmo, mas nem por isso [a sua função] pode ser obscurecida."

A importância desta investigação é indicada por Hongzhi assim:

"Todos possuímos desde o princípio o campo claro e maravilhosamente luminoso. Muitas vidas de incompreensão surgem apenas da desconfiança, dos obstáculos e dos véus de confusão que criamos num cenário de isolamento."

A análise detalhada da consciência discriminativa, vendo através dela para regressar à Mente fundamental clara, é enfatizada pelo tradicional ramo Yogācāra do ensinamento budista.^40 Esta prática é indicada na "Harmonia da Diferença e da Igualdade" de Shitou:

Todos os objetos dos sentidos
interagem e, contudo, não o fazem.
Interagir traz envolvimento.
Caso contrário, cada um mantém o seu lugar.

Olho e visões, ouvido e sons,
nariz e odores, língua e sabores;
Assim, com cada coisa,
dependendo destas raízes, as folhas expandem-se.

No ensinamento de iluminação última não dualista de Hongzhi, até estes véus ilusórios de ignorância que nós próprios criamos não estão fora do campo da natureza búdica.

Pode parecer-nos que a libertação do sofrimento exige esforço imensurável e trabalho árduo. Mas, do ponto de vista da mente desperta que Hongzhi exprime, todos os obstáculos das nossas vidas são eles próprios simplesmente manifestações do luminoso campo da verdade, que temos a oportunidade de iluminar e abandonar no despertar contínuo:

"Chegando diretamente aqui, sereis capazes de reconhecer o campo do dharma do solo da mente que é a fonte-raiz das dez mil formas germinando com fertilidade imperecível. Estas flores e folhas são o mundo inteiro. Assim nos é dito que uma única semente é um campo incultivado. Não arranqueis os novos rebentos e o eu florescerá."

Hongzhi encoraja a nossa compreensão inerente, autossuficiente e indestrutível. Oferece abundantes exemplos, através de imagens do mundo natural que nos rodeia, da nossa familiaridade inata com o funcionamento da consciência clara e da facilidade e simplicidade da sua expressão:

"As pessoas do Caminho viajam pelo mundo respondendo às condições, despreocupadas e sem restrições. Como nuvens finalmente chovendo, como luar seguindo a corrente, como orquídeas crescendo na sombra, como a primavera surgindo em todas as coisas, agem sem mente, respondem com certeza."

O uso que Hongzhi faz de metáforas da natureza para expressar o funcionamento simples e não afetado da natureza búdica desperta reflete também o ensinamento Huayan da total interligação e interdependência de todo o ser enquanto reino da natureza búdica:

"As nuvens brancas encantam-se com a base da montanha verde. A lua brilhante aprecia ser transportada pela água corrente. As nuvens afastam-se e a montanha aparece. A lua põe-se e a água está fresca."

O ensinamento de Hongzhi antecipa movimentos filosóficos modernos como a Ecologia Profunda, com o seu sentido de identidade entre o eu e o ecossistema.41 Não se trata apenas de Hongzhi utilizar as nuvens e as montanhas como metáforas para a atividade desperta. As nuvens são efetivamente nós e as montanhas são nós, e também o fascínio somos nós. Somos a água corrente; somos a lua brilhante.

O texto *Instruções para a Prática* deriva de discursos do dharma dirigidos a monges e leigos, praticantes que em muitos casos já eram meditadores bastante experientes. "Dharma" (uma palavra sânscrita) refere-se ao ensinamento da realização espiritual ou da consciência da realidade, à própria verdade ou realidade efetiva e, enquanto "dharmas", aos elementos particulares do campo da realidade. O cumprimento do propósito de tal ensinamento, a sua eficácia libertadora, depende em grande medida da presença desperta do mestre, transmitida tanto pelo ritmo e pela tonalidade afetiva como pelo significado literal.

As instruções de meditação de Hongzhi descrevem e evocam a experiência efetiva da consciência iluminada e iluminadora. Espero que esta tradução preserve a simplicidade direta de Hongzhi, com anotação suficiente para esclarecer referências ao ensinamento budista tradicional e à metáfora e imagética Zen, mas mantendo intacta a qualidade experiencial e evocativa do original.

Em "Canção do Samadhi do Espelho Precioso", Dongshan exprime-o assim: "O significado não reside nas palavras." Hongzhi quer que cada um de nós experimente e expresse efetivamente por si mesmo o vasto campo vazio e resplandecente do qual nunca estivemos separados. "Se o colocares em prática desta forma, como poderia não ser benéfico?"

Taigen Dan Leighton

INSTRUÇÕES PARA A PRÁTICA

Palavras do Dharma do Monge Hongzhi Zhengjue
do Monte Tiantong, na Província de Ming

Compiladas com um Prefácio pelo Monge Puqung1

Hongzhi tornou vasto e vazio o espelho luminoso e, através dele, viu e refletiu sem negligência.2 Manifestou o pivô misterioso da mudança subtil, depois confiou no seu destino e certamente encontrou o núcleo. Só alguém com o verdadeiro olho e uma eloquência profunda e fluida poderia ter dominado isto! O meu mestre viveu abaixo do Pico Taipai.3 Dragões e elefantes caminhavam pesadamente em redor.4 O martelo e o cinzel [do ensinamento] talhavam incessantemente.

O significado das suas palavras difundiu-se amplamente e, ainda assim, transmitia a essência. Por vezes, estudiosos e leigos que confiavam no caminho pediam-lhe orientação; por vezes, monges mendicantes solicitavam as suas instruções. Estendiam papel e registavam as suas respostas. Ele pronunciava-se e respondia às suas perguntas, produzindo apropriados discursos do dharma. Selecionei alguns destes e dispu-los em ordem. Ah, o vazio do grande céu azul, o fluir do vasto oceano. Ainda não alcancei estas profundezas supremas, por isso peço indulgência pela minha tentativa de registar os seus discursos. Devo aguardar aqueles que misteriosamente concordam com o despertar espiritual para marcarem o ritmo das suas palavras e apreciarem os seus tons misteriosamente concordam com o despertar espiritual para marcarem o ritmo das suas palavras e apreciarem os seus tons.

O Campo Luminoso e Sem Limites

O campo da vacuidade sem limites é aquilo que existe desde o princípio. Deveis purificar, curar, desgastar ou escovar todas as tendências que fabricastes em hábitos aparentes. Então podereis residir no círculo claro da luminosidade. A vacuidade absoluta não possui imagem; a independência reta não depende de nada. Simplesmente expandi e iluminai a verdade original, despreocupados com condições externas. Assim, dizem-nos para realizar que nem uma única coisa existe. Neste campo, nascimento e morte não aparecem.

A fonte profunda, transparente até ao fundo, pode irradiar brilho e responder sem entraves a cada partícula de pó sem se tornar sua parceira. A subtileza de ver e ouvir transcende meras cores e sons. Todo o processo funciona sem deixar vestígios e reflete sem obscurecimentos. Muito naturalmente, mente e dharmas emergem e harmonizam-se.5 Um Antigo disse que a não-mente põe em prática e realiza o caminho da não-mente. Pondo em prática e realizando o caminho da não-mente, finalmente podeis repousar. Prosseguindo, sois capazes de guiar a assembleia. Com pensamentos claros, sentados silenciosamente, vagueai para o centro do círculo do maravilhamento. É assim que deveis penetrar e estudar.

A Prática da Verdadeira Realidade

A prática da verdadeira realidade consiste simplesmente em sentar serenamente em introspeção silenciosa. Quando tiverdes compreendido isto, não podereis ser desviados por causas e condições externas. Esta mente vazia e amplamente aberta ilumina subtil e corretamente. Espaçosa e satisfeita, sem confusão proveniente de pensamentos internos de apego, supera eficazmente o comportamento habitual e realiza o eu que não é possuído pelas emoções.

Deveis ser magnânimos, íntegros sem depender dos outros. Tal espírito reto e independente pode começar a não perseguir situações degradantes. Aqui podeis repousar e tornar-vos limpos, puros e lúcidos. Luminosos e penetrantes, podeis imediatamente regressar, harmonizar-vos e responder para lidar com os acontecimentos. Tudo é desimpedido, nuvens flutuando graciosamente até aos picos, o luar cintilando ao descer pelos ribeiros da montanha.6 Todo o lugar está intensamente iluminado e espiritualmente transformado, totalmente desobstruído e manifestando claramente uma interação responsiva como caixa e tampa ou pontas de flechas [encontrando-se].7

Continuando, cultivai-vos e nutri-vos para pôr em prática a maturidade e alcançar estabilidade. Se vos harmonizardes em toda a parte com clareza completa e eliminardes os ângulos cortantes sem dependência de doutrinas, como o boi branco ou o gato selvagem [ajudando a despertar o maravilhamento], podereis ser chamados de pessoa completa.8 Assim ouvimos dizer que é desta forma que age alguém no caminho da não-mente, mas antes de realizar a não-mente ainda enfrentamos grande dificuldade.

Enfrentar Tudo, Deixar Ir e Alcançar Estabilidade

Vasto e de longo alcance, sem fronteiras, recolhido e puro, manifestando luz, este espírito é sem obstrução. A sua luminosidade não resplandece para fora, mas pode ser chamada vazia e inerentemente radiante. A sua luminosidade, inerentemente purificadora, transcende as condições causais para além de sujeito e objeto. Subtil mas preservado, iluminado e vasto, também não pode ser descrito como ser ou não-ser, nem discutido com imagens ou cálculos. Precisamente aqui o pivô central gira, o portal abre-se. Harmonizais-vos e respondeis sem esforço e realizais sem impedimento. Em toda a parte voltai-vos livremente, sem seguir condições, sem cair em classificações. Enfrentai tudo, deixai ir e alcançai estabilidade. Permanecei com aquilo exatamente como aquilo. Permanecei com isto exatamente como isto. Aquilo e isto misturam-se sem discriminações quanto aos seus lugares. Assim se diz que a terra sustenta a montanha sem conhecer a íngreme aspereza da montanha. Uma rocha contém jade sem conhecer a perfeição sem falha do jade. É assim que verdadeiramente se abandona o lar, é assim que o abandono do lar deve ser posto em prática.9

Contemplando os Dez Mil Anos

Os monges de vestes remendadas tornam o seu pensamento seco e fresco e repousam dos resíduos do condicionamento.10 Persistente mente, limpai e afiai esta parcela do campo. Cortai diretamente toda a erva crescida. Alcançai o limite em todas as direções sem manchar sequer um átomo. Espiritual e luminoso, vasto e resplandecente, iluminando plenamente aquilo que está diante de vós, alcançai diretamente a luz brilhante e a clareza que não se pode prender a uma única impureza. Puxai imediatamente e reconduzi o nariz do boi.11

Naturalmente, os seus chifres são imponentes e ele pisa como uma besta, mas nunca danifica os rebentos ou os cereais das pessoas. Vagueando em redor, aceitai como acontece. Aceitando como acontece, vagueai em redor. Não fiqueis limitados nem vos instaleis em qualquer lugar. Então o arado abrirá o solo no campo do kalpa vazio.12 Procedendo desta maneira, cada acontecimento será desobstruído, cada domínio aparecerá completo. Uma contemplação dos dez mil anos é começar a não habitar nas aparências. Assim se diz que o solo da mente contém todas as sementes e a chuva universal faz com que todas brotem. Quando o

despertar floresce, os desejos desvanecem-se e o fruto do Bodhi aperfeiçoa-se por si mesmo.13

Executar a Obra do Buda

[O campo vazio] não pode ser cultivado nem comprovado. Desde o princípio é inteiramente completo, imaculado e claro até ao fundo. Onde tudo está correto e totalmente suficiente, alcançai o olho puro que ilumina plenamente, realizando a libertação. O despertar envolve pôr isto em prática; a estabilidade desenvolve-se a partir da sua prática. Nascimento e morte originalmente não têm raiz nem caule; aparecer e desaparecer originalmente não têm sinais nem vestígios definidores.

A luz primordial, vazia e eficaz, ilumina o topo da cabeça. A sabedoria primordial, silenciosa mas também gloriosa, responde às condições. Quando alcançais a verdade sem meio nem extremidade, cortando antes e depois, então realizais uma totalidade única. Em toda a parte, faculdades sensoriais e objetos simplesmente acontecem. Aquele que estende a sua ampla e longa língua transmite a lâmpada inesgotável, irradia a grande luz e executa a grande obra búdica, desde o princípio sem tomar emprestado dos outros sequer um átomo de fora do dharma.14 Claramente, este assunto ocorre dentro da vossa própria casa.

Esquecer o Mérito é Realização

Separai-vos da perturbação e enfrentai tudo o que surge diante de vós. Nem um único fragmento se infiltra do exterior. As duas formas [yin e yang]15 têm a mesma raiz, e as dez mil imagens têm uma só substância. Seguindo a mudança e acompanhando a transformação, o todo não fica obscurecido por condições anteriores. Então alcançais o fundamento da grande liberdade.

O vento sopra e a lua brilha, e os seres não obstruem uns aos outros. Depois disso, recolhei-vos para dentro e assumi a responsabilidade. A sabedoria regressa e o princípio consuma-se. Quando esqueceis o mérito, a vossa posição está realizada. Não caiais na tentação de ocupar posições honoráveis, mas entrai na corrente do mundo e uni-vos à ilusão.

Transcendente, solitário e glorioso, sabei diretamente que transmitir é mérito, mas ter transmitido não é mérito vosso.

O Fundamento que os Sábios Não Podem Transmitir

Abandonai completamente a vossa cabeça e pele. Retirai-vos inteiramente das distinções entre luz e sombra. Onde as dez mil mudanças não chegam está o fundamento que nem mil sábios podem transmitir. Simplesmente por vós mesmos iluminai e experienciai profundamente isso em íntima consonância. A luz original atravessa a confusão num clarão. A verdadeira iluminação reflete-se à distância.

Deliberações acerca do ser e do não-ser são totalmente abandonadas. O maravilhamento aparece diante de vós, o seu benefício transmitido através dos kalpas. Imediatamente seguis as condições e harmonizai-vos com o despertar sem obstrução de quaisquer impurezas. A mente não se apega às coisas e as vossas pegadas não são visíveis no caminho. Então sois chamados a continuar o negócio da família.16 Mesmo que compreendais completamente, ainda assim, por favor, praticai até que se torne familiar.

Com Total Confiança, Vaguear e Brincar em Samadhi

Vazio e sem desejos, frio e austero, simples e genuíno: é assim que se abatem e dobram os hábitos remanescentes de muitas vidas. Quando as manchas dos velhos hábitos se esgotam, a luz original aparece, ardendo através do vosso crânio, sem admitir quaisquer outros assuntos. Vasto e espaçoso, como céu e água fundindo-se durante o Outono, como neve e lua tendo a mesma cor, este campo é sem fronteiras, para além de direção, magnificamente uma única entidade sem borda nem costura. Além disso, quando vos voltardes para dentro e abandonardes completamente tudo, ocorre a realização. Exatamente no momento do abandono total, deliberação e discussão estão a mil ou dez mil milhas de distância. Ainda assim, nenhum princípio é discernível, então o que poderia haver para indicar ou explicar? Pessoas cujo fundo do balde caiu imediatamente encontram confiança total.17 Assim nos é dito simplesmente para realizar a resposta mútua e explorar a resposta mútua, depois voltar-nos e entrar no mundo.

Vagueai e brincai em samadhi.18 Cada detalhe aparece claramente diante de vós. Som e forma, eco e sombra, acontecem instantaneamente

sem deixar vestígios. O exterior e eu próprio não dominamos um ao outro, apenas porque nenhuma perceção [de objetos] se interpõe entre nós. Apenas esta não-perceção envolve o espaço vazio das majestosas dez mil formas do reino do dharma.19 Pessoas com a face original devem pôr em prática e investigar plenamente [o campo] sem negligenciar um único fragmento.

O Espírito do Vale e o Mestre do Vento

Os monges de vestes remendadas praticam plenamente sem carregar um único fio. De espírito aberto, cintilantes e puros, são como um espelho refletindo um espelho, sem nada considerado exterior, sem capacidade para acumular pó. Iluminam tudo plenamente, não percebendo nada [como objeto]. Isto chama-se assumir o fardo a partir do interior e é assim que se carrega a responsabilidade.

A sabedoria ilumina a escuridão sem confusão. O Caminho integra-se no corpo e não fica preso. A partir deste lugar sem apego, envolvendo-se e transformando-se na ocasião apropriada, a sabedoria não se derrama para fora. Claramente, o Caminho não fica manchado. O espírito do vale ecoa o som.20 O mestre do vento caminha no céu. Desobstruídos e livres, para além de restrições, não dependem sequer de indicadores subtis e o seu espírito essencial não pode ser eclipsado. Realizados, vagueai e chegai a tal campo. Todo o lugar seguro, todo o lugar tranquilo, o campo aberto do boi branco é simples e uniforme, de uma só cor. Se perseguirdes o boi, mesmo assim ele não irá embora. Deveis experienciar intimamente e chegar aqui.

Simplesmente Abandonar Tudo

Habitai silenciosamente no eu; na verdadeira talidade abandonai o condicionamento. De espírito aberto e luminoso, sem impureza, simplesmente penetrai e abandonai tudo. Hoje não é a vossa primeira chegada aqui. Desde o antigo lar antes do kalpa vazio, claramente nada foi obscurecido. Embora sejais inerentemente espirituais e esplêndidos, ainda assim deveis avançar e pô-lo em prática. Ao fazê-lo, exibireis imediatamente cada átomo sem esconder sequer uma partícula de sujidade. Secos e frescos em profundo repouso, compreendei profundamente.

Se o vosso repouso não é satisfatório e anseiais ir para além do nascimento e da morte, não existe tal lugar. Apenas irrompei e discernireis sem poeiras de pensamento, puros sem razões para ansiedade. Recuando

com as mãos abertas [renunciando a tudo], compreendeis completamente a vida e a morte. Imediatamente podeis cintilar e responder ao mundo. Fundi-vos com todas as coisas. Em toda a parte tudo está exatamente correto. Assim nos é dito que, desde os tempos antigos até aos modernos, todos os dharmas não estão ocultos, estando sempre aparentes e expostos.

O Antigo Barco de Passagem à Luz da Lua

A tarefa autêntica de um monge de vestes remendadas é praticar a essência, discernindo cuidadosamente, em cada acontecimento minúsculo, a fonte resplandecente, radiante sem discriminação, de uma só cor sem mancha. Deveis continuar a voltar-vos para dentro; então [a fonte] será apreendida. Isto chama-se ser capaz de continuar o negócio da família. Não useis as modas passageiras; transcendam a dualidade de luz e sombra. Assim, o trilho único dos ancestrais é maravilhosamente posto em prática.21 Os resíduos remanescentes do mundo afastam-se, a sua influência termina. Este conhecimento mundano não se compara ao regresso ao primordial e à obtenção da confirmação.

Observando para além do vosso crânio, o núcleo pode finalmente ser realizado e podeis emergir do transitório. Os juncos florescem sob a lua brilhante; o antigo barco de passagem inicia a sua travessia; o fio de jade encaixa na agulha dourada. Então surge a oportunidade de dar a volta, entrar no mundo e responder às condições. Todas as poeiras são inteiramente vossas; todos os dharmas não pertencem a outra pessoa. Segui a corrente e remem ao longo dela, naturalmente sem obstrução!

As Portas Cintilando na Fonte

Todos os budas e todos os ancestrais sem exceção testemunham que todos chegam a este refúgio onde os três tempos [passado, presente e futuro] cessam e as dez mil mudanças se silenciam. Diretamente à frente, sem oposição sequer do menor átomo, o espírito búdico inerentemente iluminado penetra subtilmente a fonte original. Quando reconhecido e plenamente realizado, [este espírito] partilha-se e responde às situações. As portas cintilam e todos os seres contemplam o brilho resplandecente. Então compreendem que, a partir deste lugar, o eu realizado flui para fora. As

centenas de pontas de erva à volta nunca são impostas como as minhas causas e condições. O corpo inteiro, da cabeça aos pés, avança suavemente.

O Mal-Entendido de Muitas Vidas

O vazio é sem características. A iluminação não possui aflições emocionais. Com radiação penetrante, silenciosa e profundamente serena, elimina misteriosamente toda a desonra. Assim se pode conhecer a si mesmo; assim o eu se completa. Todos possuímos desde o princípio o campo claro e maravilhosamente luminoso. Os mal-entendidos de muitas vidas provêm apenas da desconfiança, do impedimento e dos véus de confusão que criamos num cenário de isolamento.

Com sabedoria sem limites, viajai para além disso, esquecendo realizações. Abandonai diretamente os estratagemas e assumi a responsabilidade. Depois de vos terdes invertido a vós mesmos, aceitando a vossa situação, se colocardes os pés no caminho, a energia espiritual transportar-vos-á maravilhosamente. Entrai em contacto com os fenómenos com total sinceridade, sem um único átomo de poeira fora de vós mesmos.

O Eu e o Outro São o Mesmo

Todos os dharmas são intrinsecamente admiráveis para além da descrição. A visão perfeita não possui intervalo. Nos bosques montanhosos, nas pradarias e nas florestas, a verdade sempre foi exibida. Discerni e compreendei a vasta e longa língua [do ensinamento do Buda], que não pode ser silenciada em lugar algum. O que é dito é imediatamente ouvido; o que é ouvido é imediatamente dito. Sentidos e objetos fundem-se; princípio e sabedoria unem-se. Quando o eu e o outro são o mesmo, mente e dharmas são um. Quando enfrentais aquilo que excluístes e vedes como aparece, deveis rapidamente recolhê-lo e integrá-lo. Fazei-o funcionar dentro da vossa casa; então estabelecei um sentar estável.

Dez Mil Milhões de Espíritos Iluminadores

O caminho vagueia no vazio centro do círculo, alcançando a vacuidade onde as aparências são esquecidas. O eu puro e último flameja, brilhante simplesmente pela iluminação inerente. Diante da fronteira do mundo dos objetos sem ainda criar as portas dos sentidos, realizai a subtileza de como eliminar os efeitos do fluxo giratório de surgimento e

extinção! Apoiai-vos apenas na fonte da criação. Se sentirdes a sombra de uma diferença da espessura de um cabelo, nada será recebido.22

Apenas experienciai e respondei adequadamente. Deste impacto singular abrem-se muitos milhares de caminhos, e todas as coisas são preeminentes. Com esta unificação, eu proclamo radiantemente o dharma. O eu divide-se em dez mil milhões de distintos espíritos iluminadores. Distingui-os sem cair em nomes e classificações e harmonizai-vos plenamente sem esforço. O espelho é claro e magnânimo. O vale é vazio, mas ecoa. Desde o princípio não limitados pelo ver ou ouvir, o eu genuíno brinca e folga em samadhi sem obstrução. Quando posto em prática desta forma, como poderia não ser benéfico?

Sentar-se Vazio da Ansiedade Mundana

Se verdadeiramente apreciais um único fio, o vosso olhar pode adequadamente encontrar o mundo e as suas mudanças. Vendo claramente, não sejais enganados, e as dez mil situações não vos poderão encobrir. O luar cai sobre a água; o vento sopra sobre os pinheiros. Luz e sombra não nos confundem; sons ou vozes não nos bloqueiam. O vento assobiador pode ressoar, penetrando sem impedimento através das várias estruturas. Fluindo juntamente com as coisas, harmonizando-se sem desvio, abandonando completamente as teias de poeira, ainda assim não se chega ao lar original. Colocai em repouso os restos do vosso condicionamento. Sentai-vos vazios da ansiedade mundana, silenciosos e luminosos, claros e iluminadores, vazios e recetivos, vastos e responsivos. Sem encontrar poeiras externas, realizados no vosso próprio espírito, chegai a este campo e reconhecei imediatamente os vossos ancestrais.

Como Contemplar Buda

Contemplar a vossa própria forma autêntica é como contemplar Buda. Se conseguirdes experienciar-vos sem distrações, simplesmente ultrapassai a parcialidade e ide para além da conceptualização. Todos os budas e todas as mentes alcançam a essência sem dualidade. Monges de vestes remendadas vagueiam silenciosamente e habitam tranquilamente no espírito vazio, penetrando maravilhosamente, tal como o vazio supremo permeia este kalpa poeirento.

Dignos sem depender dos outros e radiantes para além da dúvida, mantendo isto como primordial, a energia dá a volta e transforma todo o

afastamento. Passando pelo mundo e respondendo às situações, a iluminação é sem esforço e funciona sem deixar vestígios. Desde o princípio, as nuvens libertam serenamente a sua chuva, derivando para além dos obstáculos. O ensinamento direto é muito puro e estável. Nada o pode mover. Imediatamente, sem permitir que condições passadas vos desviem, ponde-o genuinamente em prática.

Regressar à Fonte e Servir os Ancestrais

Aqueles que produzem descendentes são chamados ancestrais. Onde a corrente emerge chama-se a fonte. Depois de contemplardes a fonte e reconhecerdes os ancestrais, antes que a vossa consciência se disperse, permanecei firmes e não sigais nascimento e morte nem condicionamentos passados. Se não sucumbirdes, então todos os seres mostrarão o quadro completo. Despertai e, por sua vez, o solo, as raízes e as poeiras serão claramente lançados fora.23 Embora vazio de desejos, com as deliberações cortadas, a compreensão transcendente não fica totalmente selada.

O entendimento perfeitamente luminoso permanece despreocupado no meio das dez mil imagens e não pode ser confundido. Dentro de cada partícula de poeira há abundância vasta. Em cem mil samadhis, todos os portais são majestosos, todos os dharmas são realizados. Ainda assim, deveis reuni-los e trazê-los para dentro. Para alcançar aquilo que é honrado pelo tempo, regressai à fonte e servi os ancestrais. Unidos numa só unidade, examinai-vos e prossegui.

O Todo Chega à Luminosidade Original

O lugar da iluminação silenciosa e serena é a cúpula celeste num Outono límpido, brilhando intensamente sem esforço, resplandecendo através tanto da luz como da sombra. Nesta junção, o todo é supremo e chega genuinamente. A fonte clara é posta em prática com espírito, o eixo é amplo e a energia viva, tudo aparente na luminosidade original. O centro manifesta-se e é celebrado.

Todos os diversos acontecimentos se consumam, com yin e yang equilibrados e as dez mil representações equalizadas. Suave e nivelado, magnificamente pacífico, do norte ao sul, do leste ao oeste, o céu é igual ao

céu, as pessoas são iguais às pessoas, respondendo com os seus corpos, visíveis nas suas formas, falando o dharma. Esta capacidade é plenamente atualizada, obliterando extensamente os obstáculos.

Imagens Espetaculares de Nuvens e Dragões

Na morada do vento, nuvens e dragões seguem-se harmoniosamente uns aos outros.24 Muito naturalmente, desde o princípio, não [necessitam de] expressar as suas intenções uns aos outros. Do mesmo modo, monges de vestes remendadas são acomodativos e, com base em causas e condições, podem praticar harmoniosamente juntos. Chegando sem exibição, emergindo sem ocultação, os maravilhosos [nuvens e dragões] entram em toda a cena e não podem ser confundidos.

Casual mente suspensos acima das dez mil características, cada um apresenta distintamente uma imagem espetacular. Completos sem a diferença de um cabelo entre eles, brotando espontaneamente, exemplificam claramente o regresso a casa, mas ainda devem investigar até estarem plenamente saciados. As nuvens dispersam-se e os ventos acalmam. O céu de Outono clareia e a lua põe-se. As águas do céu são ilimitadas. Onde o solo está por si mesmo, a luminosidade começa a ser realizada.

Flores, Folhas, Raízes e Poeiras do Buda

O Caminho não é aquilo que os ancestrais transmitem. Antes de os ancestrais chegarem, já ele permeava todo o ambiente. O vazio é inerentemente sem características; a espiritualidade não pode ser imitada. Por si mesma, a iluminação emerge de causas e condições. Viver constantemente afastado das aparências superficiais chama-se ser o ancestral. Simplesmente certificai e uni-vos a isso; não vos pode ser entregue. Todos os budas chegam aqui e consideram isto o derradeiro. Respondem às transformações e dispersam os seus corpos como flores, folhas, raízes e poeiras. A sabedoria entra nos três tempos e as dez mil mudanças não nos perturbam; cada poeira não está fora de nós. Esta maravilha está para além dos vastos milhares de textos clássicos, então onde poderíeis agarrar o mundo sombrio?

O Passo Atrás e o Caldeirão Vertical

Com as profundezas claras, completamente silenciosas, iluminai plenamente a fonte, vazia e espiritual, vasta e brilhante. Mesmo que tenhais escrutinado lucidamente a vossa imagem e nenhuma sombra ou eco a encontre, procurando por toda a parte vedes que ainda distinguistes entre os méritos de uma centena de empreendimentos. Então deveis dar o passo atrás e alcançar diretamente o centro do círculo de onde a luz emerge.25

Excecionais e independentes, ainda assim deveis abandonar os pretextos para o mérito. Discerni cuidadosamente que nomear gera seres e que estes surgem e desaparecem com intricada complexidade. Quando puderdes partilhar o vosso eu, então podereis gerir os assuntos, e tereis o selo puro que marca as dez mil formas. Viajando pelo mundo, encontrando condições, o eu entra alegremente em samadhi em todas as ilusões e aceita a sua função, que é esvaziar o eu para que não esteja cheio de si mesmo.26

O vale vazio recebe as nuvens. A corrente fria purifica a lua. Sem partir e sem permanecer, muito para além de todas as mudanças, podeis oferecer ensinamentos sem obtenção nem expectativa. Tudo, em toda a parte, regressa ao antigo solo. Nem um cabelo foi deslocado, dobrado ou levantado. Apesar de cem fealdades ou mil estupidezes, o caldeirão vertical é naturalmente benéfico.27

As respostas de Zhaozhou "lava a tua tigela" e "bebe o teu chá" não exigem preparações; desde o princípio sempre foram perfeitamente aparentes.28 Observar plenamente cada coisa com o olhar total é a conduta espontânea de um monge de vestes remendadas.

Irradiando Através de Toda a Escuridão

Estudai o Buda e investigai a subtileza da sua linhagem. Deveis clarificar o vosso coração, mergulhar no espírito e vaguear silenciosamente em contemplação, apreendendo a fonte do dharma. Sem mesquinhez, nem tecendo cabelos para criar obstáculos, sede magnânimos para além das aparências. Esplêndidos e resplandecentes como as águas humedecendo o Outono, nobres como a lua dominando a escuridão, desde o princípio simplesmente irradiem através de toda a obscuridade, profundamente livres de mancha.

Constantemente tranquilos e constantemente gloriosos, a tranquilidade não é extinguida pelas causas, a glória não é manchada pelas sombras. Vazio, redondo e puro, o kalpa vazio não deslocará, agitará nem

obscurecerá [esta fonte]. Sendo capazes de serenidade e capazes de saber, aqui podeis caminhar em segurança. O vaso de jade inclina-se de lado, dispensando imediatamente energia para que regresseis, vos partilheis e respondais ao mundo.

Neste reino existem formas separadas e limitadas, mas todas são apenas aquilo que o eu estabelece, surgindo juntamente com os nossos próprios quatro elementos.29 Como poderia haver obstrução? Uma vez que [esta mente] está inteiramente sem obstrução, não existe diferença entre aquele e eu; o eu e o outro não estão separados pelos seus nomes.

Sons e cores aglomeram-se em conjunto, despreocupados e transcendentes, saltando diretamente uns para os outros. Assim se diz que montanhas e rios não estão separados. Deveis pôr isto em prática como a luminosidade aparente em toda a parte.

O Campo do Dharma do Solo da Mente e a Semente Única

O campo do espírito luminoso é uma antiga vastidão selvagem que não muda. Com entusiasmo sem limites vagueai por esta ampla planície imaculada. As nuvens errantes abraçam a montanha; o vento da família é descontraído e simples.30 As águas outonais exibem a lua na sua luminosidade pura. Chegando diretamente aqui sereis capazes de reconhecer o campo do dharma do solo da mente, que é a fonte-raiz das dez mil formas germinando com fertilidade inesgotável. Estas flores e folhas são o mundo inteiro. Assim nos é dito que uma única semente é um campo inculto. Não arranqueis os novos rebentos e o eu florescerá.

O Fascínio das Nuvens e o Acarinhar da Lua

Uma pessoa do Caminho fundamentalmente não habita em lugar algum. As nuvens brancas estão fascinadas com o fundamento da montanha verde.31 A lua brilhante aprecia ser levada pela água corrente. As nuvens afastam-se e a montanha aparece. A lua põe-se e a água torna-se fresca. Cada fragmento do Outono contém vasta interpenetração sem limites. Cada poeira é inteira sem me alcançar; as dez mil mudanças são serenadas sem me abalarem.

Se conseguirdes sentar-vos aqui com estabilidade, então podereis atravessar livremente e envolver-vos no mundo com energia. Existe um excelente dito segundo o qual as seis portas dos sentidos não estão veladas

e as estradas em todas as direções não possuem pegadas. Sempre chegando a toda a parte sem confusão, gentil sem hesitação, a pessoa aperfeiçoada sabe para onde ir.

Brisando Através do Mundo

O espaço vasto tudo abrange, tal como a vacuidade última. A habilidade desenvolvida é igualmente eficaz para todas as dez mil formas. Se nem uma única poeira for distinguida no exterior, então podeis adaptar-vos às circunstâncias mutáveis. Se nem um único fragmento permanecer no interior, então imediatamente podeis permanecer em meditação. Uma vez que o interior é vazio e pode responder, absorver ou não absorver é igual. Uma vez que o exterior é interligado e constantemente vazio, permanecer ou não permanecer é exatamente o mesmo. Monges de vestes remendadas entram em samadhi exatamente como o vento da sua casa, que sopra suavemente através do mundo inteiro.

A Maravilha Verificada e Realizada

O reino do dharma nas dez direções surge da mente única. Quando a mente única está imóvel, todas as aparências se esgotam inteiramente. Qual está ali? Qual sou eu? Apenas quando não distinguis formas, subitamente nem uma única poeira é estabelecida, nem uma única recordação é produzida. Discerni que, mesmo antes do ventre materno e depois do vosso saco de pele, cada momento é uma radiância espantosa, plena e redonda, sem direção nem cantos, descartando insignificâncias.

Aquilo onde verdadeiramente nada pode ser obscurecido chama-se autoconhecimento. Apenas conhecer assim o eu é chamado realização original, sem sequer um cabelo recebido indevidamente. Magnífico, mantendo subtilmente a singularidade, o verdadeiro ouvir é sem som. Assim se diz que perceber sem olho nem ouvido é onde a maravilha é verificada e realizada. A luz flui a partir daí e muitos milhares de imagens aparecem. Cada ser é efetivamente isso, inteiramente no reino onde os monges de vestes remendadas funcionam por si mesmos. É essencial apenas não pedir emprestado das casas dos outros. Para cultivar a nossa casa deveis experienciá-la clara e intimamente por vós mesmos.

Todos os Seres São os Vossos Ancestrais

Apreciai plenamente a vacuidade de todos os dharmas. Então todas as mentes são livres e todas as poeiras evaporam-se na luminosidade original que resplandece em toda a parte. Transformando-vos de acordo com as circunstâncias, encontrai todos os seres como os vossos ancestrais. Iluminai subtilmente todas as condições, magnânimos para além de toda a dualidade.

Claros e sem desejos, o vento nos pinheiros e a lua na água estão satisfeitos nos seus elementos. Sem mentes a interagir, [vento e pinheiros ou lua e água] não impedem um ao outro. Essencialmente existis dentro da vacuidade e tendes a capacidade de responder para fora sem perturbação, como a Primavera florescendo, como um espelho refletindo formas. No meio de todo o ruído emerge espontaneamente o transcendente.

Enrolar e Desenrolar

Onde o campo está seguro e familiar, quando a grande obra é como um lago claro e fresco, então vereis o kalpa vazio. Não permitais que um cabelo vos prenda nem consintais que uma fibra vos oculte. Sede supremamente vazios e luminosos, puros, redondos e gloriosos. Os dez mil antigos aparecem sucessivamente, sem disfarce.

Se conhecerdes toda a história com um aceno de cabeça, não perseguireis nascimento e morte nem habitareis no niilismo ou no eternalismo. Se quiserdes efetuar mudanças apropriadas, então deveis transformar-vos majestosamente juntamente com as dez mil formas. Se quiserdes permanecer tranquilos e estáveis, deveis harmonizar-vos com o processo de conter e cobrir como a terra e o céu (yin e yang).31 Aparecer ou desaparecer, enrolar ou desenrolar, tudo depende inteiramente de vós. Desta forma, pessoas com a face original devem saber como reunir ou libertar.

Abandonai a Vossa Pele, Aceitai a Vossa Função

De dia o sol, de noite a lua, cada um por sua vez não cega o outro. É assim que um monge de vestes remendadas pratica firmemente, naturalmente sem arestas nem costuras. Para alcançar tal firmeza deveis retirar-vos completamente do invisível martelar e tecer das vossas ideias enraizadas. Se quiserdes libertar-vos desta invisível [agitação], deveis simplesmente sentar-vos através dela e deixar ir tudo.

Alcançai a realização e iluminai completamente, luz e sombra totalmente esquecidas.32 Abandonai a vossa própria pele, e as poeiras dos sentidos serão plenamente purificadas, o olhar discernindo prontamente a luminosidade. Aceitai a vossa função e sede inteiramente satisfeitos. Em todo o lugar não estais restringidos; durante todo o tempo continuais ainda a responder mutuamente. Precisamente na luz existe escuridão; precisamente na escuridão existe luz.33 Um barco solitário transporta a lua; à noite repousa entre as flores dos juncos, balançando suavemente em total brilho.

Todos Incluídos no Campo

Imaculado e deslumbrante, os limites [do campo] não podem ser vistos pela força dos olhos. Sereno e expansivo, as suas direções e cantos não podem ser encontrados pelo condicionamento da mente. Pessoas que meditam sinceramente e chegam autenticamente confiam que o campo sempre esteve com elas. Budas e demónios não podem invadi-lo; a poluição não pode envenená-lo. Quadrados ou redondos, simplesmente desfrutam do centro. A sua conduta e prática harmonizam-se com o padrão. Com eficácia admirável, tão numerosos como os grãos de areia do rio Ganges, amadurecem harmoniosamente uns aos outros.34 Deste campo surge a nossa vida; neste campo ela se realiza. Este assunto inclui toda a gente. Apenas avançai por mim e tentai ver. Pessoas que conhecem a sua verdade acenam com a cabeça em compreensão.

O Terceiro Olho e o Cotovelo Fletido

Com o antebraço dobrando-se para trás até encontrar [o corpo], pode-se responder a cada acontecimento. O terceiro olho ilumina por si mesmo o abandono solitário do corpo.35 Ambos estes reúnem ou libertam sem interior nem exterior. Muitos milhares de reinos emergem igualmente consigo mesmos; os três tempos são naturalmente transcendidos. A vasta vacuidade é ilimitada, genuinamente iluminada pela sua própria luminosidade. É então que as aparências ilusórias estão todas esgotadas. Aquilo que não está esgotado é o espírito profundo, despreocupado com vida e morte.

Chegai a este campo, deixando abertamente a dependência. Quando as poeiras condicionadas não o poluem, todas as situações se harmonizam intimamente. Caixa e tampa [unindo-se] e pontas de flechas [encontrando-

se] são auspiciosas e não falham o alvo. Vagueando e brincando em samadhi, as pessoas neste estado aceitam a sua função. Este olho superior e o cotovelo completamente fletido são o único assunto que este monge transmite e que deveis pôr plenamente em prática.

Para Além das Diversas Espécies

Recebei corretamente a corrente de palavras deste monge, nem congelada nem escorrendo embora, nem transparente nem turva. Quando a torcerdes até ficar seca, aproveitai a oportunidade; quando entrardes na agitação, percebei com o vosso olhar completo. A compreensão plena e o mundo em mudança realizam-se mutuamente sem qualquer obstáculo. A lua acompanha a corrente, o vento dobra a erva. Cintilam e oscilam. Afinal, não se fica confundido.

Assim se diz que as diversas espécies não são iguais, mas para além de cada uma delas existe o caminho. Respondendo a esta ocasião podeis prosseguir adequadamente. Acima das pontas da erva branca, tomai aquilo que recolhestes e trazei-o de volta, agindo então apropriadamente.36 Encontrai o vosso lugar, vistam a vossa veste e avançai para ver por vós mesmos.

Não-Interferência no Assunto da Unidade

O assunto da unidade não pode ser aprendido de todo. A essência é esvaziar e abrir corpo e mente, tão expansivos quanto a grande vacuidade do espaço. Naturalmente, em todo o território tudo está satisfeito. Este espírito forte não pode ser dissuadido; acontecimento após acontecimento, não pode ser confundido. A lua acompanha a água corrente, a chuva persegue as nuvens errantes.

Estabelecido, sem mente [apegada], tal intensidade pode ser realizada. Apenas não permitais que vos interfiram as coisas, e certamente nada interferirá convosco. Corpo e mente são uma só talidade; fora deste corpo não existe nada mais. A mesma substância e a mesma função, uma natureza e uma forma, todas as faculdades e todas as poeiras-objeto são instantaneamente transcendentes. Assim se diz: o sábio é sem eu e, contudo, nada não é ele próprio.37

Tudo o que aparece é imediatamente compreendido, e sabeis como reuni-lo ou como deixá-lo ir. Sede um boi branco no campo aberto. Aconteça o que acontecer, nada o pode expulsar.

A Conduta da Lua e das Nuvens

A conduta constante das pessoas do Caminho é como as nuvens correntes sem mente [apegada], como a lua cheia refletindo universalmente, não confinada em lugar algum, cintilando dentro de cada uma das dez mil formas. Dignos e retos, emergi e entrai em contacto com a variedade dos fenómenos, sem mancha e sem confusão. Funcionai da mesma forma para com todos os outros, pois todos possuem a mesma substância que vós. A linguagem não pode transmitir [esta conduta], a especulação não a pode alcançar.

Saltando para além do infinito e cortando a dependência, sede prestáveis sem procurar mérito. Esta maravilha não pode ser medida pela consciência nem pela emoção. Na jornada aceitai a vossa função; na vossa casa, por favor, sustentai-a. Compreendendo nascimento e morte, deixando causas e condições, realizai genuinamente que desde o início o vosso espírito não foi interrompido. Assim nos foi dito que a mente que abrange todas as dez direções não se detém em lugar algum.

O Repouso das Correntes e das Marés

O simples repouso é como o grande oceano recebendo centenas de correntes, todas absorvidas num só sabor. Avançar livremente é como as grandes marés impetuosas cavalgando o vento, todas chegando juntas a esta margem. Como poderiam elas não alcançar a fonte genuína? Como poderiam não realizar a grande função que aparece diante de nós? Um monge de vestes remendadas segue o movimento e responde às mudanças em total harmonia. Além disso, não fostes vós mesmos que estabelecestes a mente que concebe todas as condições ilusórias? Esta perceção deve ser perfeitamente incorporada.

Trinta Anos de Vacuidade e Existência

A clareza autêntica é sem manchas. Os cinco graus de realização são finalmente consumados.38 Neste momento de não discriminar, instantaneamente existe o corpo inteiro. O olho não pode ver-se a si mesmo, mas a sua função também não pode ser obscurecida. A luz flui da

fonte, pura e branca, brilhando em toda a parte. As flores dos juncos misturam-se com a neve; a lua brilhante banha o Outono. Aqui tendes a oportunidade energética para a união mútua.39 No caminho da observação cuidadosa, carregai-a valorosamente e aplicai-a bem.

Nenhum lugar pode ser diferente de mim mesmo; nenhum lugar me pode restringir. Saltai supremamente para fora das dez mil formas. O Zen do dedo único de Juzhi não se esgotou em trinta anos de utilização.40 A sua subtileza reside na sua simplicidade, que silenciosa e sem palavras assegura tranquilamente o propósito. Portanto, responde sem se agarrar às coisas.

O Caminho vagueia com os espíritos que o protegem. Assim é originalmente o princípio. Mas se subitamente vos prenderdes a um único fio ou fibra, então a mente orientadora fica obstruída e não consegue atravessar, o portal fica bloqueado e não pode ser aberto. Onde a vacuidade é vazia, contém toda a existência; onde a existência existe, une-se à vacuidade única. Ainda assim pergunto: o que é isto?

Virar a Pérola

A fonte original esvazia-se, sem representação. Quando movida, pode responder. Então deveis olhar diretamente através dela. Permanecendo solitária como um precipício íngreme, amplamente aberta e acessível, espiritual e independente, clara e luminosa, tudo isto não envolve sequer ligeiramente condições externas. Tal atividade chama-se a ocasião única luminosa, que chega exatamente juntamente com as dez mil formas que emergem e se extinguem. O reino onde surge o samadhi de todas as poeiras [entrando em todos os samadhis através de um único samadhi] é claro como o selo oceânico.41

Girai-o como se estivésseis a virar uma pérola.42 Deixai tudo cair completamente e reuni tudo sem quaisquer condições extrínsecas. Isto é referido como a ocasião da solitária, gloriosa e altruísta ausência de eu. À noite a lua ergue-se e as águas cintilam; o vento da Primavera sopra e as flores desabrocham. Sem necessidade de atividade meritória, tudo é naturalmente perfeito. Causas, condições, frutos e retribuições, nenhum é discernido como externo. Além disso, deveis saber que tanto a luz como as circunstâncias desapareceram completamente. Novamente, o que é isto?

A Herança de um Monge e as Nuvens Desvanecidas

O vento doméstico deste monge rústico consiste em usar uma única tigela de esmolas para subsistência e considerar as dez mil formas do mundo como a sua herança.43 Sujeito e objeto podem ser como imagens num espelho e a lua na água, misturados sem nada ficar de fora. Primeiro não estabeleçais a vossa própria identidade; então os seres não imporão as suas próprias condições.

Cada forma não possui forma. Apenas nesta totalidade as coisas não estão isoladas. Desta maneira a perfeição é plenamente praticada. Dado o tear da oportunidade energética, a lançadeira pode efetuar a sua passagem.44 Chegando para além das imagens, todas as poeiras sensoriais desaparecem. Mesmo então deveis dar o passo atrás e regressar a casa para examinar isto diretamente em meditação até ficardes satisfeitos. As nuvens desaparecem numa única cor. A neve cobre as mil montanhas. A visão penetrante traz à vista a abertura para contemplar o corpo total.

A Morada Original

Uma pessoa praticando o Caminho vai subtilmente para além das palavras e dos pensamentos. Instantaneamente autêntica, encontra-se no caminho afirmado e não se apega ao raciocínio. Amplamente intermisturada, a lua flui em todas as águas, o vento sopra através da vacuidade suprema, naturalmente sem tocar nem obstruir as coisas. Iluminação transcendente e função são apenas iluminar sem manchas e funcionar sem deixar vestígios.

Então podeis entrar em samadhi em cada poeira sensorial e reunir as dez mil formas no selo único. Interrompei as fugas e não atuem a partir delas.45 Isto chama-se compreender o assunto dos monges de vestes remendadas. Além disso, deveis recordar e regressar ao caminho de regresso a casa. As nuvens evaporam-se no céu frio. O Outono partiu e a montanha está árida. É aqui que originalmente habitamos.

Um Lavrador no Campo Resplandecente

Desde o princípio os monges de vestes remendadas possuem este campo, que é uma planície limpa, espaçosa e ampla. Olhando adiante para além de quaisquer barreiras abruptas, dentro do campo lavram as nuvens e semeiam a lua. Com entendimento claro e luminoso, vasto e expansivo, o verdadeiro eu aceita a sua função, quer emergindo quer desintegrando-se, quer numa posição de receber quer de libertar.

Executai diretamente os mesmos movimentos da terra e do céu (yin e yang), surgindo e dispersando-se juntamente com as dez mil formas. Elevados e majestosos, de onde vêm? Ainda em solidão, para onde vão? Assim nos é dito que o céu vazio não o pode conter, a grande terra não o pode sustentar. Existindo subtilmente para além das formas, perfeitamente vazio para além dos nomes, o mérito do ser e do não-ser esgota-se; os caminhos do mundano e dos sábios são transcendidos. Então tendes a oportunidade de regressar a casa. Exatamente então, o que sabeis? Em cento e cinquenta mil acres podeis ver a neve fria, pura e resplandecente. Observando isto corretamente, pode-se ser um forte lavrador.

Meditação Naga

Estar mirrado e frio em corpo e mente limpa e aguça o campo. As poeiras estão misturadas e depois destiladas, deixando cada reino vazio e luminoso. A lua na água reflete a luz no céu desanuviado. As nuvens abraçam a montanha com as suas cores outonais. Seja negro como azeviche ou verde exuberante, as profundezas possuem grande espírito. A raiz original inerentemente iluminada não está limitada pelos ramos e folhas. Este é o tempo e o lugar para saltar para além dos dez mil emaranhamentos emocionais de inumeráveis kalpas.

Uma contemplação de dez mil anos finalmente ultrapassa tudo o que é transitório, e emergis com espontaneidade. As nuvens viajando no vale vazio são livres, quer em movimento quer tranquilas. Entrai harmoniosamente em cada poeira sensorial enquanto permaneceis constantemente em samadhi. Por isso nos foi dito que os nagas estão sempre em meditação, nunca separados deste estado sublime.46

Investigando a Maravilha

Na clareza a maravilha existe, com energia espiritual brilhando por si mesma. Não pode ser agarrada e, portanto, não pode ser chamada ser. Não pode ser apagada e, portanto, não pode ser chamada não-ser. Para além da mente de deliberação e discussão, afastai-vos dos resíduos das imagens sombrias. Esvaziar [o sentido de] existência própria é maravilhoso. Esta maravilha é incorporada com um espírito que pode ser posto em prática/invocado. A mente-lua com o seu corpo-nuvem revela-se diretamente em todas as direções sem recorrer a sinais ou símbolos.

Irradiando luz em toda a parte, responde apropriadamente aos seres e entra nas poeiras sensoriais sem confusão. Ultrapassando toda a obstrução, atravessa com o seu brilho cada dharma vazio. Deixando o condicionamento discriminador, entrai na sabedoria limpa e clara e brincai e folgai em samadhi. O que poderia estar errado? É assim que se deve investigar genuinamente a essência.

Dar o Passo a Partir da Beira do Precipício

Praticai na vacuidade e esquecei o condicionamento enquanto uma luz deslumbrante brilha a partir das sombras. Quando cada parcela do espírito é luminosa e sem entraves, a mente dos três tempos é interrompida e os quatro elementos materiais estão em equilíbrio. Transparente e maravilhosamente brilhante, em glória solitária por multidões de kalpas, um monge de vestes remendadas pode praticar desta forma e não ficar preso à vida e à morte.

Na prática reta, largai-vos da beira do alto precipício sem agarrar nada. As cordas em torno dos vossos pés são cortadas. Em totalidade dai um passo. Todos os budas e ancestrais não alcançam o próprio campo genuíno e maravilhosamente iluminador de alguém, que é chamado o próprio eu. Nesta junção sustentai o negócio da família. Precisamente quando envolvidos em deliberações, voltai-vos da corrente dos pensamentos. Vazios com espírito duradouro, puros com iluminação duradoura, claros e brancos, as flores dos juncos e o luar brilhante misturam-se. Os remos recolhidos, o barco solitário deriva sem dificuldade. Neste momento, por favor dizei-me: quem estaria ansioso por exibir o olho da discriminação?

Virar a Roda e o Sabor da Serenidade

Viajando em totalidade sem centro nem margens, eliminando os cantos, o círculo revolve-se sem deixar resíduos na caverna vazia. No céu claro de Outono a lua é fria, o seu brilho banhando a noite. O clima perfeito da Primavera é de nuvens bordadas e flores elegantes. O portal está aberto e pode ser atravessado. A roda da atenção energética volta-se para os pormenores. Tudo isto é o assunto que os monges de vestes remendadas aceitam como a sua própria função.

Nenhuma poeira sensorial vos pode velar. Os dez mil dharmas são a luz da mente. Passo a passo ide para além da localização [fixa].

Desimpedidos no caminho dos pássaros, apenas respondei a cada acontecimento do mundo.47 O espírito do vale não se esforça, mas essencialmente não pode ser confundido. O seu propósito não pode ser igualado. Momento após momento, desde o princípio, todas as poeiras, todas as mentes e todos os pensamentos estão sem formas extrínsecas.

A única simplicidade da verdadeira luminosidade persiste. A função interior adquire a maravilhosa oportunidade de revelar a reunião e o enrolar do vosso condicionamento residual. O único eu luminoso é afiado e purificado até ficar sem falha. Varrei e dispersai classificações. Se compreenderdes por vós mesmos e simplesmente brilharem, o sabor da serenidade pode espalhar-se.

A sabedoria chega ao interior do círculo; os assuntos ficam fora do portal. Esta é a única profundidade para além de nascimento e morte. Deveis dar o passo atrás e regressar a casa. Sinceramente vos transmito estas palavras.

O Negócio da Família

Monges de vestes remendadas vagueiam pelo mundo esvaziando e expandindo constantemente as suas mentes. Sem o menor resíduo retido no interior, podem responder apropriadamente, sem serem impedidos pelos seres, sem ficarem enredados pelos dharmas. Aparecendo e desaparecendo abertamente podeis partilhar livremente, mas se estiverdes apenas envolvidos no intelecto sereis enterrados.

Se realizardes uma maturidade pura, então podereis naturalmente viajar à vontade entre as dez mil mudanças sem as tocar e sem vos afastardes delas.48 Caixa e tampa [unem-se] e pontas de flechas [encontram-se], atingindo harmoniosamente o alvo. Quer libertando quer recolhendo os exteriores, eliminai toda a fuga. Tal pessoa pode cumprir o negócio da família. A partir deste lugar simplesmente regressai.

As nuvens brancas entram no vale e a lua brilhante circunda a montanha. Nesta ocasião tendes a mesma substância que os anciãos. Assim se diz que três pessoas se apoiam num só bastão e se deitam numa só cama. Não deixeis quaisquer vestígios e o interior e o exterior fundir-se-ão numa só totalidade, tão serenos quanto o céu desanuviando-se das nuvens de chuva, tão profundos quanto a água encharcando o Outono. Todos vós, pessoas virtuosas, lembrai-vos bem deste assunto.

Os Espantosos Seres Vivos

A nossa casa é um único campo, limpo, vasto e resplandecente, claramente auto-iluminado. Quando o espírito está vazio sem condições, quando a consciência é serena sem cogitação, então budas e ancestrais aparecem e desaparecem transformando o mundo. Entre os seres vivos encontra-se o lugar original do nirvana.49 Como é espantoso que todas as pessoas possuam isto mas não consigam polir até à clareza luminosa.50 Na escuridão não despertada, fazem a tolice cobrir e fazer transbordar a sua sabedoria. Uma única recordação de iluminação pode romper e saltar para fora da poeira dos kalpas.

Radiante e claro-branco, [o campo único] não pode ser desviado nem alterado nos três tempos; os quatro elementos não o podem modificar. A glória solitária é profundamente preservada, perdurando através dos tempos antigos e presentes, enquanto a fusão de identidade e diferença se torna a mãe da criação inteira. Este reino manifesta a energia dos muitos milhares de seres, todas as aparências sendo apenas sombras [deste campo]. Ponde genuinamente esta realidade em prática.

Vaguear Perfeito

O olho que envolve as flutuações e o corpo que viaja sobre o mundo são vazios e espirituais, imóveis e iluminadores, aparecendo extraordinários entre as dez mil formas. Não podem ser enterrados na poeira da terra nem embrulhados no casulo do condicionamento passado.51 A lua atravessa o céu, as nuvens deixam o vale, refletindo sem mente, operando sem eu, tornando-se radiantes e benevolentes. É assim que tudo é perfeito, totalmente abandonado e funcionando livremente. Isto chama-se o corpo emergindo do interior do portal.52

Ainda assim, isto deve ser posto em prática enquanto continuais o negócio da família. A vacuidade é o vosso assento, a quietude é o vosso abrigo. Subtilmente mantido sem ser existente, não envolve condicionamento; genuinamente iluminador sem ser inexistente, não cai na quantificação. Sozinho e esplêndido dentro do círculo, profundamente revolvendo para além de toda a medida, o vaguear perfeito é guiado pelos espíritos. O grande quadrado não possui cantos.53 Aqui exerceis energia e, naturalmente sem impedimentos, compreendeis todas as mudanças e aceitais a vossa função.

O Farol Solitário e o Caminho Único

As pessoas do Caminho viajam através do mundo respondendo às condições, despreocupadas e sem restrição. Como nuvens finalmente chovendo, como luar seguindo a corrente, como orquídeas crescendo na sombra, como a Primavera surgindo em todas as coisas, agem sem mente, respondem com certeza. É assim que as pessoas aperfeiçoadas se comportam.

Então devem retomar as suas viagens e seguir os ancestrais, caminhando em frente com firmeza e abandonando-se com inocência. O farol solitário não possui companheiros. A voz penetrante e inspiradora de reverência no caminho único para a outra margem pode instantaneamente realizar centro ou margens e permear de cima a baixo. Matar e dar vida, enrolar ou desenrolar, é a vossa própria decisão independente.

Atividade Positiva e Apropriada

Expansiva e inerentemente espiritual, refinada e inerentemente luminosa, [a mente desperta] pode permear universalmente sem se apropriar do mérito da sua iluminação, e pode apreender sem ficar presa ao pensamento discursivo. Emergindo das manifestações de existência e não-existência, ultrapassando as emoções da deliberação e discussão, simplesmente interagi positiva e apropriadamente sem dependência dos outros.

Todos os budas, todos os ancestrais, todas as folhas e todas as flores relacionam-se desta forma. Quando respondem não se agarram às formas; quando iluminam não se prendem às condições. Então podem permanecer amplamente abertos e desimpedidos. Apenas este vento familiar [consciência íntima] aparece completo em toda a parte. Permiti-vos aceitá-lo.

Uma Queixa sobre a Vinda de Bodhidharma do Ocidente

Obter a pele e obter a medula só recentemente foram estabelecidos como estádios.54 Arranjar as folhas e arranjar as flores torna-se uma exibição fluida. Monges de vestes remendadas que compreendem queixam-se da vinda do Fundador do Ocidente e da grande agitação que criou.55

A partir desta junção cresceram ramos, deixando partículas nos olhos de toda a gente. Então várias pessoas abriram as suas cabeças para criar

inteligência sem limites e gravaram os seus barcos para marcar onde as suas espadas caíram ao mar. Seguindo-os, como poderíeis agir apropriadamente? Precisamente agora libertai diretamente, abandonai e largai tudo completamente.

Nem um único cabelo ou grão de arroz pode impedir-vos de finalmente vos renovardes e endireitardes. Prontamente podeis agora afastar tudo. O círculo integra a luminosidade; o seu espírito triunfa na maravilha. Simplesmente sabei que originalmente é sem defeito e que nem um pouco está excluído.

A linguagem não o pode alcançar, o ouvir e o ver não o podem tocar. É como um bisão unicórnio investindo, como uma ostra grávida. Neste único feixe de luz vagueais genuinamente na prática. Usai a vossa vitalidade para pôr isto em prática.

O Sexto Patriarca Iluminando Completamente

Quando os Ancestrais-Buda apareceram pela primeira vez não existiam monges nem leigos, mas cada pessoa possuía a sua própria verdade e posição. Quando a experienciavam intimamente e a realizavam genuinamente, isso chamava-se entrar na Escola da Mente de Buda.56 O velho Lu [o Sexto Patriarca Huineng], que penetrou a fonte do dharma, era uma pessoa que vendia lenha. Assim que chegou a Huangmei [o lugar do Quinto Patriarca], disse: "Quero ser um buda."57 Na sala de descasque do arroz, o Patriarca [Huineng] trabalhou pilando arroz até que o espelho da sua mente transcendesse a impureza mundana, e ficou completamente auto-iluminado.58 Foi-lhe legada a veste ancestral à meia-noite e atravessou as Montanhas Dayu. Com fé na veste, pousou-a.

O venerável [Hui] Ming, com a sua grande força, não conseguiu levantá-la e então soube que cada pessoa deve experienciar intimamente e realizar autenticamente por si mesma.59 Assim, hoje em dia, por favor não vos submetais aos sábios e exalteis o seu valor [em vez de o realizardes vós mesmos]. É desta forma que deveis vestir a veste e comer a vossa comida. Quando constantemente atentos sem considerações distrativas, as mentes não permitem apegos contaminantes. Abandonai o corpo do kalpa vazio; largai-vos do precipício íngreme.

Compreendei as vossas faculdades dos sentidos e objetos até que se esgotem de cima a baixo. A luminosidade solitária é a única iluminação; a

penetração extensa preserva a maravilha. Naturalmente a mente floresce e o brilho irradia, respondendo às terras e campos visíveis. Como poderíeis alguma vez ter-vos separado das várias permutações? Agora podeis entrar entre seres diversos e viajar o caminho dos pássaros sem impedimento, finalmente livres.

A Visão Autêntica do Olho Libertador

Os monges da nossa casa devem possuir um corpo seco e uma mente fresca para saltar por cima e abandonar nascimento e morte. Discerni as profundezas últimas do espelho, vazias e intensas, perfeitamente iluminadas. Rompei para fora dos quatro elementos e dos cinco skandhas.60 Quando causas e condições ainda não estão em efeito, as portas dos sentidos ainda não amadureceram, o embrião ainda não está completamente desenvolvido e as emoções e a consciência ainda não fluem, se ainda assim exercitardes o vosso olho mesmo então, como poderia o sofrimento não terminar? Realizai isto plenamente.

As narinas dos mestres ancestrais e o pulso vital dos monges de vestes remendadas consistem em segurar firmemente e depois libertar na atividade, para que todos descubramos a nossa própria liberdade. Assim se diz que o falso [pensamento] é interrompido e a quietude necessariamente surge; a quietude surge e a sabedoria aparece; a sabedoria surge e a quietude necessariamente desaparece [na função ativa da sabedoria]. Claramente distinto, este é o único olhar autêntico.

Partilhai-vos Graciosamente

No grande repouso e na grande suspensão, os lábios tornam-se bolorentos e montanhas de erva crescem na vossa língua. Avançando diretamente [para além deste estado], largai totalmente, lavados e polidos até um refinamento perfeito. Respondei com brilho radiante a profundezas tão insondáveis quanto as águas do Outono ou a lua impressa no céu. Então deveis saber que existe um caminho pelo qual vos podeis inverter. Quando efetivamente vos invertis, não tendes rosto diferente que possa ser reconhecido. Mesmo que não [o] reconheçais, ainda assim nada o pode ocultar. Isto é penetrar desde o mais elevado até ao fundo.

Quando tiverdes investigado plenamente as vossas raízes até à sua fonte última, mil ou dez mil sábios não serão mais do que pegadas no trilho. Maravilhados, regressai à jornada, aproveitai o caminho e avançai.

Na luz existe escuridão; onde opera, não permanecem vestígios. Com as cem pontas de erva no mercado movimentado, partilhai-vos graciosamente. Amplamente abertos e acessíveis, caminhando ao longo, montai casualmente os sons e cavalgai as cores enquanto transcendeis o ouvir e ultrapassais o observar. Unificar perfeitamente desta forma é simplesmente a atividade apropriada de um monge de vestes remendadas.

O Campo Genuíno

A mente primordial transcende o condicionamento; o dharma primordial não fala, mas todos os budas e todos os ancestrais não ficam detidos aqui. No segundo portal do significado [o dos fenómenos e da linguagem], envolvem-se em diálogo e a energia é despertada, sendo instantaneamente extraída e dispensada tanto ao praticante de primeira categoria como à pessoa obtusa.61 Assim, Deshan diz que a nossa escola não possui linguagem e também não possui um único dharma para ninguém.62

Originalmente, as pessoas chegaram elas mesmas à verdade e elas mesmas a confirmaram. Então começaram a discuti-la apenas para endireitar e limpar frontalmente o pensamento obsessivo e a distração. Se tal contaminação for purificada, então uma vasta radiância sem barreiras não possui meio nem margem. Circulando e expandindo-se, a luz cintila branca, a sua iluminação permeando as dez direções. Sentai-vos em meditação e cortai inteiramente causas e condicionamentos, bem como a linguagem dos três tempos.

Alcançando isto, não vos podeis apegar a uma única partícula de poeira. Apenas na serenidade silenciosa o eu é conhecido, pleno de espírito na sua própria glória, não estranho aos sábios, não diminuído entre as pessoas mundanas. Desde o princípio apenas isto é o único assunto do antigo lar. Como poderíeis alguma vez alcançar algo fora de vós mesmos? Isto chama-se o campo genuíno onde as pessoas despertas podem imediatamente responder às dez mil mudanças e entrar em todos os reinos. A função maravilhosa e a penetração espiritual são naturalmente sem qualquer obstrução.

Abandonar Toda a Dualidade

A pureza sem mancha é o vosso corpo; a iluminação perfeita sem condicionamento são os vossos olhos. O olho dentro do corpo não envolve

portas sensoriais; o corpo dentro do olho não recolhe aparências. Assim se diz que não existe sabedoria fora da talidade que possa despertar a talidade. Além disso, não existe talidade fora da sabedoria que possa ser despertada pela sabedoria. Isto pode ser chamado: buda é o buda da família do dharma, dharma é o dharma da família do buda.

Monges de vestes remendadas chegam aqui e então sabem que seguir as expressões do buda e seguir o florescimento do dharma é alcançar o buddhadharma. Restaurando a realidade reta, todos se sentam e cortam qualquer dualidade. Apenas isto é aquilo que as pessoas desde os tempos antigos até ao presente precisaram de celebrar plenamente.

Poemas sobre os Bodhisattvas do Sutra da Iluminação Completa1

Poema para o Bodhisattva Manjushri

O grande ser Manjushri agita a brisa da realidade.2
A sabedoria investiga a ignorância e dissipa a antiga escuridão.
As cataratas dos olhos desgastam-se; as flores ilusórias naturalmente desaparecem.
O brilho do espírito simplesmente resplandece; a falsidade recorrente dissolve-se.
O homem de madeira dá passos em redor e começa a regressar ao seu lugar;
A mulher de jade gira e volta-se, adquirindo mérito adicional.3
O princípio primordial é sustentado para ver a questão diante de nós.
Todos os portais em transformação: tal é o seu poder divino.4

Poema para o Bodhisattva Samantabhadra

O sustento da minha casa é a fonte da natureza,
Em todas as terras incontáveis como poeiras, Samantabhadra é visto.5
O chifre do rinoceronte possui uma única ponta; a sombra do sapo é transparente.
A jóia espiritual possui nove facetas; uma fila de formigas é penetrante.
O despertar não possui estádios graduais e apaga as margens ornamentadas.
As ilusões naturalmente derretem-se e fundem-se no círculo.
A resposta maravilhosa permeia o corpo sem frente nem trás.
O antigo espelho-flor não é manchado pela beleza deslumbrante.6

Poema para o Bodhisattva Visão Universal

Quem seguirá a Visão Universal e virá ao assento do despertar?7
Diante do céu supremo, a rede de jóias abre-se.
A radiância total completa um único estádio;
Esta pureza interior corta todos os apegos subtis.
Na rede entrelaçada de princípio e fenómenos, a verdadeira vacuidade aparece.
Brilhando para obliterar a ilusão fundamental, não é apenas um poste de iluminação.
Esta ocasião auspiciosa é a vossa oportunidade.
Acima da oficina do oleiro erguem-se dardos de trovão.

Poema para o Bodhisattva Maitreya 8

As raízes da ignorância e as sementes do apego são firmemente lavradas.
O primeiro estádio de compreensão espiritual é o fundamento precioso.
O ser celestial introduz uma folha de erva e apreende profundamente o significado.9
O Honrado pelo Mundo faz girar uma flor; ele sorri e pisca os olhos. 10
Mahasattva Fu libertando peixes deve ser altamente valorizado;
O monge tolo Hotei também merece profundas reverências.11
Aqui e ali narizes e cabeças chocam uns com os outros.
Em regiões de mente refinada, quem poderíeis desprezar?

Poema para o Bodhisattva Sabedoria Pura

Antes de o despertar estar completo, não crieis problemas.
Agora, passo a passo, alcançai a paz duradoura.
Formas e mente combinando-se não é um caminho estreito.
A natureza do dharma derrete o círculo e todos podem ser transportados para além.
A fonte deste assunto emerge e a raiz é libertada.
Quantas pessoas chegam aqui, mas hesitam em prosseguir?
Destruindo desnecessariamente nascimento e morte, o mérito é realizado.
Uma resposta rindo-se do vento e da bandeira remove o mastro do templo.12

Poema para o Bodhisattva Virtude Majestosa e Serenidade

Abrindo o portal das três contemplações, não há atraso nem interrupção.13

Alcançando a estrada que continua sem fim, finalmente começais a repousar.
Os reflexos da mente radiante não possuem morada.
A torre do sino ressoando através das obstruções possui a sua razão.14
Equipado com um [terceiro] olho na cabeça como o Senhor do céu,
Concedei com o dorso da mão como se conduzísseis a nação.
Respondendo ao mundo para transportar os seres para a outra margem, nadando no oceano dos sonhos.
Com vento e vara, o barco ao luar ultrapassa a crista das ondas.

Poema para o Bodhisattva Discernimento do Som

A maravilhosa realização do um e dos muitos corta as margens a partir do centro.
Os cinco círculos dinâmicos juntos transformam os problemas.
Instrumentos de vento e de cordas entram em harmonia; os seus tons correspondem às regras.
Lançadeira e fio entrelaçam-se, e um fino brocado aparece.
O único corpo-mente é capaz de discernir uma resposta.
Mil mãos e olhos não podem ser enganados.15
Fornecer ameixas salgadas é o ofício de um ancião agreste.
Não regressando à harmonia e à beleza, observai o salgado e o azedo.

Poema para o Bodhisattva Iluminação Universal

Remédio e doença opõem-se um ao outro, um par difícil de separar.
A flor da mente abre-se e irradia a sua própria casa Zen.
Naturalmente real e resplandecente, sem prática nem iluminação,
O seu uso diário é magnífico, concedendo transmissão.
Dando um passo elevado da terra vermelha até às nuvens, o seu conhecimento pode ser sondado.
Parar o choro [das crianças] com folhas douradas produz provisoriamente fé.
Quando o fundo está cheio de lixo, simplesmente caminhai através da lama.
Não vos riais do caracol, vagueando no seu próprio lodo.

Poema para o Bodhisattva Iluminação Completa

Regressai ao assento à mão e segurai a esfera orientadora,
Através de longas eras entrai no fluxo do espírito da Terra.
Depois do despertar, a continuidade é a função do eu abandonado.

A iluminação chega em privado e muitas dificuldades reúnem-se.
As dez direções satisfazem as ervas nas montanhas nevadas;
A única cor realiza totalmente os bois nos campos cobertos de orvalho.
Os ventos varrem as águas celestes e as poeiras mundanas dispersam-se.
As flores dos juncos resplandecem juntamente com a brilhante lua de Outono.

A Agulha de Acupunctura do Zazen 16

A função essencial de todos os budas,
A essência funcional de todos os ancestrais,
É conhecer sem tocar nas coisas
E iluminar sem encontrar objetos.

Conhecer sem tocar nas coisas,
Este conhecimento é intrinsecamente subtil.
Iluminar sem encontrar objetos,
Esta iluminação é intrinsecamente miraculosa.

O conhecimento intrinsecamente subtil
Nunca se envolveu em pensamento discriminativo.
A iluminação intrinsecamente miraculosa
Nunca exibiu a menor identificação.

Nunca se envolvendo em pensamento discriminativo,
Este conhecimento é raro e sem igual.
Nunca exibindo a mais diminuta identificação,
Esta iluminação é completa sem apreensão.

A água é clara até ao fundo,
Os peixes nadam preguiçosamente.
O céu é vasto sem fim,
Os pássaros voam para longe na distância.

Os Cinco Graus

O Parcial Dentro do Verdadeiro:

O céu azul clareia e a fresca inundação do Rio das Estrelas seca.
À meia-noite o rapaz de madeira bate à porta da lua.
Na escuridão a mulher de jade desperta assustada do seu sono.17

O Verdadeiro Dentro do Parcial:

O oceano e as nuvens encontram-se no topo da montanha espiritual.
A velha mulher regressa, o cabelo pendendo como seda branca,
E timidamente encara o espelho refletindo friamente a sua imagem.

Vindo de Dentro do Verdadeiro:

Na noite iluminada pela lua, o enorme monstro marinho perde as escamas.
As suas costas imensas esfregam os céus, e dispersa nuvens com as penas das suas asas.
Elevando-se aqui e ali ao longo do caminho dos pássaros18 — difícil de classificar.

Vindo de Dentro de Ambos Juntos:

Encontrando-nos face a face, não precisamos evitar os nomes um do outro.
No vento mutável, nenhum dano ao significado profundo.
Na luz, uma estrada para as diferenças naturais.

Chegando Dentro de Ambos Juntos:

A Grande Concha inclina-se através do céu antes do amanhecer.
No frio orvalhado, a garça começa a despertar dos seus sonhos.
Ao voar para fora do velho ninho, o pinheiro nas nuvens tomba.

Os Quatro Hóspedes e Anfitrião 19

O Hóspede Dentro do Hóspede:

O assunto no coração de uma vida inteira enruga as sobrancelhas.
Poeira soprada sobre todo o rosto, as têmporas tornaram-se grisalhas.
Como sempre, partindo do portal sem artifício,
Como se pode continuar na estrada destituída de hoje?

O Anfitrião Dentro do Hóspede:

Já não ansiando por lucros comerciais ou ouro abundante;
A noite chega à estrada antiga e peço notícias de casa.

Ao ouvir relatos da saúde dos meus pais,
Tento gerir as dificuldades e equilibrar a alegria e o receio da mente.

O Hóspede Dentro do Anfitrião:

No alto da torre uma trompa soa pelas seis ruas luminosas.
Num cavalo dourado o general deixa o Palácio Imperial.
Para além das fronteiras o seu poder transformador é intensamente benéfico.
Sem prejudicar ninguém, traz uma era de paz.

O Anfitrião Dentro do Anfitrião:

Sem perturbar o sol dourado, dez mil virtudes são aperfeiçoadas.
O musgo do palácio, sem desígnio, contém a lua.
Acima de tudo, evitai pronunciar o nome proibido do Imperador.
Quem presumiria sequer uma vez ofender o semblante do sábio?

O Corpo da Verdade 20

Quando uma flor cai, é Outono.
Onde não existe romance é o mais romântico.
O homem de madeira dá o passo atrás e a corda dourada é cortada.
Claramente não existe oportunidade para puxar o boi de ferro.

O Corpo da Resposta 21

Com os dados na bandeja confio que a minha sorte prevalecerá.
O vento sopra e as ervas dobram-se, lua crescente no céu limpo.
Bloqueando a rua, obstruindo o beco, está este ridículo saco de pele.
Quando poderia Maitreya alguma vez deixar de aparecer?22

O Corpo Emergindo de Dentro do Portal

A verdadeira pessoa sem posição é um pedaço de carne vermelha. 23
Grandes milhares de reinos de areia manifestam-se na ponta de um cabelo.
Obviamente trata-se de não pedir emprestado da casa de outra pessoa.
É assim que toda a realização funciona.

O Portal Emergindo de Dentro do Corpo

Largai a vacuidade e regressai à floresta espinhosa.
Montando o boi ao contrário, bêbados e cantando;
Quem poderia desgostar da chuva enevoada tamborilando na vossa capa e

chapéu de bambu?
No espaço vazio não podeis espetar uma agulha.

Memorial em Homenagem ao Terceiro Patriarca, Mestre Chan Zhijian24

O Caminho é sem escolha nem preferência;25
As águas são profundas e as montanhas íngremes.
O Patriarca não aparece nem desaparece,
A lua fria no céu azul.

Os ramos não brotados despertam com as flores da Primavera.
O topo da árvore sem sombras é a morada do pássaro espiritual.
O pilar celeste tão alto e majestoso;
O Rio das Estrelas flui puro.
O boi de pedra ruge!
Da caverna as nuvens surgem livremente.26

Memorial em Homenagem ao Quarto Patriarca, Mestre Chan Dayi

O caminho ancestral já tinha sido transmitido
a Huangmei na sua juventude.27
Bolhas vazias rebentam subitamente,
Puras e limpas sem forma.

A verdadeira forma é magnificamente iluminada com fogo resplandecente.
A voz do ensinamento é total silêncio entre os sinos ao vento ressoando.
A lua suspende-se no velho pinheiro, fria na noite descendente.
A garça gelada no seu ninho nas nuvens ainda não despertou do sonho.

Memorial em Homenagem ao Quinto Patriarca, Mestre Chan Daman

O fruto de Huangmei amadureceu
e a flor de lótus branco desabrochou.
Com investigação e resposta, a natureza búdica
é plantada em diferentes nascimentos humanos.28

A veste transmitida às montanhas do sul, ele pôde partir.
Ao velho pinheiro nas montanhas ocidentais, posso regressar novamente.29
Tomando emprestado duas vezes um saco de pele para completar este assunto;
Um jarro contém o vento e a lua, profundo sem poeira.

Memorial em Homenagem ao Mestre Chan Touzi Qing

Sepultados na stupa estão ossos de jade.30
As nuvens abraçam o meio da montanha.
Os vestígios de poeira do exterior terminaram.
A luz do Caminho ilumina o núcleo.

Perfurando o olho da agulha dourada com fio de jade,
Continua a criar a harmonia da fénix.
O vaso da Primavera aparece
e as flores são perfumadas na árvore ressequida.

À noite a garça chama
e o luar encharca o ninho solitário.
O estilo da casa tão insípido e austero,
o boi de pedra engole as águas.

Os descendentes tão florescentes,
o pilar celeste toca o zénite.

Em Louvor do Mestre Furong, Verdadeiro Patriarca

Com olhos de fénix e corpo de garça,
um poderoso trabalhador no portal ancestral,
Despertou seres para além da medida;
mesmo antes de falar já havia tambores e cânticos.31

Recebendo as suas ordens, com longa espada confiou ao céu.
Respondendo às mudanças, a pérola luminosa encaixava na palma da sua mão.
A vacuidade suprema preenchida com luar,
O velho coelho prova a geada.32

O grande oceano está sem vento,
A gloriosa baleia lança um jato de água.

Guia da Iluminação Silenciosa

Silencioso e sereno, esquecendo palavras, a clara luminosidade aparece diante de vós.
Quando a refletis tornais-vos vastos; quando a incorporais sois espiritualmente elevados.

Espiritualmente solitário e resplandecente, a iluminação interior restaura a maravilha,
Orvalho ao luar, um rio de estrelas, pinheiros cobertos de neve, nuvens envolvendo o pico.

Na escuridão é mais luminoso; enquanto oculto, ainda mais manifesto.
A garça sonha nas névoas invernais. As águas outonais fluem ao longe na distância.

Kalpas sem fim estão totalmente vazios; todas as coisas completamente iguais.
Quando a maravilha existe na serenidade, toda a realização é esquecida na iluminação.

O que é esta maravilha? Ver vigilantemente através da confusão
É o caminho da iluminação silenciosa e a origem da radiância subtil.

A visão penetrando na radiância subtil é tecer ouro num tear de jade.33
O reto e o inclinado cedem um ao outro; luz e escuridão são interdependentes.34

Sem depender de faculdade sensorial e objeto, no momento apropriado interagem.
Bebei o medicamento das visões corretas. Tocai o tambor coberto de veneno.

Quando interagem, matar e dar vida dependem de vós.
Através do portal o eu emerge e os ramos dão fruto.

Apenas o silêncio é a fala suprema; apenas a iluminação é a resposta universal.
Respondendo sem cair na realização, falando sem envolver ouvintes,

As dez mil formas resplandecem majestosamente e expõem o dharma.
Todos os objetos o certificam, cada um em diálogo.

Dialogando e certificando, respondem apropriadamente uns aos outros;
Mas se a iluminação negligencia a serenidade, então surge agressividade.

Certificando e dialogando, respondem apropriadamente uns aos outros;

Mas se a serenidade negligencia a iluminação, a obscuridade conduz ao desperdício do dharma.

Quando a iluminação silenciosa é realizada, o lótus desabrocha, o sonhador desperta,
Cem correntes fluem para o oceano, mil cordilheiras voltam-se para o pico mais elevado.

Como gansos preferindo leite, como abelhas recolhendo néctar,
Quando a iluminação silenciosa alcança o derradeiro, ofereço o meu ensinamento.

O ensinamento da iluminação silenciosa penetra desde o mais elevado até ao fundamento.
O corpo sendo shunyata, os braços em mudra;35

Do princípio ao fim, as aparências mutáveis e as dez mil diferenças partilham um único padrão.
O Senhor Ho ofereceu jade [ao Imperador; o Ministro] Xiangru apontou os seus defeitos.36

Enfrentar as mudanças possui os seus princípios; a grande função é sem esforço.
O governante permanece no reino; o general vai para além das fronteiras.

O assunto da nossa escola atinge o alvo de forma reta e verdadeira.
Transmiti-o a todas as direções sem desejar obter mérito.

Guia para o Salão da Pura Beatitude

Procurando aparência e som não se pode verdadeiramente encontrar o Caminho.
A fonte profunda da realização
surge com constância, beatitude, eu e pureza.

A sua pureza é constante; a sua beatitude sou eu.
Os dois são mutuamente dependentes, como lenha e fogo.

A beatitude do eu não se esgota; a pureza constante não possui fim.
A existência profunda está para além das formas,
A sabedoria ilumina o interior do círculo.

Dentro do círculo o eu desvanece-se,
nem existente nem inexistente.

Transmitindo intimamente energia espiritual,
faz girar subtilmente o pivô misterioso.

Quando o pivô misterioso encontra oportunidade para girar,
a luz original aparece auspiciosamente.

Quando o condicionamento da mente ainda não brotou,
como poderiam palavras e imagens ser distinguidas?

Quem é aquele que as pode distinguir?
Compreendei claramente e sabei por vós mesmos.

Inteiro e inclusivo com discernimento inerente,
não se preocupa com pensamento discriminativo.

Quando o pensamento discriminativo não está envolvido,
é como flores brancas de junco brilhando na neve.

O brilho de um único feixe de luz permeia a vastidão.
O brilho permeia todas as direções,
desde o princípio não coberto nem ocultado.

Aproveitando a oportunidade para emergir,
floresce no meio das transformações.

Seguindo adequadamente no meio das transformações,
a pura beatitude permanece inalterada.

O céu abrange-o, o oceano sela-o,
cada momento sem deficiência.

Na realização sem deficiência
o interior e o exterior interpenetram-se.

Todos os dharmas transcendem os seus limites; todos os portais estão amplamente abertos.
Através dos portais abertos encontram-se os caminhos secundários do vaguear lúdico.

Abandonar sentidos e objetos dos sentidos é como
as flores do nosso olhar e ouvir caindo.

Olhar e ouvir são apenas condições distantes
de milhares de mãos e olhos.

Os outros morrem por estarem demasiado ocupados, mas eu mantenho a continuidade.
Na maravilha da continuidade
não existem vestígios de identificações subtis.

Dentro da pureza existe beatitude; dentro do silêncio, iluminação.
A casa da iluminação silenciosa é o salão da pura beatitude.

Habitando em paz e esquecendo a dificuldade,
largai os adornos e tornai-vos genuínos.

O lema para se tornar genuíno: nada é ganho através da fala.
A bondade de Vimalakirti entra no portal da não-dualidade.37

APÊNDICE A

Poemas Fundamentais de Ensinamento do Soto Zen Chinês

Estes três poemas de ensinamento dos progenitores da linhagem Caodong (em japonês: Soto) são fundamentais para os ensinamentos posteriores da tradição e são frequentemente referidos, direta ou indirectamente, por Hongzhi.

A "Canção da Ermida de Colmo" e a "Harmonia da Diferença e da Igualdade" são de Shitou Xiqian (700–790; em japonês Sekito Kisen), e a "Canção do Samadhi do Espelho Precioso" é de Dongshan Liangjie (807–869; em japonês Tozan Ryokai), um sucessor três gerações após Shitou. Dongshan é formalmente considerado o fundador da escola Caodong, que em parte recebe o nome dele. A "Harmonia da Diferença e da Igualdade" e a "Canção do Samadhi do Espelho Precioso" são fundamentos para a filosofia desta tradição e para a sua transmissão do Dharma. A "Canção da Ermida de Colmo" de Shitou apresenta um importante modelo inicial de prática para o Soto Zen que influenciou a iluminação silenciosa de Hongzhi.

A tradução de “Canção da Ermida de Colmo” é de Taigen Leighton e Kazuaki Tanahashi, tendo aparecido anteriormente como a primeira tradução inglesa publicada em “Windbell” (1985).1

As traduções seguintes da “Harmonia da Diferença e da Igualdade” (em japonês Sandokai) e da “Canção do Samadhi do Espelho Precioso” (em japonês Hokyo Zammai) baseiam-se em traduções feitas para o projeto litúrgico da Escola Soto japonesa (Soto shumucho). As traduções foram originalmente produzidas (com referência a versões anteriores) por Carl Bielefeldt, Griffith Foulk, Taigen Leighton e Shohaku Okumura, sendo posteriormente revistas por um painel de mestres americanos de Soto Zen.

Canção da Ermida de Colmo
por Shitou Xiqian

Construí uma cabana de colmo onde nada possui valor.
Depois de comer, relaxo e desfruto de uma sesta.

Quando a cabana ficou concluída, ervas frescas apareceram.
Agora foi habitada — coberta de ervas.

A pessoa na cabana vive aqui calmamente,
não presa ao interior, exterior ou intermédio.

Lugares onde as pessoas mundanas vivem, ele não vive.
Reinos que as pessoas mundanas amam, ela não ama.

Embora a cabana seja pequena, inclui o mundo inteiro.
Em três metros quadrados, um velho ilumina formas e a sua natureza.

Um bodhisattva Mahayana confia sem dúvida.
Os medianos ou inferiores não conseguem deixar de questionar:
Esta cabana perecerá ou não?

Perecível ou não, o mestre original está presente,
não habitando sul nem norte, este nem oeste.

Firmemente baseada na estabilidade, não pode ser ultrapassada.
Uma janela brilhante sob os pinheiros verdes —
palácios de jade ou torres vermelhas não se podem comparar.

Simplesmente sentado com a cabeça coberta, todas as coisas repousam.
Assim, este monge da montanha nada compreende de todo.

Vivendo aqui, já não trabalha para se libertar.
Quem arranjaria orgulhosamente lugares, tentando atrair convidados?

Voltai a luz para brilhar no interior; então simplesmente regressai.
A vasta fonte inconcebível não pode ser enfrentada nem evitada.

Encontra os mestres ancestrais, familiariza-te com a sua instrução,
ata ervas para construir uma cabana e não desistas.

Larga cem anos e relaxa completamente.
Abre as mãos e caminha, inocente.

Milhares de palavras, miríades de interpretações
existem apenas para vos libertar das obstruções.

Se quiserdes conhecer a pessoa imperecível na cabana,
não vos separeis deste saco de pele aqui e agora.

1 A tradução de "Canção da Ermida de Colmo" é de *Taisho Shinshu Daizokyo* (Tóquio: Taisho Issaikyo Kankokai, 1924–33), 51:461c. "Harmonia da Diferença e da Igualdade" é de *Taisho Shinshu Daizokyo* (Tóquio: Taisho Issaikyo Kankokai, 1924–33), 51:459b. "Canção do Samadhi do Espelho Precioso" é de *Taisho Shinshu Daizokyo* (Tóquio: Taisho Issaikyo Kankokai, 1924–33), 47:515a-b.

Harmonia da Diferença e da Igualdade
por Shitou Xiqian

A mente do grande sábio da Índia
é intimamente transmitida de oeste para este.

Embora as faculdades humanas sejam aguçadas ou obtusas,
o Caminho não possui ancestrais do norte ou do sul.

A fonte espiritual brilha claramente na luz;
os ramos secundários fluem na escuridão.

Agarrar-se às coisas é certamente ilusão;
harmonizar-se com a igualdade ainda não é iluminação.

Todos os objetos dos sentidos
interagem e, contudo, não o fazem.

Interagir traz envolvimento.
Caso contrário, cada um mantém o seu lugar.

As visões variam em qualidade e forma,
os sons diferem entre agradáveis e ásperos.

Discurso refinado e comum unem-se na escuridão;
frases claras e obscuras distinguem-se na luz.

Os quatro elementos regressam às suas naturezas
tal como uma criança se volta para a mãe;

O fogo aquece, o vento move-se,
a água humedece, a terra é sólida.

Olho e visões, ouvido e sons,
nariz e odores, língua e sabores;

Assim, com cada uma das coisas,
dependendo destas raízes, as folhas espalham-se.

Tronco e ramos partilham a essência;
reverenciado e comum, cada um possui a sua linguagem.

Na luz existe escuridão,
mas não a tomeis por escuridão;

Na escuridão existe luz,
mas não a vejais como luz.

Luz e escuridão opõem-se mutuamente
como o pé da frente e o de trás ao caminhar.

Cada uma das miríades de coisas possui o seu mérito,
expresso segundo a função e o lugar.

Os fenómenos existem; caixa e tampa ajustam-se.
O princípio responde; as pontas das flechas encontram-se.

Ouvindo as palavras, compreendei o significado;
não estabeleçais padrões próprios.

Se não compreenderdes o Caminho mesmo diante de vós,
como conhecereis o caminho enquanto caminhais?

O progresso não é questão de longe ou perto,
mas se estais confusos, montanhas e rios bloqueiam o vosso caminho.

Respeitosamente vos exorto, vós que estudais o mistério:
não passeis os vossos dias e noites em vão.

Canção do Samadhi do Espelho Precioso
por Dongshan Liangjie

O dharma da talidade é intimamente transmitido por budas e ancestrais;
agora o possuís; preservai-o bem.

Uma tigela de prata cheia de neve; uma garça escondida na lua.
Tomados como semelhantes, não são o mesmo; não distinguidos, os seus lugares são conhecidos.

O significado não reside nas palavras, mas um momento decisivo fá-lo emergir.
Movei-vos e ficareis presos; falhai e caireis na dúvida e hesitação.

Desviar-se e tocar são ambos errados, pois é como um enorme fogo.
Simplesmente retratá-lo em forma literária é manchá-lo com impureza.

Na noite mais escura é perfeitamente claro; na luz da aurora está oculto.
É um padrão para todas as coisas; o seu uso remove todo o sofrimento.

Embora não seja construído, não está para além das palavras.
Como encarar um espelho precioso; forma e reflexo contemplam-se mutuamente.

Vós não sois isso, mas na verdade isso sois vós.
Como uma criança recém-nascida, está plenamente dotado de cinco aspetos:

Sem ir, sem vir, sem surgir, sem permanecer;
“Saba wawa” — é algo dito ou não?

No fim nada diz, pois as palavras ainda não são corretas.
No hexagrama da iluminação, inclinado e reto interagem,

Empilhados tornam-se três, as permutações fazem cinco,
como o sabor da erva de cinco sabores, como o vajra de cinco pontas.

Maravilhosamente abraçados dentro do real, tamborilar e cantar começam juntos.

Penetrai a fonte e percorrei os caminhos; abraçai o território e valorizai as estradas.

Fareis bem em respeitar isto; não o negligencieis.
Natural e maravilhoso, não é questão de ilusão ou iluminação.

Dentro de causas e condições, tempo e estação, é sereno e iluminador.
Tão diminuto que entra onde não existe abertura; tão vasto que transcende dimensão.

Um desvio da espessura de um cabelo, e estais desafinados.
Agora existem súbito e gradual, e surgem ensinamentos e abordagens.

Quando ensinamentos e abordagens são distinguidos, cada um possui o seu padrão.

Quer os ensinamentos e as abordagens sejam dominados ou não, a realidade flui constantemente.

Exteriormente quietos e interiormente trémulos, como potros presos por uma rédea ou ratos acossados,
os antigos sábios compadeciam-se deles e ofereceram-lhes o dharma.

Guiados pelas suas visões invertidas, tomam o negro pelo branco.
Quando o pensamento invertido cessa, a mente afirmativa harmoniza-se naturalmente.

Se quiseres seguir os antigos trilhos, observa, por favor, os sábios do passado.

Aquele que estava prestes a realizar o Caminho de Buda contemplou uma árvore
durante dez kalpas,

Como um tigre marcado pela batalha, como um cavalo de canelas já grisalhas.

Porque alguns são vulgares, há mesas cravejadas de joias e vestes ornamentadas;
porque alguns têm os olhos muito abertos, há gatos e bois brancos.

Com a sua perícia de arqueiro, Yi atingia o alvo a cem passos,
mas quando as flechas colidem frontalmente, como poderia isso ser uma questão de habilidade?

O homem de madeira começa a cantar; a mulher de pedra levanta-se para dançar.

Isto não é alcançado por sentimentos nem pela consciência; como poderia envolver deliberação?

Os ministros servem os seus senhores, os filhos obedecem aos seus pais;
não obedecer não é filial, falhar no serviço não traz ajuda alguma.

Com a prática oculta, funciona secretamente, como um tolo, como um idiota;
simplesmente continuar assim de forma incessante é chamado o anfitrião dentro do anfitrião.

APÊNDICE B

Linhagem Sōtō: de Bodhidharma a Dōgen[2]

Bodhidharma (séculos V-VI)
Ensinamento do Despertar: Bodaidaruma

Dazu Huike (487-593)
Grande Patriarca Prajna (Intuição) Capacidade: Taiso Eka

Jianzhi Sengcan (m. 606)
Joia da Sabedoria-Espelho da Comunidade: Kanchi Sosan

Dayi Daoxin (580-651)
Grande Medicina Caminho da Fé: Dai-i Dōshin

Daman Hongren (602-675)
Grande Plenitude Ampla Perseverança: Daiman Kōnin

Fushan Fayuan (991-1067)

[1] Baseado na linhagem de Dōgen tal como aceite na escola japonesa Sōtō. São indicados os nomes dos monges chineses (excepto o sânscrito para Bodhidharma e o japonês para Dōgen), seguidos das datas (quando conhecidas), da tradução inglesa e da transliteração japonesa. Ver Introdução, nota 1.

Dajian Huineng (638-713)
Grande Espelho Talento Prajna: Daikan Enō

Qingyuan Xingsi (m. 740)
Fonte Verde Contemplação em Caminhada: Seigen Gyōshi

Shitou Xiqian (700-790)
Sobre a Rocha Rara Transformação: Sekitō Kisen

Yaoshan Weiyan (745-828)
Montanha da Medicina Consideração Majestosa: Yakusan Igen

Yunyan Tansheng (782-841)
Penhasco de Nuvem Esplendor Velado: Ungan Donjō

Dongshan Liangjie (807-869)
Montanha da Caverna Servo Virtuoso: Tōzan Ryōkai

Yunju Daoying (m. 902)
Morada nas Nuvens Sustentador do Caminho: Ungo Dōyō

Caoshan Benji (840-901)
Montanha Cao Silêncio Primordial: Sōzan Honjaku

Tongan Daopi (datas desconhecidas)
Grande Caminho da Paz Uniforme: Dōan Dōhi

Tongan Guanzhi (datas desconhecidas)
Contemplação Determinada da Paz Uniforme: Dōan Kanshi

Liangshan Yuanguan (datas desconhecidas)
Montanha da Ponte Contemplando as Condições: Ryōzan Enkan

Dayang Jingxuan (m. 1027)
Grande Yang Advertência Misteriosa: Taiyō Kyōgen

Fushan Fayuan (991-1067)
Montanha Flutuante Expandindo o Dharma: Fuzan Hōen[3]

Touzi Yiqing (1032-1083)
Criança Abandonada Devoção Azul: Tosu Gisei

Furong Daokai (1043-1118)
Flor de Lótus Modelo do Caminho: Fuyō Dōkai

Danxia Zichun (1054-1119)
Névoa Vermelha Criança Pura: Tanka Shijun

Kumu Faqeng (1071-1128)
Madeira Seca Dharma Completo: Koboku Hōjō

Changlu Qingliao (1089-1151)
Juncos Altos Pureza Completa: Chōryō Seiryō

Hongzhi Zhengjue (1091-1157)
Vasta Sabedoria Despertar Correcto: Wanshi Shōgaku

Tiantong Zongjue (1091-1162)
Monte Tiantong [Criança Celestial] Clã das Joias: Tendō Sōgaku

Xuedou Zhijian (1105-1192)
Ermitério da Neve Espelho da Sabedoria: Setchō Chikan

Tiantong Rujing (1163-1228)
Monte Tiantong Pura Talidade: Tendō Nyōjō

Eihei Dōgen (1200-1253)
Fonte do Caminho da Paz Eterna

[3] Fushan, um mestre Rinzai, transmitiu e assim preservou o ensinamento Sōtō sem aceitar ele próprio a transmissão. Quando Dayang sobreviveu aos seus discípulos iluminados, a linhagem estava prestes a extinguir-se; mas o idoso Dayang recorreu à ajuda de Fushan, já sucessor da linha Rinzai seis gerações depois de Rinzai. Fushan estava em completo acordo dhármico com Dayang, mas sentia que não podia assumir as responsabilidades adicionais de proclamar publicamente o estilo Sōtō. Contudo, Fushan conseguiu transmitir o ensinamento Sōtō a um discípulo capaz, Touzi Yiqing.

NOTAS

INTRODUÇÃO

1. As principais fontes para a vida de Hongzhi são Xu Chuan Deng Lu [Registo Posterior da Transmissão da Lâmpada], em *Taisho Shinshū Daizōkyō* (Tóquio: Taisho Issaikyō Kankōkai, 1924-1933), n.º 2077, vol. 51, p. 579; Isshu Miura e Ruth Fuller Sasaki, *Zen Dust: the History of the Koan and Koan Study in Rinzai (Lin-chi) Zen* (Nova Iorque: Harcourt, Brace & World, 1966), pp. 170-

171; Takashi James Kodera, *Dogen's Formative Years in China: An Historical Study and Annotated Translation of the "Hokyo-ki"* (Boulder, Colorado: Prajña Press, 1980), pp. 92-93, 99-101; e Dan Stevenson, "Silent Illumination Ch'an", em *Chan Magazine* (Elmhurst, Nova Iorque), 2, n.º 5 (1981).

Ao longo da Introdução, quando as pessoas são mencionadas pela primeira vez, as respetivas datas (quando disponíveis) são fornecidas no texto. As traduções inglesas dos nomes e as pronúncias japonesas dos nomes chineses comummente usadas no Zen japonês são apresentadas na Linhagem Sōtō (Apêndice B) ou, no caso de figuras importantes fora dessa linhagem, nas notas.

Os nomes dos monges, normalmente atribuídos pelos mestres de ordenação Zen, refletem frequentemente aspetos do carácter espiritual e da potencialidade do praticante (não muito diferente dos nomes indígenas norte-americanos). Contudo, também era comum utilizar posteriormente um nome derivado do lugar onde um mestre ensinava; estes não se referem geralmente às qualidades espirituais do indivíduo. As traduções aqui fornecidas podem não refletir todos os significados espirituais ou conotações relevantes dos nomes.

2. Linji e Caodong são os dois principais ramos sobreviventes do Budismo Chan chinês, chamados em japonês Rinzai e Sōtō. Huanglong Huinan significa Dragão Amarelo Sabedoria do Sul; em japonês, Ōryū Enan.

3. O *Sutra da Guirlanda de Flores* chama-se *Avatamsaka* em sânscrito, *Huayan* em chinês e *Kegon* em japonês. Desenvolveu-se na China uma escola Huayan distinta baseada neste sutra. Esta é discutida na secção "Contexto Sōtō" da Introdução, abaixo.

4. O eu anterior ao kalpa vazio, quando o universo material ainda não existe, é considerado a natureza essencial de cada um. É uma expressão Zen comum para investigar o verdadeiro eu ou a compreensão última, sinónima do rosto original, ou do teu rosto antes do nascimento dos teus pais.

Kalpa é um termo sânscrito que designa uma duração de tempo imensamente vasta (ver nota 12 das Instruções de Prática). Na cosmologia

budista, cada universo existe durante um ciclo de quatro kalpas: o vazio, o devir, a permanência e a decadência.

5. O nome Yuanwu significa "Iluminação Completa Capaz e Diligente", pronunciado em japonês Engo Katsusan. Para uma tradução inglesa da sua célebre colectânea, ver Thomas Cleary e J. C. Cleary, trads., *The Blue Cliff Record*, 3 vols. (Boulder, Colorado: Shambhala, 1977). Doravante utilizarei o termo "koan" para me referir a estas histórias, palavra hoje familiar no uso da língua inglesa.

6. Shohaku Okumura, trad., *Shōbōgenzō Zuimonki, Sayings of Eihei Dōgen Zenji Recorded by Koun Ejō* (Quioto: Kyoto Sōtō Zen Center, 1985), secção 2-6, p. 77.

7. Dahui Zonggao significa "Grande Sabedoria Sol Radiante Ancestral"; em japonês, Daie Sōkō.

8. Miura e Sasaki, *Zen Dust*, p. 171.

9. Dachuan Puji, ed., *Wu Deng Hui Yuan* (Taipé: Guang Wen Bookstore, 1971).

10. As principais fontes para esta secção são Chang Chung-Yuan, trad., *Original Teachings of Ch'an Buddhism: Selected from "Transmission from the Lamp"* (Nova Iorque: Vintage Books, 1971), incluindo as respectivas introduções; Thomas Cleary, ed. e trad., *Timeless Spring: A Soto Zen Anthology* (Tóquio: Weatherhill, 1980); Thomas Cleary, trad., *Transmission of Light: Zen in the Art of Enlightenment by Zen Master Keizan* (São Francisco: North Point Press, 1990); Thomas Cleary, trad., *The Book of Serenity* (Hudson, Nova Iorque: Lindisfarne Press, 1990); William Powell, trad., *The Record of Tung-shan* (Honolulu: University of Hawaii Press, 1986); Kazuaki Tanahashi, ed., *Moon in a Dewdrop: Writings of Zen Master Dōgen* (São Francisco: North Point Press, 1985); e Alfonso Verdu, *Dialectical Aspects in Buddhist Thought: Studies in Sino-Japanese Mahayana Idealism* (Lawrence: University of Kansas, Center for East Asian Studies, 1974).

Mazu Dao-i significa "Antepassado Cavalo Caminho da Unidade"; em japonês, Baso Dōitsu.

11. Sengzhao significa “Monge Fundador”; em japonês, Sōjō. Discípulo do grande tradutor Kumarajiva (344-413), Sengzhao foi mestre de Madhyamika, o ensinamento budista Mahayana primitivo centrado na análise minuciosa do vazio.

12. T. Cleary, *Book of Serenity*, caso 91, p. 391.

13. “A Harmonia da Diferença e da Igualdade” chama-se “Can Tong Qi” em chinês, “Sandōkai” em japonês. Ver Apêndice A; ou, para outra versão, T. Cleary, *Timeless Spring*, pp. 36-38.

14. Para o “Cântico do Samadhi do Espelho Precioso” (“Bao Jing Sanmei” em chinês, “Hōkyō Zanmai” em japonês), ver Apêndice A; T. Cleary, *Timeless Spring*, pp. 39-42; ou Powell, *The Record of Tung-Shan*, pp. 63-65. Para os comentários em verso de Dongshan sobre os cinco graus, ver Powell, *Record of Tung-shan*, pp. 61-63.

15. Para discussões adicionais sobre os cinco graus, ver Verdu, *Dialectical Aspects in Buddhist Thought*; T. Cleary, *Timeless Spring*, pp. 36-53; Chang, *Original Teachings of Chan*, pp. 41-57; e Powell, *Record of Tung-shan*, pp. 11-14. Para o tratamento dos cinco graus na escola Rinzai, ver Miura, *The Zen Koan* (republicação abreviada de *Zen Dust*), pp. 62-72.

16. Nanquan Puyuan significa “Fonte do Sul Voto Universal”; em japonês, Nansen Fugan. Ver nota 8 das Instruções de Prática abaixo. Guishan Lingyou significa “Montanha da Prática Proteção Espiritual”; em japonês, Isan Reiyū. Guishan é considerado um dos fundadores da escola Guiyang de Zen, uma das clássicas “cinco casas”, entre as quais se incluem Sōtō e Rinzai.

17. Mais tarde, um monge perguntou a Dongshan se o próprio Yunyan sabia ou não o que isso era. Dongshan respondeu: “Se ele não soubesse o que era, como poderia ser capaz de o dizer? Se soubesse o que era, como poderia estar disposto a dizê-lo?” (T. Cleary, *Book of Serenity*, caso 49, p. 206).

18. As principais fontes para esta secção são J. C. Cleary, trad., *Swampland Flowers: The Letters and Lectures of Zen Master Ta Hui* (Nova Iorque: Grove Press, 1977); Takashi James Kodera,

"Ta Hui Tsung-Kao (1089-1163) and his 'Introspecting the Kung-An Ch'an (Koan Zen)'", *Ohio Journal of Religious Studies* (Cleveland), 6, n.º 1 (1978); Kodera, *Dogen's Formative Years in China*; e Miura e Sasaki, *Zen Dust*.

Linji Yixuan é um descendente da quarta geração de Mazu. O seu nome significa "Junto ao Rio Significado Profundo"; em japonês, Rinzai Gigen.

19. Okumura, *Shōbōgenzō-Zuimonki*, p. 193.

20. Cleary e Cleary, *Blue Cliff Record*, I: xxii-xxiii.

21. J. C. Cleary, *Swampland Flowers*, pp. 129, 131.

22. As principais fontes para esta secção incluem Thomas Cleary, trad., *"Shōbōgenzō": Zen Essays by Dogen* (Honolulu: University of Hawaii Press, 1986); Tanahashi, *Moon in a Dewdrop*; Shohaku Okumura, trad. e ed., *Dogen Zen* (Quioto: Kyoto Sōtō Zen Center, 1988); Gudō Wafu Nishijima e Chōdō Cross, *Master Dogen's Shobogenzō*, 4 vols. (Woods Hole, Massachusetts: Windbell Publications, 1994-99); Hee-Jin Kim, *Dogen Kigen — Mystical Realist* (Tucson: University of Arizona Press, 1975); Shunryu Suzuki, *Zen Mind, Beginner's Mind* (Nova Iorque: Weatherhill, 1970); Steven Heine, "Dogen Casts Off 'What': An Analysis of Shinjin Datsuraku", *The Journal of the International Association of Buddhist Studies* (Bloomington, Indiana), 9, n.º 1 (1986); e Carl Bielefeldt, *Dogen's Manuals of Zen Meditation* (Berkeley: University of California Press, 1988).

Si-de Huihui significa "Sabedoria Radiante Autorrealizada"; em japonês, Jitoku Eki. É conhecido por uma das grandes séries tradicionais de versos sobre o pastoreio do boi. Dongming Huiji significa "Brilho Oriental Sol Benéfico"; em japonês, Tōmyō Enichi. Dongling Yungyu significa "Colina Oriental Dádiva Eterna"; em japonês, Tōryō Eiyō.

23. Ver o "Zazenshin" (Agulha de Acupunctura do Zazen) de Dōgen, em Bielefeldt, *Dogen's Manuals*, pp. 199-205; e em Okumura, *Dogen Zen*, pp. 99-101.

24. Norman Waddell e Masao Abe, "Dogen's Fukanzazengi and Shobogenzo Zazengi", *Eastern Buddhist* 6, n.º 2 (1973): 123.

25. Bielefeldt, *Dogen's Manuals*, pp. 198-199.

CULTIVANDO O CAMPO VAZIO

26. Menzan Zuihō significa "Voltado para a Montanha Direcção Auspiciosa".

27. Okumura, *Dogen Zen*, pp. 55-56.

28. Traduções da versão deste poema feita por Dōgen incluem ibid., pp. 100-101; Tanahashi, *Moon in a Dewdrop*, pp. 218-219; e Bielefeldt, *Dogen's Manuals*, pp. 204-205.

29. Bielefeldt, *Dogen's Manuals*, p. 205.

30. Waddell e Abe, "Dogen's Fukanzazengi", p. 122.

31. Ver ibid., p. 123; Okumura, *Dogen Zen*, pp. 94-95; e, para uma discussão útil da técnica de meditação de Dōgen, T. Cleary, *Shōbōgenzō, Zen Essays*, pp. 9-13.

32. Bielefeldt, *Dogen's Manuals*, p. 181.

33. Heine, "Dogen Casts Off 'What'", p. 53.

34. T. Cleary, *Shōbōgenzō: Zen Essays*, p. 32.

35. Okumura, *Dogen Zen*, p. 53.

36. Heine, "Dogen Casts Off 'What'", pp. 54-55, 61-63.

37. Ver ibid., pp. 55-56.

38. T. Cleary, *Book of Serenity*, caso 67, p. 281.

39. Para a prática de *genjōkōan*, ver Kim, *Dogen Kigen*, p. 100.

40. Para exemplos do ensinamento Yogācāra, ver John Powers, trad., *Wisdom of Buddha: The Samdhinirmocana Sutra* (Berkeley: Dharma Publishing, 1995); D. T. Suzuki, trad., *The Lankavatara Sutra* (Boulder, Colorado: Prajña Press, 1978); Janice Dean Willis, *On Knowing Reality* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1979); Yoshito S. Hakeda, trad., *The Awakening of Faith: Attributed to Asvaghosha* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1967); ou Gadjin Nagao, *Mādhyamika and Yogācāra*, trad.

por Leslie Kawamura (Albany: State University of New York Press, 1989).

41. Para exemplos de Ecologia Profunda, ver John Seed, Joanna Macy, Pat Fleming e Arne Naess, *Thinking Like a Mountain: Towards a Council of All Beings* (Filadélfia: New Society Publishers, 1988); e Allan Hunt Badiner, ed., *Dharma Gaia: a Harvest of Essays on Buddhism and Ecology* (Berkeley: Parallax Press, 1990).

INSTRUÇÕES DE PRÁTICA

1. Um discípulo de Hongzhi, cujo nome significa "Respeito Universal", o monge Puqung não é mencionado entre os onze discípulos mais proeminentes de Hongzhi no *Wu Deng Hui Yuan* (*Cinco Lâmpadas Fundidas na Fonte*). Não consegui encontrar qualquer outra referência a ele.

2. O espelho é uma imagem budista tradicional da mente clara e aberta que reflete sem apego nem discriminação. No seu "Cântico do Samadhi do Espelho Precioso", Dongshan Liangjie, fundador da tradição Caodong/Sōtō da qual Hongzhi é sucessor, utiliza o espelho precioso como imagem da mente desperta e concentrada. Ver Apêndice A.

3. O Pico Taipai era o ponto mais alto do Monte Tiantong, onde se situava o Mosteiro Jingde de Hongzhi. Os três nomes eram usados indistintamente para designar o templo de Hongzhi.

4. "Dragões e elefantes" é uma imagem Zen comum para praticantes iluminados. "Dragão", aqui e noutros pontos do texto, refere-se aos dragões indígenas chineses e não aos *nāga* indianos, que Hongzhi menciona mais tarde usando a transliteração chinesa habitual.

5. "Dharma" provém do sânscrito e refere-se ao ensinamento da realização espiritual, à Verdade do que é ensinado e, enquanto "dharmas", aos elementos particulares do campo da realidade. Aqui é enfatizado este último significado.

6. A lua é uma imagem do despertar, brilhando igualmente sobre todos os fluxos dos fenómenos.

7. A expressão “interação responsiva” é usada frequentemente por Hongzhi, podendo também significar “apropriada”, “união” ou “harmonização”. “Caixa e tampa” e “pontas de flecha” remetem para “A Harmonia da Diferença e da Igualdade”, de Shitou: “Os fenómenos existem; caixa e tampa encaixam. O princípio responde; as pontas das flechas encontram-se.”

8. Esta é uma imagem da não-interferência mútua e do funcionamento desobstruído dos fenómenos descritos na teoria budista chinesa Huayan. As pontas das flechas encontrando-se frontalmente no ar representam o funcionamento miraculoso do universal diretamente no fenomenal. No “Cântico do Samadhi do Espelho Precioso”, Dongshan diz: “Quando as flechas se encontram frontalmente, como poderia isso ser uma questão de habilidade?” Ver Apêndice A.

9. Esta imagética refere-se ao “Cântico do Samadhi do Espelho Precioso”, de Dongshan, na versão de William Powell: “Para benefício daqueles de capacidade inferior, há um apoio para os pés cravejado de joias e vestes de brocado; para benefício daqueles capazes de assombro, um gato selvagem ou um boi branco.” (de Powell, *The Record of Tung-Shan*, pp. 63-65).

10. Nesta frase, Dongshan remete para um dito de um dos seus primeiros mestres, Nanquan (748-834), discípulo de Mazu (709-788) e mestre do grande Zhaozhou (778-897). Hongzhi cita-o no *Book of Serenity*, caso 69: “Nanquan disse à assembleia: ‘Os Budas do passado, presente e futuro não sabem o que isso é; gatos e vacas sabem o que isso é.’”

Este caso relaciona-se com a consciência e atividade simples e espontâneas de gatos e vacas, em contraste com as dos seres humanos. Nanquan é famoso pela história em que “mata um gato”. Ver Cleary e Cleary, *Blue Cliff Record*, caso 63, II:406. Nanquan gostava de se referir a bois, afirmando por exemplo que, depois de morrer, regressaria como “um búfalo de água na colina abaixo”: ver Chang, *Original Teachings of Chan Buddhism*, pp. 153-163.

O boi foi posteriormente utilizado no Zen em várias versões das imagens do pastoreio do boi, representando etapas do desenvolvimento espiritual. Em algumas versões, o boi progride do negro para o branco, simbolizando o processo de purificação. Hongzhi também se refere frequentemente a bois, por vezes aparentemente associado a essas imagens do pastoreio.

9. "Aquele que deixou o lar" é uma designação tradicional para os monges budistas, remetendo ao momento em que o Buda histórico, Shakyamuni, abandonou o seu palácio na antiga Índia para procurar e alcançar a iluminação perfeita.

O termo aplica-se igualmente aos monges Zen chineses que deixavam o rígido sistema familiar da sua sociedade para entrar num mosteiro ou vaguear de mestre em mestre. Num nível espiritual mais profundo, abandonar o lar refere-se ao desapego do praticante em relação aos condicionamentos habituais, psicológicos e emocionais pessoais.

10. "Monge de vestes remendadas" é um epíteto clássico para um monge budista, referindo-se à veste de ordenação que os monges cosiam desde o tempo de Shakyamuni, originalmente feita de trapos velhos rejeitados e tingidos uniformemente.

11. A ação de puxar o nariz do boi é representada em algumas versões da série do pastoreio do boi como o "domar do boi", uma etapa do caminho frequentemente associada a árdua purificação e disciplina.

12. Um *kalpa* é uma duração de tempo descrita pela imagem de um pássaro que, uma vez a cada cem anos, sobrevoa o pico do Monte Evereste com um pedaço de seda nas garras: o tempo necessário para que a seda desgaste completamente a montanha corresponde a um *kalpa*. Para o "kalpa vazio" no ciclo cosmológico budista, ver Introdução, nota 4.

13. "Bodhi" é uma palavra sânscrita que significa despertar completo, proveniente da mesma raiz de "Buda", o desperto.

14. A "língua longa e larga" é uma das trinta e duas marcas físicas de um buda, indicando expressão eloquente da verdade.

"Dharma" é aqui utilizado com o sentido de reino da realidade e também do ensinamento que produz a sua realização.

15. "Duas formas" é um nome convencional para yin e yang, o antigo dualismo chinês que representa terra e céu, obscuridade e luz, passividade e atividade, feminino e masculino, respetivamente.

16. "Negócio de família" é uma imagem da perpetuação e transmissão de uma tradição ou linhagem de ensinamento específica. Num sentido mais amplo, todos aqueles que tomam refúgio no buda-dharma são chamados "filhos de Buda"; assim, continuar o negócio da família significa cumprir o voto mais íntimo e profundo de alcançar a iluminação, no Mahayana libertando todos os seres juntamente consigo próprio.

17. "O fundo do balde cair" é uma imagem Zen da experiência em que as pré-conceções e a visão fixa do mundo se evaporam súbita e completamente. Após tal experiência, as atitudes transformam-se de modo irrevogável, embora respostas habituais profundamente enraizadas possam ainda governar a conduta em diferentes graus no contexto da atividade continuada no mundo.

18. *Samādhi* é o estado de concentração meditativa. Os sutras Mahayana enumeram muitos samadhis diferentes, com nomes expressivos e coloridos.

19. O reino do dharma ou reino da realidade (*dharmadhātu* em sânscrito) é o campo total do dharma ou da verdade, equivalente a todos os dharmas ou entidades, isto é, todo o universo fenomenal visto na sua pureza primordial.

20. Referência ao *Dao De Jing* de Laozi, o clássico taoista antigo, Livro 6: "O espírito do vale nunca morre. A isto se chama a fêmea misteriosa. A porta da fêmea misteriosa é chamada a raiz do céu e da terra."

21. Antepassados, traduzidos em algumas versões inglesas como "patriarcas", refere-se à linhagem de mestres que remonta ao Buda Shakyamuni e que mantiveram e transmitiram o ensinamento.

O termo designa especialmente os grandes fundadores que estabeleceram, desenvolveram ou difundiram ramos do ensinamento.

22. "A sombra da espessura de um cabelo" é um intervalo entre o eu e o surgir e extinguir dos fenómenos. Antes desse intervalo existe uma consciência que reconhece imediatamente o surgimento do cenário de sons, visões, pensamentos, e assim por diante.

23. "Terrenos, raízes e poeiras" refere-se aqui aos dezoito *dhātus*, isto é, as seis consciências sensoriais, as seis faculdades sensoriais e os seis objetos sensoriais, que, quando combinados, produzem a nossa experiência do mundo fenomenal.

24. As nuvens são uma imagem dos monges que abandonaram o lar, vagueando livremente. Os dragões são uma imagem de mestres iluminados ou adeptos (ver nota 4 acima).

25. O "passo para trás" é a introspeção meditativa, técnica principal da prática meditativa de Hongzhi, também exposta por mestres Zen como o Sexto Patriarca Huineng, Shitou e Dōgen. Ver a secção intitulada "A Relação de Hongzhi com Dōgen" na Introdução.

26. Em "o eu entra alegremente em samadhi em todas as ilusões e aceita a sua função", a referência é ao samadhi do gozo pessoal ou autorrealização, um importante ensinamento Zen Sōtō chamado *jijuyū zammai* em japonês; ver Shohaku Okumura e Taigen Dan Leighton, *The Wholehearted Way: A Translation of Eihei Dōgen's "Bendōwa"* (Boston: Charles E. Tuttle and Co., 1997), pp. 14-19, 22-23, 43.

O composto chinês que significa gozo ou realização traduz-se literalmente como "receber função". Aqui Hongzhi repete o carácter para "função" a fim de enfatizar o significado literal.

27. Como expressão idiomática, "caldeirões" significa simplesmente "retidão". O caldeirão é um utensílio tradicional chinês associado à alquimia e à culinária, estando por isso ligado à transformação espiritual. Aqui é uma imagem do contexto da prática meditativa e da sua fiabilidade ióguica.

Caldeirão é o nome do hexagrama 50 no antigo clássico chinês *Livro das Mutações*, ou *I Ching*: "Para transformar as coisas, nada se compara ao caldeirão; este é o recipiente usado para refinar os sábios, forjar santos, cozinhar budas e purificar adeptos. Como poderia não ser extremamente auspicioso e propício ao desenvolvimento?" (Thomas Cleary, trad., *The Buddhist "I Ching" by Chih-hsu Ou-i* [Boston: Shambhala, 1987], p. 189).

28. O grande mestre Zen Zhaozhou Congshan (778-897; "Província de Zhao Obedecendo ao Conselho"; em japonês, Jōshū Jūshin) é a fonte de muitos dos koans clássicos. Quando um monge recém-chegado lhe pediu instruções, Zhaozhou perguntou-lhe se já tinha tomado o pequeno-almoço. Quando o monge respondeu afirmativamente, Zhaozhou disse: "Então vai lavar a tua tigela."

Ver Koun Yamada, trad., *Gateless Gate* (Los Angeles: Center Publications), caso 7; ou Thomas Cleary, trad. e comentário, *No Barrier: Unlocking the Zen Koan, A New Translation of the Mumonkan* (Nova Iorque: Bantam Books, 1993), caso 7; e Cleary, *Book of Serenity*, caso 39, pp. 171-172.

O comentário em verso de Hongzhi a este caso, no *Book of Serenity*, é:

"Pequeno-almoço terminado, a orientação é lavar a tigela;
aberta, a base da mente encontra-se consigo mesma.
E agora, um hóspede do mosteiro, tendo estudado até ao fundo — mas houve iluminação ali dentro ou não?"

Hongzhi, nesta passagem do texto, refere-se também a outra história de Zhaozhou. Recebendo dois monges visitantes, perguntou-lhes se já lá tinham estado antes. Quando cada um respondeu afirmativa e negativamente, respetivamente, Zhaozhou respondeu da mesma forma a ambos: "Tomem uma chávena de chá." Quando um oficial do mosteiro lhe perguntou o motivo, Zhaozhou disse-lhe igualmente: "Tome uma chávena de chá." Ver John C. H. Wu, *The Golden Age of Zen* (Taipé: United Publishing Center, 1975), p. 136.

29. O "vaso de jade" é uma imagem da mente pura e iluminada. "Virar de lado" representa a função do despertar, respondendo às limitações do mundo fenomenal ("inclinado" é um termo Sōtō para o fenomenal em contraste com o último). No

Budismo, os quatro elementos — terra, água, fogo e ar — são tradicionalmente considerados os componentes de toda a matéria.

30. As montanhas podem ser uma imagem dos mestres Zen, frequentemente nomeados a partir das montanhas onde residem. "Vento da família", ou vento da casa, refere-se ao sabor ou estilo de ensinamento de uma determinada escola ou linhagem.

31. Para discussões sobre os processos alquímicos do yin e do yang, ver Thomas Cleary, trad., *The Taoist I Ching* (Boston: Shambhala, 1986) ou Thomas Cleary, trad. e ed., *The Inner Teachings of Taoism* (Boston: Shambhala, 1986).

32. A referência aqui é à luz e à sombra enquanto conceções dualistas.

33. A referência é à "Harmonia da Diferença e da Igualdade", de Shitou: "Na luz há escuridão, mas não a tomes por escuridão; na escuridão há luz, mas não a vejas como luz. Luz e escuridão opõem-se mutuamente como o pé da frente e o de trás ao caminhar. Cada uma das miríades de coisas possui o seu mérito, expresso segundo a função e o lugar." Ver Apêndice A.

34. Literalmente "areia do rio" ou "seixos", esta expressão é convencionalmente usada nas traduções chinesas dos sutras budistas para designar "todos os grãos de areia ao longo do rio Ganges", expressão comum nos sutras para indicar um número imenso. A imagem aqui pode também sugerir a ação dos seixos polindo-se mutuamente na corrente.

35. "O antebraço dobrando-se para trás ao encontro" (literalmente, "antebraço [ou cotovelo] para trás") é uma expressão enigmática, mas parece descrever um gesto de recolhimento ou de iniciativa própria, com o antebraço puxado para trás até ao peito. Isto parece constituir uma postura de autocontenção, que Hongzhi recomenda como simultaneamente responsiva aos acontecimentos.

O "terceiro olho" (literalmente, "olho do portal superior") indica o olho espiritual da intuição, geralmente representado no meio da testa; também o olho de Maheshvara, rei das divindades celestiais na cosmologia indiana, nome usado igualmente como epíteto para grandes bodhisattvas.

36. As “pontas da erva branca” são um sinónimo para a variedade dos fenómenos.

37. Esta é a declaração de Shitou no momento do seu grande despertar: “Quem pode compreender as miríades de coisas como sendo si mesmo? Apenas um sábio.” Ver a secção intitulada “O Contexto Sōtō” na Introdução; e Chang, *Original Teachings of Chan Buddhism*, p. 245.

38. Os “cinco graus de realização”, literalmente “ação meritória”, são uma expressão usada na escola Sōtō para os “cinco graus de realização meritória”, um de dois sistemas de ensinamentos dos cinco graus apresentados pelo fundador da escola, Dongshan Liangjie (807-869). Ver a discussão sobre os cinco graus na Introdução, “O Contexto Sōtō”. Os comentários em verso de Hongzhi, “Os Cinco Graus”, podem ser encontrados nos Versos Religiosos, abaixo.

39. “União mútua” aqui também pode ser traduzido como “retorno mútuo” ou “interação”. O carácter *ji*, traduzido aqui como “oportunidade energética”, é bastante versátil: pode denotar energia, mudança, função, oportunidade, origem, tear ou mecanismo, entre os seus significados principais.

Esta frase também poderia ser lida como: “Aqui tens a função interativa.”

40. Jinhua Juzhi ou Judi (século IX), “Flor Dourada de Juzhi [um lugar]”; em japonês, Kinka Gutei. Este mestre Zen tornou-se célebre por responder sempre às perguntas erguendo um dedo.

Ver T. Cleary, *Book of Serenity*, caso 84; Cleary e Cleary, *Blue Cliff Record*, caso 19; e Yamada, *Gateless Gate*, caso 3.

No *Book of Serenity*, Hongzhi inclui o seguinte comentário em verso:

“O Chan da ponta do dedo do velho Judi —
durante trinta anos usou-o sem o desgastar.
Verdadeiramente possuía a técnica não convencional de um homem do Caminho —
no fim de contas, não há coisas mundanas diante dos seus olhos para ver.

A sua realização, extremamente simples;
o método, tanto mais vasto.

Um oceano de milhares de milhões de mundos é sorvido na ponta de um cabelo:
peixes e dragões sem limite — em cujas mãos caem eles?

Tem cuidado, Senhor Ren, segurando a cana de pesca!"

[Depois de pronunciar este verso, Hongzhi] também levantou um dedo e disse: "Olhem!"

(T. Cleary, *Book of Serenity*, p. 358.)

41. "Selo" refere-se ao selo de autenticidade, também usado para *mudra*, um gesto ou posição meditativa. Diz-se que o samadhi do selo oceânico é a consciência a partir da qual o Buda pronunciou o *Sutra da Guirlanda de Flores*.

Um comentário Huayan afirma: "O 'selo oceânico' é a consciência fundamental da verdadeira talidade. Quando a ilusão termina, a mente torna-se clara e miríades de formas aparecem simultaneamente. É como o oceano. Devido ao vento surgem ondas; se o vento cessa, o oceano acalma e todas as imagens se podem refletir nele."

O ensaio de Dōgen, "O Samadhi do Selo Oceânico", começa assim: "Para ser Budas e adeptos Zen, é necessário ser o samadhi do selo oceânico." (T. Cleary, *"Shōbōgenzō": Zen Essays*, pp. 76, 78.)

42. O mestre Zen Xuansha Shibei (835-908; "Areia Escura Mestre Completo"; em japonês, Gensha Shibi) disse: "O universo inteiro é uma única pérola brilhante." Ver Norman Waddell e Masao Abe, trads., "Dogen's Ikka Myoju: One Bright Pearl", *Eastern Buddhist* 6, n.º 2 (1971).

43. "Este monge rústico [ou humilde]" refere-se ao próprio Hongzhi.

44. "Tear da oportunidade energética" é a tradução do carácter *ji* (ver nota 39 acima). O significado de "tear" está implícito neste caso pelo seu emparelhamento com o carácter que significa "lançadeira".

Esta imagem indica que a consciência clara não consegue penetrar completamente enquanto não tiver surgido ou sido posta em prática uma visão totalizante e não alienada.

45. No Budismo, fugas ou escoamentos referem-se ao apego aos objetos sensoriais e, consequentemente, às paixões, bem como à dissipação da energia do *samādhi*.

46. Um *nāga* é um espírito oceânico ou dragão, por vezes guardião de ensinamentos budistas ainda incompreensíveis no reino humano. A meditação *nāga* é meditação ou samadhi em todos os momentos e no meio de toda a atividade.

47. Dongshan sugeria por vezes que os seus discípulos emulassem o caminho sem rasto do pássaro através do céu, no qual "não se encontra uma única pessoa". Contrastava isso com o rosto original, que dizia "não seguir o caminho do pássaro".

O caminho do pássaro é uma imagem do funcionamento pleno do monge, sem deixar vestígios. Esta imagem remonta aos sutras budistas, por exemplo ao *Dhammapada* e à *Prajñāpāramitā*. Ver Powell, *Record of Tung-shan*, pp. 55, 85.

48. Esta é uma referência ao "Cântico do Samadhi do Espelho Precioso", de Dongshan: "Afastar-se e tocar são ambos errados, pois é como um enorme fogo." Ver Apêndice A.

49. Nirvana, o objetivo tradicional budista, é um estado livre de nascimento e morte e da consciência condicionada. Aqui Hongzhi identifica o nirvana com o samsara, o reino condicionado da criação dos seres.

50. O caso 67 do *Book of Serenity*, "A Sabedoria do Sutra da Guirlanda de Flores", cita a declaração do Buda Shakyamuni no momento da sua iluminação: "Vejo agora que todos os seres sencientes, em toda a parte, possuem plenamente a sabedoria e as virtudes dos iluminados, mas, devido a conceções falsas e apegos, não o realizam." (T. Cleary, *Book of Serenity*, p. 281.)

Ver a secção da Introdução intitulada "O Campo Vazio da Natureza de Buda".

51. “Poeira da terra” refere-se aos desejos sensoriais mundanos.

52. “Dentro do portão” é uma expressão para o ensinamento de uma escola particular; aqui Hongzhi refere-se a emergir do treino para funcionar livremente. Ver também o poema “O Corpo Emergindo de Dentro do Portão”, nos Versos Religiosos, abaixo.

53. Citação do *Dao De Jing* de Laozi, Livro 41: “O grande quadrado não tem cantos. O maior recipiente é o que leva mais tempo a concluir-se. A grande música tem as notas mais ténues. A Grande Forma é sem forma.”

54. Bodhidharma (séculos V-VI), fundador do Zen na China, disse a quatro dos seus discípulos que haviam alcançado, respetivamente, a sua pele, carne, ossos e medula. Como o seu sucessor, o Segundo Patriarca Dazu Huike (487-593), foi designado com a medula, isto foi entendido como a realização mais profunda, e os quatro passaram a ser mal interpretados como etapas comparativas.

Dōgen diz em “Lianas Entrelaçadas”:

“Os quatro discípulos possuíam realização e compreensão. A realização e compreensão de cada um são pele, carne, ossos e medula saltando para fora do corpo e da mente; pele, carne, ossos e medula deixando cair corpo e mente. Não deveis ver nem ouvir o patriarca com uma compreensão limitada destas afirmações… Deveis saber que as palavras do patriarca… não significam que uma compreensão esteja mais próxima do que outra.

Mesmo que existam visões superiores ou inferiores, no caminho do patriarca há apenas alcançar o eu… Desde o início, a confirmação de Bodhidharma a cada um deles foi igual.” (De Tanahashi, *Moon in a Dewdrop*, pp. 169-170.)

55. Tradicionalmente, os monges Zen interrogavam-se sobre a vinda de Bodhidharma do Ocidente (Índia) como uma questão de significado último.

56. “Escola da Mente de Buda” é uma expressão para a escola Chan/Zen.

57. Huineng (638-713; apelido Lu), o célebre Sexto Patriarca do Zen, era um lenhador analfabeto oriundo dos confins rurais de Cantão e um leigo quando recebeu a transmissão do dharma do Quinto Patriarca.

Huangmei refere-se a Daman Hongren (602-675), o Quinto Patriarca após Bodhidharma, cujo templo se encontrava no Monte Huangmei. Ver também o poema memorial de Hongzhi dedicado a Daman, nos Versos Religiosos.

Para a história completa referida neste parágrafo do texto, ver Philip Yampolsky, ed. e trad., *The Platform Sutra of the Sixth Patriarch* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1967).

58. Esta é uma referência evidente ao poema que se diz ter sido escrito por Huineng para obter a transmissão do patriarcado, no qual proclama a sua profunda realização do vazio: não existe tal mente nem tal espelho sobre o qual se acumulem poeira ou impurezas mundanas.

Assim, o "transcender a impureza" de Huineng, mencionado aqui por Hongzhi, significa a realização, por Huineng, do vazio da existência independente e inerente de qualquer impureza.

59. As montanhas Dayu ficam a sul de Huangmei. Depois de receber a transmissão, Huineng foi avisado pelo Quinto Patriarca para fugir para sul, a fim de escapar às invejas e hostilidade da grande comunidade de monges instalada em torno de Huangmei.

Huiming ("Entendimento Luminoso", nome usado apenas após este incidente) era um monge sénior em Huangmei e antigo general. Conseguiu localizar Huineng, que colocou a túnica e a tigela — insígnias da transmissão — sobre uma rocha. Milagrosamente, o robusto Huiming foi incapaz de as mover.

Percebendo que desejava verdadeiramente o ensinamento em si e não os seus símbolos exteriores, tornou-se o primeiro discípulo de Huineng. Pediu imediatamente instruções a Huineng e foi-lhe dito que se sentasse em silêncio e, sem pensar no bem nem no mal, encontrasse o seu rosto original. Huiming despertou.

Perguntou então a Huineng se existia algum outro ensinamento essencial, e Huineng disse-lhe para voltar a luz para dentro de si, encontrando assim tudo o que fosse necessário.

Para discussão adicional, ver a secção sobre "o passo para trás de voltar a luz para dentro", a técnica meditativa da iluminação silenciosa também aqui descrita por Huineng, na Introdução, "A Relação de Hongzhi com Dōgen".

60. Os cinco *skandhas* são forma, sensações, perceções, formações mentais e consciência. Tradicionalmente, no Budismo, toda a experiência é constituída por estes cinco elementos; eles são ensinados como antídoto para visões fixas do eu pessoal como algo inerentemente existente.

61. Os dois portões do significado são o universal, que é silencioso, e o particular, que se envolve na fala.

A expressão "entram em diálogo e a energia desperta" refere-se ao "Cântico do Samadhi do Espelho Precioso", no qual Dongshan diz: "O significado não reside nas palavras, mas um momento decisivo fá-lo emergir."

A última parte também pode ser lida como: "… responde ao impulso interrogativo", ou "… responde à chegada da energia."

Mais adiante, o poema acrescenta:

"Maravilhosamente abraçados no real, o tamborilar e o canto começam juntos.
Penetra a fonte e percorre os caminhos;
abraça o território e estima as estradas."

"Tamborilar e cantar" pode ser interpretado como "interrogação e resposta".

Quanto a "os de primeira categoria… e os obtusos", em "A Harmonia da Diferença e da Igualdade", Shitou diz:

"Embora as capacidades humanas sejam agudas ou obtusas,
o Caminho não tem patriarcas do norte nem do sul."

Ver Apêndice A, e T. Cleary, *Timeless Spring*, pp. 36, 39-40.

62. Deshan Xuanjian (780-865; “Montanha da Virtude Exibindo o Espelho”; em japonês, Tokusan Senkan) é um Patriarca das escolas Zen Yunmen e Fayan.

Aqui, “nem um único dharma” significa que não existe ensinamento para dar a ninguém.

VERSOS RELIGIOSOS

1. O *Sutra da Iluminação Completa* apresenta doze bodhisattvas que dialogam com o Buda e dele fazem emergir ensinamentos. Este sutra foi importante no Budismo chinês, embora os estudiosos modernos acreditem que seja apócrifo, composto na China, e alguns dos seus ensinamentos tenham sido questionados desde cedo, por exemplo pelo fundador japonês da escola Sōtō no século XIII, Dōgen.

Contudo, a influência do sutra no Budismo chinês foi forte, em parte devido ao interesse e aos comentários da importante figura Guifeng Zongmi (780-841), o Quinto Patriarca da escola Huayan, que também foi sucessor na linhagem Chan proveniente de um dos discípulos do Sexto Patriarca.

Tiantong Hongzhi observa no início dos seus poemas dedicados aos bodhisattvas deste sutra que esses poemas respondem a versos semelhantes compostos por Zhenxie Changlu Qingliao (em japonês: Shinketsu Chōryō Seiryō), irmão no dharma de Hongzhi, cuja linhagem seria posteriormente herdada por Dōgen.

De facto, a imagética destes poemas de Hongzhi tem frequentemente pouca relação direta com o material dos sutras.

Para traduções inglesas deste sutra, ver Master Sheng-Yen, *Complete Enlightenment: Zen Comments on the Sutra of Complete Enlightenment* (Boston: Shambhala, 1999); ou Charles Muller, trad., *The Sutra of Perfect Enlightenment* (Albany: State University of New York Press, 1999).

2. Manjushri, o bodhisattva — ou ser desperto — que encarna a sabedoria e a intuição, é um dos principais bodhisattvas arquetípicos do Budismo Mahayana. Representa o ensinamento do vazio e corta destemidamente através das ilusões para penetrar a

essência de todos os fenómenos, sendo por vezes representado empunhando uma espada e montando um leão.

Para mais informações, ver o capítulo cinco do meu livro: Taigen Daniel Leighton, *Bodhisattva Archetypes: Classic Buddhist Guides to Awakening and their Modern Expression* (Nova Iorque: Penguin Arkana, 1998), pp. 93-120.

"Grande Ser" é a tradução literal de *Mahāsattva*, epíteto clássico para bodhisattvas.

"A brisa da realidade" é uma referência ao *Book of Serenity*, caso 1, no qual Manjushri proclama a talidade do Buda. O comentário em verso de Hongzhi a esse caso é:

"A brisa única da realidade — consegues vê-la?
Continuamente a criação faz mover o seu tear e a sua lançadeira,
Tecendo o brocado antigo, incorporando as formas da primavera,
Mas nada pode ser feito quanto à fuga de Manjushri."

Ver T. Cleary, *Book of Serenity*, p. 4.

3. O homem de madeira e a mulher de jade referem-se às figuras descritas no verso de Dongshan, no "Cântico do Samadhi do Espelho Precioso":

"O homem de madeira começa a cantar;
a mulher de pedra levanta-se para dançar."

Ver Apêndice A. Ver também o poema de Hongzhi abaixo, "Os Cinco Graus".

4. "Portões" refere-se aos portões sensoriais, ou meios de perceção, mas também aos ensinamentos ou portões do Dharma, isto é, vias de entrada para a realização.

5. O nome do Bodhisattva Samantabhadra significa Virtude Universal ou Dignidade Universal. É o bodhisattva da prática desperta no mundo, da aplicação da sabedoria em benefício dos seres.

Samantabhadra exprime também grande compromisso, votos devocionais e visões exaltadas de interligação universal. Embora esteja

presente no mundo sob muitas formas, diz-se que são necessárias práticas elaboradas para o contemplar em toda a sua glória.

Ver Leighton, *Bodhisattva Archetypes*, capítulo seis, pp. 121-157.

6. "Espelho-flor", *linhua*, significa literalmente a flor da castanha-de-água, que possui folhas em forma de losango, mas a expressão também é por vezes usada como palavra para espelho.

7. O Assento do Despertar é *dojo*, o lugar do despertar, usado como tradução sino-japonesa de *bodhimaṇḍala*, o assento onde um Buda desperta.

Além de Manjushri, Samantabhadra e Maitreya (abaixo), os restantes bodhisattvas presentes no *Sutra da Iluminação Completa* não são celebrados e permanecem desconhecidos noutros sutras.

8. Diz-se que o Bodhisattva Maitreya foi o discípulo acerca do qual o Buda Shakyamuni predisse que se tornaria o próximo Buda encarnado no futuro.

Atualmente, afirma-se que Maitreya reside num dos céus meditativos, aguardando tornar-se Buda e contemplando como libertar todos os seres. O seu nome refere-se à prática da bondade amorosa, sendo frequentemente representado como algo simples e ingénuo, embora benevolente.

Historicamente uma figura complexa, Maitreya representa esperanças quase messiânicas num futuro melhor e inspirou muita atividade cultual na China.

Está também associado à escola Yogācāra do Budismo e ao seu exame meditativo da fenomenologia da consciência e dos obstáculos mentais ao despertar, aspetos que Maitreya contempla enquanto espera pacientemente pela budeidade.

Ver Leighton, *Bodhisattva Archetypes*, capítulo nove, pp. 240-278.

9. "O ser celeste insere uma folha de erva" refere-se a uma história incluída por Hongzhi como caso 4 na sua coletânea que serviu de base ao *Book of Serenity*.

Indra, a divindade criadora, caminhava com o Honrado pelo Mundo e a sua assembleia quando o Buda apontou para o chão e disse: "Este lugar é bom para construir um santuário."

Indra pegou numa folha de erva, espetou-a no solo e disse: “O santuário está construído.”

O Buda sorriu.

Ver T. Cleary, *Book of Serenity*, pp. 17-19.

10. A referência é à antiga história Zen em que o Buda ergue silenciosamente uma flor diante da assembleia, levando o seu discípulo Mahakashyapa a sorrir.

Na tradição Zen, considera-se que esta foi a primeira transmissão do “Tesouro do Olho do Verdadeiro Dharma e da mente maravilhosa do nirvana”, pela qual Mahakashyapa é designado como o primeiro Patriarca Zen indiano.

11. O Mahāsattva Fu (497-569) foi um lendário pregador budista leigo da China antiga.

Diz-se que Fu estudou com o seu contemporâneo Bodhidharma, também lendário enquanto fundador do Chan. Fu afirmava ter vindo do céu meditativo de Maitreya e mais tarde foi amplamente considerado uma encarnação de Maitreya.

Neste poema, Hongzhi usa um dos cognomes de Fu: “Grande Ser Libertador de Peixes” (*Yuxing Dashi* em chinês; *Gyōgyō Daishi* em japonês).

Fu recebeu esse nome devido à sua prática de levar os peixes que capturava até ao meio do rio e libertar aqueles que desejassem sair do seu cesto.

Mais tarde, Fu salvou muitos camponeses da fome vendendo todos os seus bens domésticos e trabalhou arduamente nos campos com a sua família para alimentar as muitas pessoas a quem também expunha o Dharma.

Hotei é o nome japonês do lendário monge chinês Budai, do século X, frequentemente representado e amado como o Buda gordo e sorridente.

Monge errante bondoso e desalinhado, que brincava frequentemente com crianças, Hotei veio a ser considerado uma encarnação de Maitreya.

Utilizo o nome japonês em parte por ser mais familiar no Ocidente, mas também porque esta identificação se tornou tão difundida que esta figura é geralmente designada simplesmente Maitreya (em chinês, Milefo) no Budismo chinês.

Para mais sobre Hotei e Mahāsattva Fu, ver Leighton, *Bodhisattva Archetypes*, pp. 260-262.

12. Rir-se do vento e da bandeira é uma referência a uma história sobre o Sexto Patriarca chinês Huineng.

Depois de receber a transmissão do Quinto Patriarca, Huineng viveu anonimamente durante quinze anos antes de se revelar e ensinar. Ver notas 57-59 das Instruções de Prática.

A sua revelação foi desencadeada pela história apresentada no caso 29 da coletânea de koans *Mumonkan* (*A Barreira Sem Portão*), quando ouviu dois monges discutirem uma bandeira agitada pelo vento.

Um monge disse que a bandeira se movia. O outro disse que era o vento que se movia. Huineng comentou que, na verdade, eram as suas mentes que se moviam.

Remover o mastro da bandeira do templo é uma referência à história que aparece no caso 29 do *Mumonkan*, na qual Mahakashyapa, discípulo do Buda, diz ao seu sucessor Ananda para retirar do portão do templo o mastro da bandeira que sinalizava debate.

Ver T. Cleary, trad., *No Barrier: Unlocking the Zen Koan*, pp. 141-143, 106-109; ou Robert Aitken, trad. e comentário, *The Gateless Barrier: The Wu-men Kuan (Mumonkan)* (Berkeley: North Point Press, 1990), pp. 184-188, 142-146.

13. As três contemplações referem-se a três técnicas meditativas ou métodos expedientes descritos pelo Buda ao Bodhisattva Majestosa Virtude e Serenidade no sutra.

São designadas em sânscrito *śamatha*, *samāpati* e *dhyāna*, respetivamente, e o sutra apresenta diversas discussões sobre o seu funcionamento.

Correndo o risco de simplificar excessivamente a apresentação do sutra:

— A primeira técnica envolve o assentar e aquietar de todos os pensamentos. Isto é feito não pela supressão ou bloqueio dos pensamentos, mas permitindo simplesmente que a atividade mental venha e vá, largando-a sem preocupação nem tentativa de manipulação.

— A segunda técnica consiste em ver todos os fenómenos como igualmente ilusórios, incluindo os próprios ensinamentos do despertar, embora o praticante continue a participar neste campo ilusório em benefício do despertar dos seres ilusórios.

— O terceiro método, tal como descrito neste sutra, implica a plena realização da vacuidade do corpo, da mente e de todas as categorias, para além das palavras e da linguagem. Assim, todos os obstáculos são transcendidos, embora o praticante continue a manifestar-se no mundo físico, "tal como o som de um instrumento musical pode propagar-se para além".

Ver Sheng-Yen, *Complete Enlightenment: Zen Comments on the Sutra of Complete Enlightenment*, pp. 41-42, 224-235.

14. O capítulo do *Sutra da Iluminação Completa* dedicado ao Bodhisattva Sabedoria Pura afirma:

"Todos os obstáculos são eles próprios iluminação última", e "Todas as aflições são libertação última."

Ver Sheng-Yen, *Complete Enlightenment*, p. 38.

15. As mil mãos e olhos referem-se a uma das formas iconográficas do Bodhisattva da compaixão: Avalokiteshvara em sânscrito, Chenrezig em tibetano, Guanyin em chinês, e Kannon ou Kanzeon em japonês.

Provavelmente o mais popular dos bodhisattvas e um dos mais complexos, com numerosas manifestações diversas, o nome Avalokiteshvara/Kanzeon significa "aquele que contempla os sons do mundo", muito semelhante ao nome do Bodhisattva Discernidor dos Sons, que, contudo, parece ser distinto do célebre bodhisattva da compaixão.

Para Avalokiteshvara em todas as suas formas, ver Leighton, *Bodhisattva Archetypes*, capítulo sete, pp. 158-205.

16. Este título também pode ser traduzido como "Admoestações para o Zazen" ou "O Essencial do Zazen". *Zazen* significa meditação sentada.

17. Ver nota 3 acima e o "Poema a Manjushri Bodhisattva".

A etapa descrita no poema de Hongzhi sobre os cinco graus precede claramente o canto do homem de madeira no "Cântico do Samadhi do Espelho Precioso", de Dongshan.

O Rio das Estrelas é a Via Láctea.

18. Ver nota 47 das Instruções de Prática.

19. Os "quatro hóspedes e anfitriões" constituem uma formulação de ensinamento do grande Linji Yixuan (m. 867), fundador da escola Rinzai.

Ver Chang, *Original Teachings of Chan Buddhism*, pp. 95-97.

20. O "corpo da verdade", ou *dharmakāya*, é o corpo absoluto, vazio e cósmico do Buda.

21. O "corpo de resposta", ou corpo de transformação (*nirmāṇakāya*), é o corpo histórico do Buda encarnado em forma humana para responder aos seres com compaixão desperta.

22. Maitreya, predito como o próximo Buda encarnado, reside atualmente nos céus do reino do desejo, aguardando a oportunidade de aparecer e salvar todos os seres.

Mas também pode manifestar-se no mundo, por exemplo sob a forma do monge ingénuo Hotei. Ver "Poema ao Bodhisattva Maitreya", acima.

23. Esta famosa expressão de Linji designa o adepto plenamente realizado.

Hongzhi conta a história no *Book of Serenity*:

"Linji disse à assembleia: 'Existe um verdadeiro homem sem posição que entra e sai continuamente pelos portais do vosso rosto. Os principiantes que ainda não o testemunharam, olhem! Olhem!'

Então um monge avançou e perguntou: 'O que é o verdadeiro homem sem posição?'

Linji desceu do assento, agarrou-o e segurou-o firmemente; o monge hesitou. Linji afastou-o e disse: 'O verdadeiro homem sem posição — que pedaço de excremento seco ele é!'"

(T. Cleary, *Book of Serenity*, caso 38, p. 167.)

24. "Memorial" significa literalmente pagode ou *stupa*, uma estrutura memorial que alberga relíquias de um Buda ou santo.

Jianzhi Sengcan (m. 606), leproso, ainda era leigo quando recebeu a transmissão do Segundo Patriarca.

25. Citação do popular longo poema "Sobre a Fé na Mente", atribuído ao Terceiro Patriarca.

Ver, por exemplo, a tradução em D. T. Suzuki, *Manual of Zen Buddhism* (Nova Iorque: Grove Press, 1960), pp. 76-82.

26. Caverna (*dong*) e nuvem (*yun*) podem muito bem referir-se ao fundador Sōtō Dongshan Liangjie (807-869) e ao seu sucessor Yunju Daoying (m. 902), ou talvez ao seu mestre Yunyan Tansheng (782-841). Ver Introdução, "O Contexto Sōtō".

Lidas desta forma, as últimas linhas deste verso podem ser:

"O boi de pedra ruge! Dongshan e Yunju [ou Yunyan] ergueram-se desta claridade."

27. Dayi Daoxin (580-651) foi o primeiro Patriarca Zen a estabelecer a sua própria comunidade autossuficiente.

Huangmei é o nome do lugar associado ao Quinto Patriarca Daman (ver poema seguinte).

Este poema e o seguinte referem-se a uma história da tradição Sōtō relacionada por Dōgen no seu ensaio "Shōbōgenzō Buddha Nature" (ver tradução de Norman Waddell e Masao Abe em *Eastern Buddhist* 8, n.º 2 [1975]: 107-108).

A história conta que o Quarto Patriarca, Dayi, encontrou Daman na sua vida anterior, quando este se chamava Zaisong Daozhe, "Viajante do Caminho que Planta Pinheiros".

Dayi disse-lhe:

“Gostaria de te transmitir o Dharma, mas és demasiado velho. Se voltares a nascer neste mundo, esperarei por ti.”

Zaisong concordou. Depois de morrer e renascer (como aquele que viria a tornar-se o Quinto Patriarca), encontrou Dayi quando tinha sete anos, e Dayi reconheceu-o.

28. O Quinto Patriarca, Daman Hongren (602-675), estabeleceu uma comunidade grande e florescente.

“A natureza de Buda é plantada em diferentes nascimentos humanos” continua a referência à história mencionada na nota anterior.

No momento do encontro entre o Quarto Patriarca Dayi e o jovem Daman de sete anos, ocorreu um diálogo extraordinário.

Dayi perguntou-lhe:

“Qual é o teu nome?”

O rapaz respondeu:

“Existe um nome, mas não é um nome comum.”

O Patriarca perguntou:

“Que nome é esse?”

O rapaz disse:

“É natureza de Buda.”

O Patriarca afirmou:

“Tu não tens natureza de Buda.”

O jovem extraordinário respondeu:

“Dizes ‘não [natureza de Buda]’ porque a natureza de Buda é vacuidade.”

Para o comentário igualmente extraordinário e esclarecedor de Dōgen sobre este diálogo, ver “Buddha Nature”, ibid., pp. 108-112.

29. “A túnica transmitida à cordilheira do sul” refere-se à transmissão de Daman ao sulista Dajian Huineng, que se tornou o Sexto Patriarca mas teve de fugir para sul depois de receber o legado de Daman.

Ver notas 57-59 das Instruções de Prática.

As montanhas do ocidente, direção do pôr-do-sol, são uma imagem tradicional chinesa para a morte; assim, "posso voltar novamente" refere-se à morte e ao renascimento.

30. Touzi Yiqing (1032-1083) restabeleceu o ensinamento Sōtō depois de este quase se ter extinguido (ver nota ao Apêndice B, a Linhagem Sōtō); reviveu o estudo dos cinco graus em conjugação com o *Sutra da Guirlanda de Flores*.

As relíquias de budas e santos guardadas em stupas consistem normalmente em restos encontrados nos ossos após a cremação do corpo, os quais se diz possuírem uma qualidade cristalina.

31. Furong Daokai (1043-1118) foi o sucessor imediato de Touzi e mestre de Danxia Zichun, mestre de Hongzhi.

Revitalizou e estabeleceu padrões duradouros para a comunidade monástica Sōtō.

"Tamborilar e cantar" é uma imagem da interação harmoniosa entre mestre e discípulo.

32. No Leste Asiático, diz-se que existe um coelho na lua, tal como os ocidentais veem um homem na lua.

33. O tear de jade — que também poderia ser traduzido como "máquina de jade" ou "mecanismo de jade" — é uma importante imagem para Hongzhi da integração completa ou da realização simultânea do universal e do particular.

No caso 49 do *Book of Serenity*, acerca da declaração de Yunyan a Dongshan, "Precisamente isto é", o comentário em verso de Hongzhi inclui:

"O espelho-joia, claro e luminoso, mostra o absoluto e o relativo:
o mecanismo de jade gira — vê ambos surgirem ao mesmo tempo."

Wansong acrescenta:

"Embora o espelho esteja limpo, possui frente e verso; apenas o mecanismo de jade que o faz girar os tece conjuntamente, ambos luz, ambos escuridão, através da técnica da realização simultânea."

(T. Cleary, *Book of Serenity*, p. 208.)

34. Vertical e Inclinado são sinónimos de verdadeiro e parcial, ou universal e particular. Ver a discussão dos cinco graus na Introdução, "O Contexto Sōtō".

35. *Śūnyatā*, sânscrito para "vacuidade", é o ensinamento budista fundamental da ausência de existência inerente em todas as entidades.

Também foi traduzido como "relatividade", já que todas as entidades são, na realidade, interdependentes e totalmente interligadas.

Mudra é um termo sânscrito para gestos ou posturas físicas simbólicas, frequentemente usados em encenações rituais, representando e atualizando aspetos do ensinamento.

Mudra foi traduzido como "selo" no sentido de confirmação ou certificação de um ensinamento.

A postura do zazen como um todo pode ser vista como um *mudra*, sendo assim descrita em relação ao samadhi do selo oceânico.

36. A referência aqui é a uma história do Período dos Estados Combatentes da China (480-221 a.C.).

O Senhor Ho apresentou a um governante uma grande pedra contendo jade, mas o governante não reconheceu o seu valor e ordenou que lhe cortassem um pé.

A pedra foi oferecida a um segundo governante, que repetiu o erro, custando ao Senhor Ho o outro pé.

Finalmente, um terceiro governante aceitou a oferenda e reconheceu o seu grande valor.

Ver Burton Watson, trad., *Han Fei Tzu: Basic Writings* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1969), p. 80.

Mais tarde, este rei decidiu trocar a grande joia com um governante vizinho por quinze cidades. O sábio ministro Xiangru transportou a pedra em seu nome.

Depois de entregar a joia, Xiangru percebeu que o rei rival não tencionava cumprir a promessa de entregar as cidades em troca.

Xiangru recuperou então a grande joia através de um estratagema: apontou para ela e disse que mostraria ao rei uma falha existente na pedra; quando o rei lhe devolveu a joia, Xiangru fugiu em segurança de volta à sua própria terra com o tesouro.

37. Vimalakirti foi um leigo iluminado do tempo do Buda Shakyamuni, muito estimado no Zen, que superava todos os discípulos e bodhisattvas em compreensão.

O clímax do sutra que leva o seu nome é o "silêncio trovejante" de Vimalakirti em resposta à questão de como entrar na não-dualidade, seguindo-se numerosos discursos explicativos sobre o tema por parte dos bodhisattvas reunidos.

Ver Robert Thurman, trad., *The Holy Teaching of Vimalakirti: a Mahayana Scripture* (University Park: Pennsylvania State University Press, 1976), pp. 73-77.

Para mais sobre Vimalakirti, ver Leighton, *Bodhisattva Archetypes*, capítulo dez, pp. 279-313.